

Participação das mulheres Xakriabá na política interna e seus impactos na vida comunitária

Licenciandos:

Edinalva Fernandes Ribeiro
Ailton Nunes Ribeiro

**Etnia
Xakriabá**

ORIENTADORA

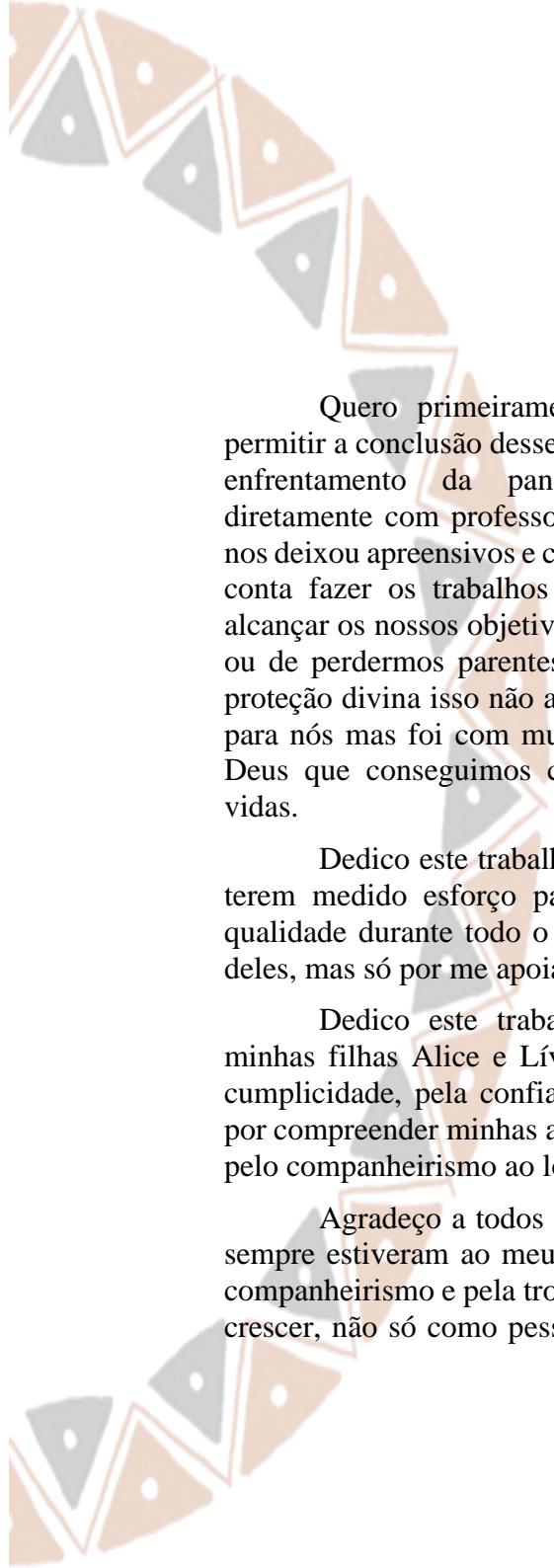
Profa. Dra. Carolina Tamayo Osorio

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA
EDUCADORES INDÍGENAS
HABILITAÇÃO EM CIÊNCIAS DA VIDA E DA NATUREZA
Belo Horizonte
2023**

Resumo da pesquisa

Esta pesquisa foi realizada por dois estudantes da turma de Ciências da Vida e da Natureza (CVN) do Curso Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI). Partindo do conhecimento de que muitas mulheres Xakriabá sempre estiveram engajadas na luta e na participação da política interna, e que pouco falamos delas. Esta pesquisa nasce com o intuito de dar reconhecimento ao importante papel que elas têm. As mulheres que são protagonistas fundamentais em todas as resistências e atividades políticas internas. Ainda que saibamos que olhar e falar da mulher indígena não é uma tarefa fácil, nós acreditamos na força que elas têm e nos desdobramentos que elas fazem para dar o melhor para sua família, para trabalhar na roça, para ser artesã, parteira, benzedeira, ativista, e inclusive elas trabalham fora de casa. Para a realização deste trabalho nos inspiramos em seis histórias de luta de mulheres Xakriabá, e escolhemos a história oral como forma para registrar, aqui neste percurso, as suas histórias de vida e trajetórias.

Palavras-chave: Mulheres Indígenas; Educação , Povo Xakriabá



Dedicatória e Agradecimentos

Edinalva Fernandes Ribeiro

Quero primeiramente, agradecer a Deus, por nos permitir a conclusão desse curso, depois de 2 anos difíceis com enfrentamento da pandemia COVID-19 sem contato diretamente com professores, só por via internet. Esse tempo nos deixou apreensivos e com muito medo, medo de não darmos conta fazer os trabalhos via internet, de não conseguirmos alcançar os nossos objetivos, até mesmo de não sobrevivermos ou de perdermos parentes com essa pandemia, mas graças a proteção divina isso não aconteceu, tudo foi novo e desafiador para nós mas foi com muita fé, esperança e gratidão ao bom Deus que conseguimos concluir mais uma etapa de nossas vidas.

Dedico este trabalho aos meus pais e irmãos por nunca terem medido esforço para me proporcionar um ensino de qualidade durante todo o meu período escolar, nas condições deles, mas só por me apoiar para mim já é o suficiente.

Dedico este trabalho ao meu esposo Hedenilson e minhas filhas Alice e Lívia por todas as alegrias, confiança, cumplicidade, pela confiança nas minhas escolhas. Agradeço por compreender minhas ausências, os esforços em me ajudar e pelo companheirismo ao longo desse ciclo de estudos.

Agradeço a todos meus amigos Xakriabá e Pataxó que sempre estiveram ao meu lado, durante os últimos anos, pelo companheirismo e pela troca de experiência que me permitiram crescer, não só como pessoa, mas também como profissional.

aos nossos familiares que sempre acreditaram na nossa capacidade de realização deste trabalho, por estarem presentes nos momentos que mais precisamos, dando apoio para prosseguirmos e por compreenderem a minha ausência por dedicar a esse trabalho.

Agradeço aos nossos caciques e liderança indígenas por sempre estarem buscando o melhor para nosso povo e uma prova disso é a conquistas dessas vagas de curso na UFMG e em outras instituições universitárias, mesmo diante tantas coisas a serem resolvidas na aldeia. Quero aqui também agradecer às lideranças Weliton da aldeia Sumaré III e Sr. Valdemar da aldeia Prata por irem até a nós em Belo Horizonte dar conselhos, orientações e apoio.

A UFMG e toda equipe responsável por dar esse espaço para nós povos indígenas, sabemos o quanto somos acolhidos lá e por dar assistência quando precisamos, assim como a todos que contribuíram direta ou indiretamente para incluir e recepcionar nós indígenas nas universidades.

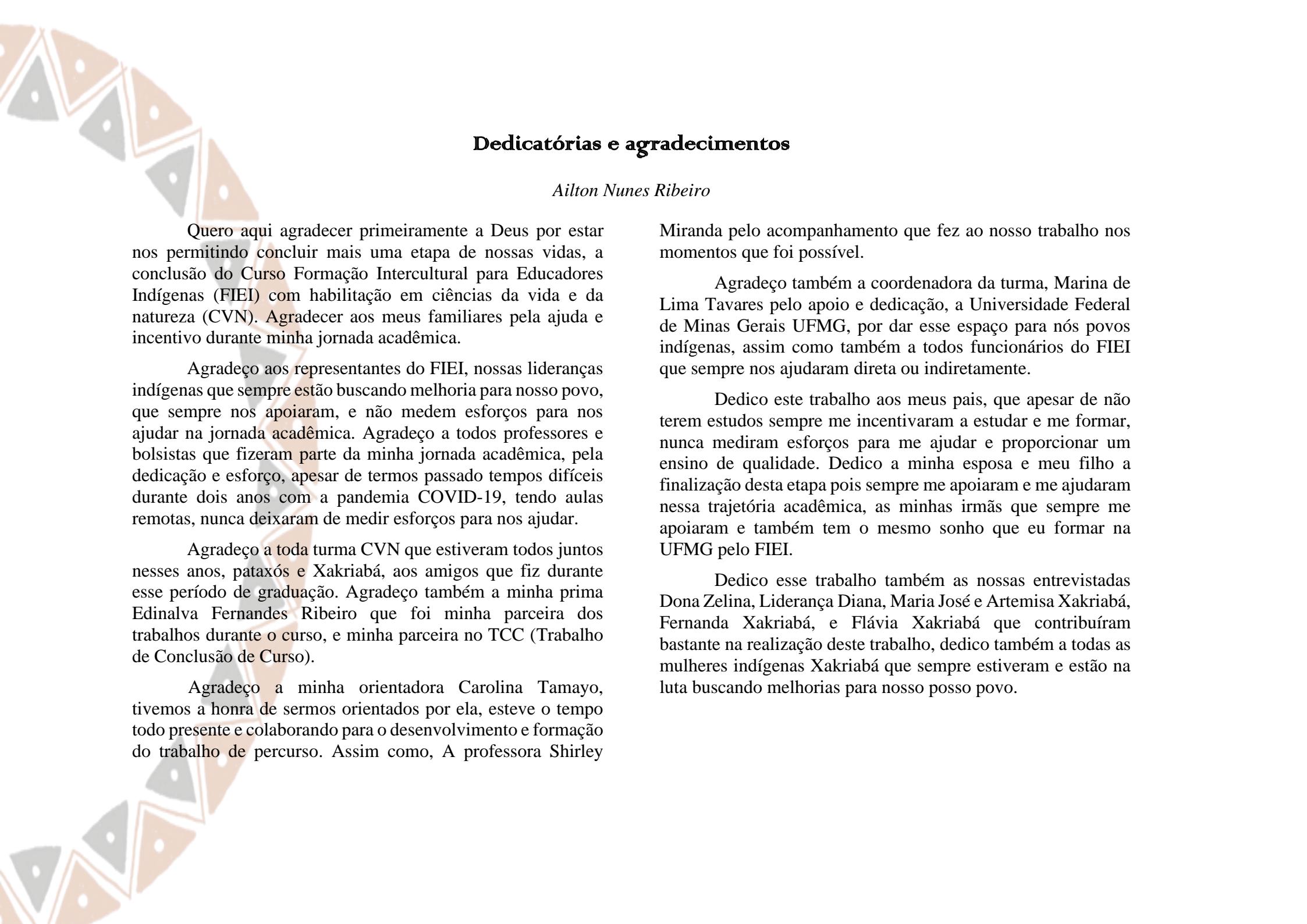
A orientadora Carolina Tamayo agradeço, pois, tivemos a honra de sermos orientados por ela, não foi nada fácil, mas foi guerreira por não nos abandonar nesse tempo tão corrido que foi para fazermos este trabalho, pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar o melhor desempenho no meu processo profissional. E aos demais professores e bolsistas que sempre estiveram preocupados conosco em saber como estava



o andamento do nosso trabalho e sempre buscando nos orientar para tomarmos as melhores decisões no processo de escolha dos orientadores. A professora Shirley Miranda pelo acompanhamento que fez ao nosso trabalho nos momentos que foi possível.

Não poderia deixar aqui de agradecer as nossas entrevistadas Artemisa Xakriabá, Maria José, Dona Zelina, Liderança Diana, Flavia Xacriabá, Fernanda Xakriabá assessora de Célia de Xakriabá. Também gostaria de agradecer as pessoas

que nos emprestaram suas fotografias para serem usadas no nosso trabalho: Edgar Xakriabá, Maisa Xakriabá, Vânia Lopes, Edilaine Xakriabá. não poderia esquecer de agradecer a minha cunhada Luana que volte e meia contribuiu com sugestões, então eu costumo dizer que o nosso trabalho foi sendo realizado graças ao coletivo, uma característica também do nosso povo. Sem essas pessoas não teria sido possível a realização deste trabalho. Dedico este trabalho e a todas as mulheres Xakriabá pelo histórico de lutas de cada uma delas.



Dedicatórias e agradecimentos

Ailton Nunes Ribeiro

Quero aqui agradecer primeiramente a Deus por estar nos permitindo concluir mais uma etapa de nossas vidas, a conclusão do Curso Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI) com habilitação em ciências da vida e da natureza (CVN). Agradecer aos meus familiares pela ajuda e incentivo durante minha jornada acadêmica.

Agradeço aos representantes do FIEI, nossas lideranças indígenas que sempre estão buscando melhoria para nosso povo, que sempre nos apoiaram, e não medem esforços para nos ajudar na jornada acadêmica. Agradeço a todos professores e bolsistas que fizeram parte da minha jornada acadêmica, pela dedicação e esforço, apesar de termos passado tempos difíceis durante dois anos com a pandemia COVID-19, tendo aulas remotas, nunca deixaram de medir esforços para nos ajudar.

Agradeço a toda turma CVN que estiveram todos juntos nesses anos, pataxós e Xakriabá, aos amigos que fiz durante esse período de graduação. Agradeço também a minha prima Edinalva Fernandes Ribeiro que foi minha parceira dos trabalhos durante o curso, e minha parceira no TCC (Trabalho de Conclusão de Curso).

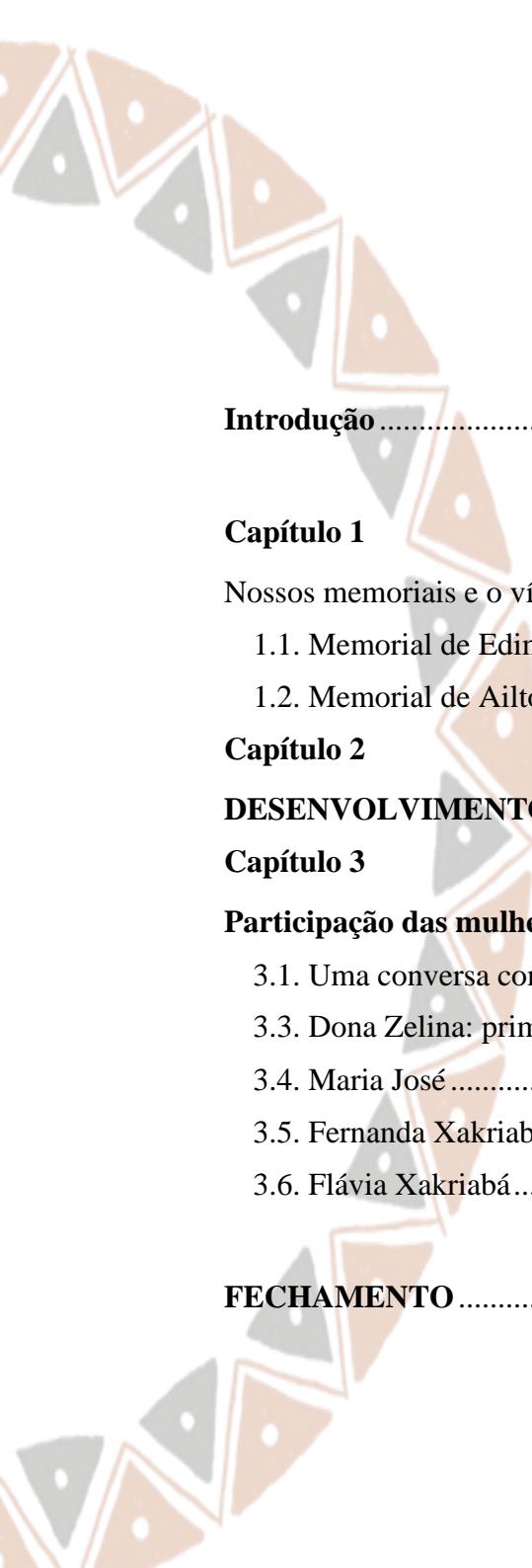
Agradeço a minha orientadora Carolina Tamayo, tivemos a honra de sermos orientados por ela, esteve o tempo todo presente e colaborando para o desenvolvimento e formação do trabalho de percurso. Assim como, A professora Shirley

Miranda pelo acompanhamento que fez ao nosso trabalho nos momentos que foi possível.

Agradeço também a coordenadora da turma, Marina de Lima Tavares pelo apoio e dedicação, a Universidade Federal de Minas Gerais UFMG, por dar esse espaço para nós povos indígenas, assim como também a todos funcionários do FIEI que sempre nos ajudaram direta ou indiretamente.

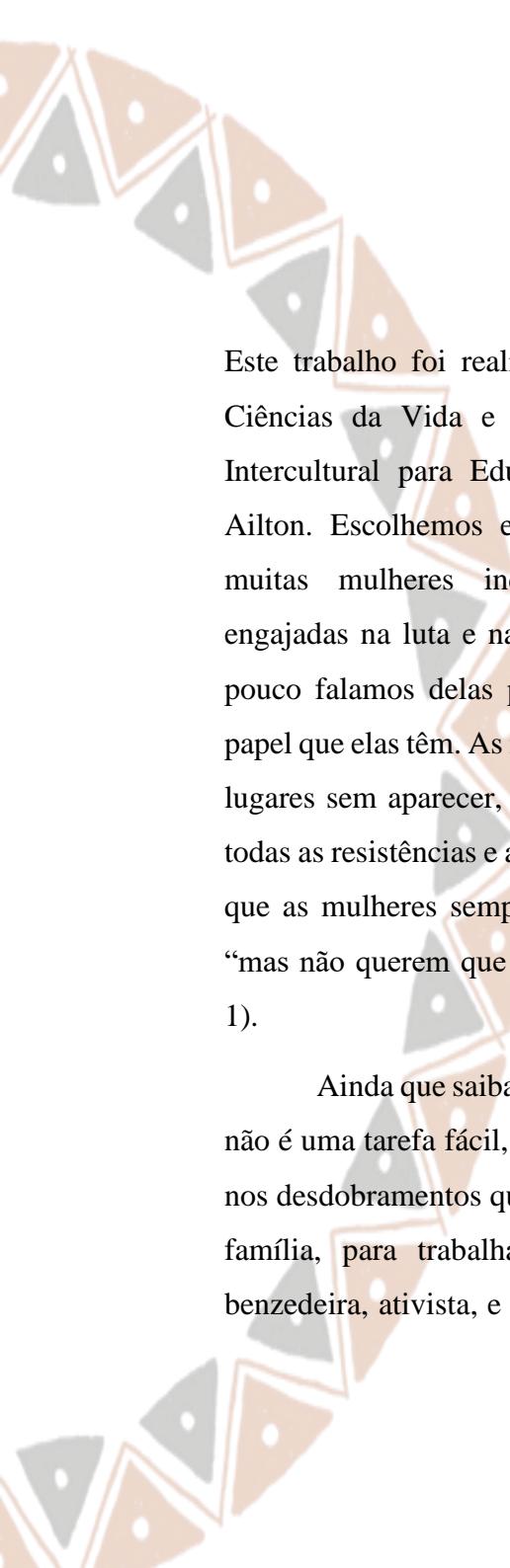
Dedico este trabalho aos meus pais, que apesar de não terem estudos sempre me incentivaram a estudar e me formar, nunca mediram esforços para me ajudar e proporcionar um ensino de qualidade. Dedico a minha esposa e meu filho a finalização desta etapa pois sempre me apoiaram e me ajudaram nessa trajetória acadêmica, as minhas irmãs que sempre me apoiaram e também tem o mesmo sonho que eu formar na UFMG pelo FIEI.

Dedico esse trabalho também as nossas entrevistadas Dona Zelina, Liderança Diana, Maria José e Artemisa Xakriabá, Fernanda Xakriabá, e Flávia Xakriabá que contribuíram bastante na realização deste trabalho, dedico também a todas as mulheres indígenas Xakriabá que sempre estiveram e estão na luta buscando melhorias para nosso povo.



Sumário

Introdução	7
Capítulo 1	
Nossos memoriais e o vínculo com o tema de pesquisa.....	14
1.1. Memorial de Edinalva Fernandes Ribeiro	14
1.2. Memorial de Ailton Nunes Ribeiro	19
Capítulo 2	
DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA.....	24
Capítulo 3	
Participação das mulheres Xakriabá na política interna e seus impactos na vida comunitária	37
3.1. Uma conversa com Diana Xakriabá	37
3.3. Dona Zelina: primeira mulher indígena professora do Xakriabá.....	45
3.4. Maria José	56
3.5. Fernanda Xakriabá.....	66
3.6. Flávia Xakriabá.....	73
FECHAMENTO	79



Introdução

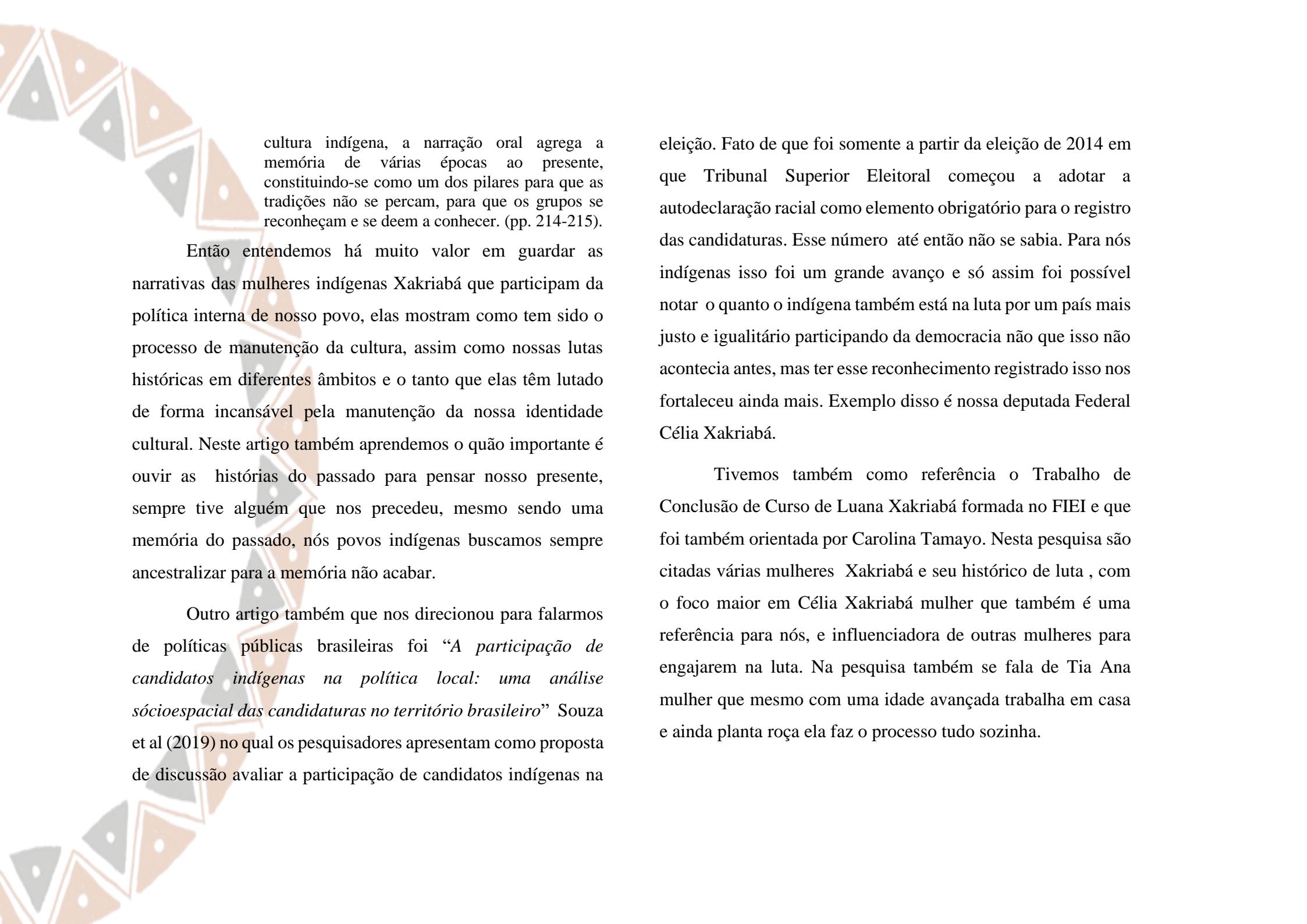
Este trabalho foi realizado por dois estudantes da turma de Ciências da Vida e da Natureza (CVN) Curso Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI), Edinalva e Ailton. Escolhemos este tema porque nós percebemos que muitas mulheres indígenas Xakriabá sempre estiveram engajadas na luta e na participação da política interna, e que pouco falamos delas para dar reconhecimento ao importante papel que elas têm. As mulheres que, mesmo quietinhas em seus lugares sem aparecer, elas são protagonistas fundamentais em todas as resistências e atividades políticas internas. Entendemos que as mulheres sempre estiveram nas lutas dos seus povos, “mas não querem que sejamos vistas” (CARVAJAL, 2014, p. 1).

Ainda que saibamos que olhar e falar da mulher indígena não é uma tarefa fácil, nós acreditamos na força que elas têm e nos desdobramentos que elas fazem para dar o melhor para sua família, para trabalhar na roça, para ser artesã, parteira, benzedeira, ativista, e inclusive elas trabalham fora de casa. A

mulher indígena ele tem muitas qualidades e, uma delas é conseguir fazer muita coisa ao mesmo tempo. O patriarcado - no olhar machista- tem colocado a mulher indígena só como reproduutora, mas com esta pesquisa queremos reivindicar o papel das mulheres Xakriabá na política e organização interna de nosso povo.

Para a realização deste trabalho nos inspiramos em várias histórias de luta de algumas mulheres Xakriabá, e escolhemos a história oral como forma para registrar aqui neste percurso as suas histórias de vida e trajetórias. Procurando pesquisas que trabalhassem com a história oral no conectado indígena limos o artigo “*A força de contar histórias: tradição oral indígena e história oral em Roraima*” de Souza, Silva e Spotti (2013) das quais aprendemos que

um dos mote para a narração é (re) passar as experiências vividas no dia a dia, difundi-las e socializá-las no interior dos grupos sociais. Como prática social, “a força de contar histórias se faz, permanecendo, necessária e vigorosa, através dos séculos” (GOTLIB, 2004, p. 6). No âmago da



cultura indígena, a narração oral agrega a memória de várias épocas ao presente, constituindo-se como um dos pilares para que as tradições não se percam, para que os grupos se reconheçam e se deem a conhecer. (pp. 214-215).

Então entendemos há muito valor em guardar as narrativas das mulheres indígenas Xakriabá que participam da política interna de nosso povo, elas mostram como tem sido o processo de manutenção da cultura, assim como nossas lutas históricas em diferentes âmbitos e o tanto que elas têm lutado de forma incansável pela manutenção da nossa identidade cultural. Neste artigo também aprendemos o quanto importante é ouvir as histórias do passado para pensar nosso presente, sempre tive alguém que nos precedeu, mesmo sendo uma memória do passado, nós povos indígenas buscamos sempre ancestralizar para a memória não acabar.

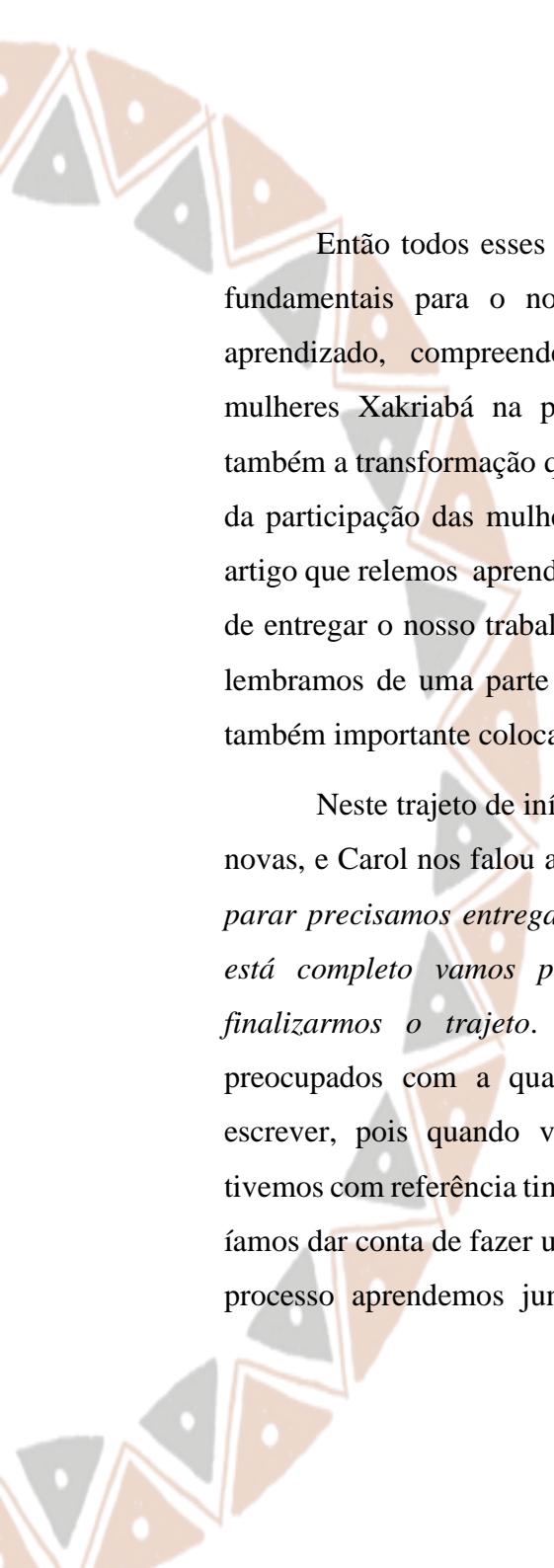
Outro artigo também que nos direcionou para falarmos de políticas públicas brasileiras foi “*A participação de candidatos indígenas na política local: uma análise sócioespacial das candidaturas no território brasileiro*” Souza et al (2019) no qual os pesquisadores apresentam como proposta de discussão avaliar a participação de candidatos indígenas na

eleição. Fato de que foi somente a partir da eleição de 2014 em que Tribunal Superior Eleitoral começou a adotar a autodeclaração racial como elemento obrigatório para o registro das candidaturas. Esse número até então não se sabia. Para nós indígenas isso foi um grande avanço e só assim foi possível notar o quanto o indígena também está na luta por um país mais justo e igualitário participando da democracia não que isso não acontecia antes, mas ter esse reconhecimento registrado isso nos fortaleceu ainda mais. Exemplo disso é nossa deputada Federal Célia Xakriabá.

Tivemos também como referência o Trabalho de Conclusão de Curso de Luana Xakriabá formada no FIEI e que foi também orientada por Carolina Tamayo. Nesta pesquisa são citadas várias mulheres Xakriabá e seu histórico de luta , com o foco maior em Célia Xakriabá mulher que também é uma referência para nós, e influenciadora de outras mulheres para engajarem na luta. Na pesquisa também se fala de Tia Ana mulher que mesmo com uma idade avançada trabalha em casa e ainda planta roça ela faz o processo tudo sozinha.



Figura 1. Crédito: Flavia Xakriabá. Participação das mulheres na ATL 2023.

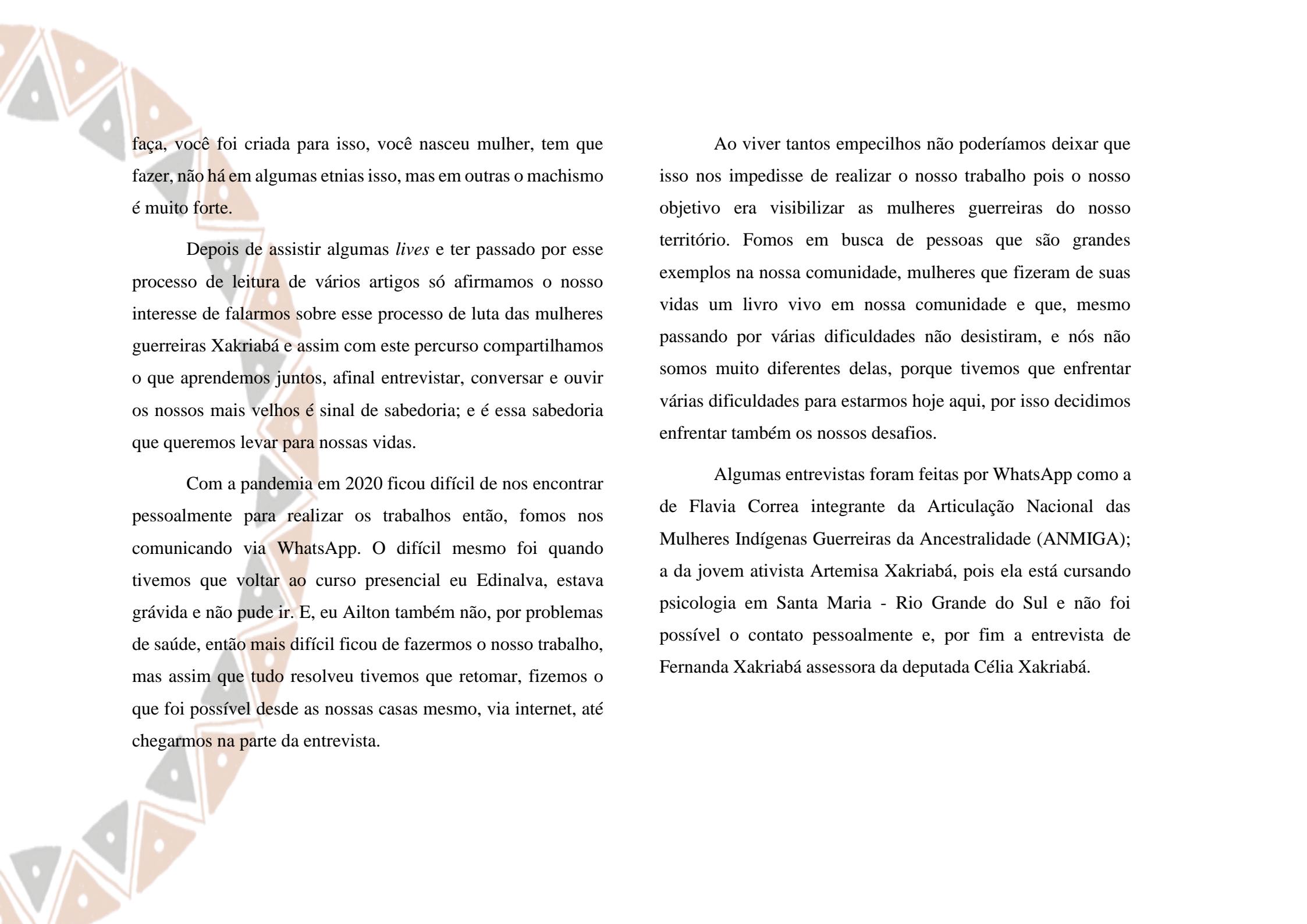


Então todos esses trabalhos e artigos que lemos foram fundamentais para o nosso trabalho, tivemos um bom aprendizado, compreendemos também a importância das mulheres Xakriabá na participação política interna. Vimos também a transformação que aconteceu em relação ao aumento da participação das mulheres nas políticas partidárias, e cada artigo que relemos aprendemos coisas novas, inclusive véspera de entregar o nosso trabalho para a nossa orientadora corrigir, lembramos de uma parte do trabalho de Luana que achamos também importante colocar.

Neste trajeto de início ao fim aprendemos muitas coisas novas, e Carol nos falou assim: *gente uma hora vocês têm que parar precisamos entregar o trabalho, quando pensarem que está completo vamos parar e revisar e conversar para finalizarmos o trajeto.* E, nós estávamos de início era preocupados com a quantidade de páginas que iríamos a escrever, pois quando vimos que os outros trabalhos que tivemos com referência tinham muitas páginas achamos que não íamos dar conta de fazer uma boa quantidade. Só que durante o processo aprendemos junto a Carol que não se tratava de

quantas páginas podíamos escrever mais do que nós estávamos registrando e até onde tempo nos permitia chegar e, hoje nem acreditamos que conseguimos fazer isto tudo e chegamos ao ponto em que poderíamos sentir uma pesquisa completa.

Construindo esta pesquisa também assistimos a *live* de Papiõn Cristiane disponível no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=LiB7CofUEoo>. Com ela aprendemos que o patriarcado e o feminismo são europeus e não indígenas, mas que foi se incorporando de várias formas nas culturas indígenas. O homem da sociedade europeia não pode lavar uma louça, não pode carregar uma bolsa ele não pode ser gentil com a mulher, tem que ser uma coisa sisuda. Muitos homens indígenas são mais calados, mais reservados, mas com a sua companheira sua parceira, eles tem o modo de vida deles, de cuidar e respeitar, se você está carregando um peso vou te ajudar nisso, você tá mal hoje então, quem vai cuidar da casa das crianças é o homem, ele aprende a fazer as coisas quando é casado, até porque ele aprende desde pequeno, que a mulher é sagrada que ela gera vida, então ele tem um respeito maior com a mulher. Na sociedade branca a gente não ver isso, você que



faça, você foi criada para isso, você nasceu mulher, tem que fazer, não há em algumas etnias isso, mas em outras o machismo é muito forte.

Depois de assistir algumas *lives* e ter passado por esse processo de leitura de vários artigos só afirmamos o nosso interesse de falarmos sobre esse processo de luta das mulheres guerreiras Xakriabá e assim com este percurso compartilhamos o que aprendemos juntos, afinal entrevistar, conversar e ouvir os nossos mais velhos é sinal de sabedoria; e é essa sabedoria que queremos levar para nossas vidas.

Com a pandemia em 2020 ficou difícil de nos encontrar pessoalmente para realizar os trabalhos então, fomos nos comunicando via WhatsApp. O difícil mesmo foi quando tivemos que voltar ao curso presencial eu Edinalva, estava grávida e não pude ir. E, eu Ailton também não, por problemas de saúde, então mais difícil ficou de fazermos o nosso trabalho, mas assim que tudo resolveu tivemos que retomar, fizemos o que foi possível desde as nossas casas mesmo, via internet, até chegarmos na parte da entrevista.

Ao viver tantos empecilhos não poderíamos deixar que isso nos impedisse de realizar o nosso trabalho pois o nosso objetivo era visibilizar as mulheres guerreiras do nosso território. Fomos em busca de pessoas que são grandes exemplos na nossa comunidade, mulheres que fizeram de suas vidas um livro vivo em nossa comunidade e que, mesmo passando por várias dificuldades não desistiram, e nós não somos muito diferentes delas, porque tivemos que enfrentar várias dificuldades para estarmos hoje aqui, por isso decidimos enfrentar também os nossos desafios.

Algumas entrevistas foram feitas por WhatsApp como a de Flavia Correa integrante da Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade (ANMIGA); a da jovem ativista Artemisa Xakriabá, pois ela está cursando psicologia em Santa Maria - Rio Grande do Sul e não foi possível o contato pessoalmente e, por fim a entrevista de Fernanda Xakriabá assessora da deputada Célia Xakriabá.

Ainda que o foco da nossa pesquisa seja a participação das mulheres Xakriabá na política interna, não podemos deixar de reconhecer como elas estão cada vez mais participando da política partidária.



Figura 2. Crédito: Edgar Kanaykō. Fonte:
<https://www.correiobrasiliense.com.br/brasil/2022/08/5030549-minas-pode-eleger-indigena-para-o->

Em 2016 tivemos a participação de uma jovem na política partidária não eleita, e em 2020 tivemos a participação de mais duas mulheres indígenas na política partidária candidatas a vereadoras também não eleitas. Em 2022 tivemos a conquista de ter uma candidata a deputada Federal eleita Célia Xakriabá que sempre esteve presente nas lutas internas e externas do nosso território.

Nós queríamos entrevistar a Célia Xakriabá Deputada federal eleita em 2022, mas já na pesquisa de Luana Pinheiro Bizerra (2022) ela foi participante falando sobre a participação da mulher na política interna o foco da nossa pesquisa. Mas queremos deixar aqui registrado que ela se destaca por ser uma mulher de luta e uma grande referência para nós mulheres indígenas. Convidamos para que os leitores desta pesquisa leiam também a pesquisa de Bizerra (2022) na qual há falar de Célia muito importantes como:

Nós mulheres indígenas estamos em ameaça quatro vezes porque nós saímos para um território que não é nosso em busca da luta e por ser mulher, por ser jovem e principalmente por ser ativista dos

direitos humanos". (Célia Xakriabá, live 15_19112020, min. 7:23 - 7:34 Min.).(Bizerra 2022, p.53).

Nessa fala de Célia aprendemos como as mulheres sofrem ameaças e agressões, e é por esse objetivo que ela luta empoderar para fortalecer outras mulheres a fazerem parte dessa luta que é também coletiva, a mulher indígena carrega no sangue a força de luta e dedicação pelo seu povo.



Figura 3. Crédito: Flavia Xakriabá. Participação das mulheres na ATL 2023.

CAPÍTULO 1

Nossos memoriais e o vínculo com o tema de pesquisa

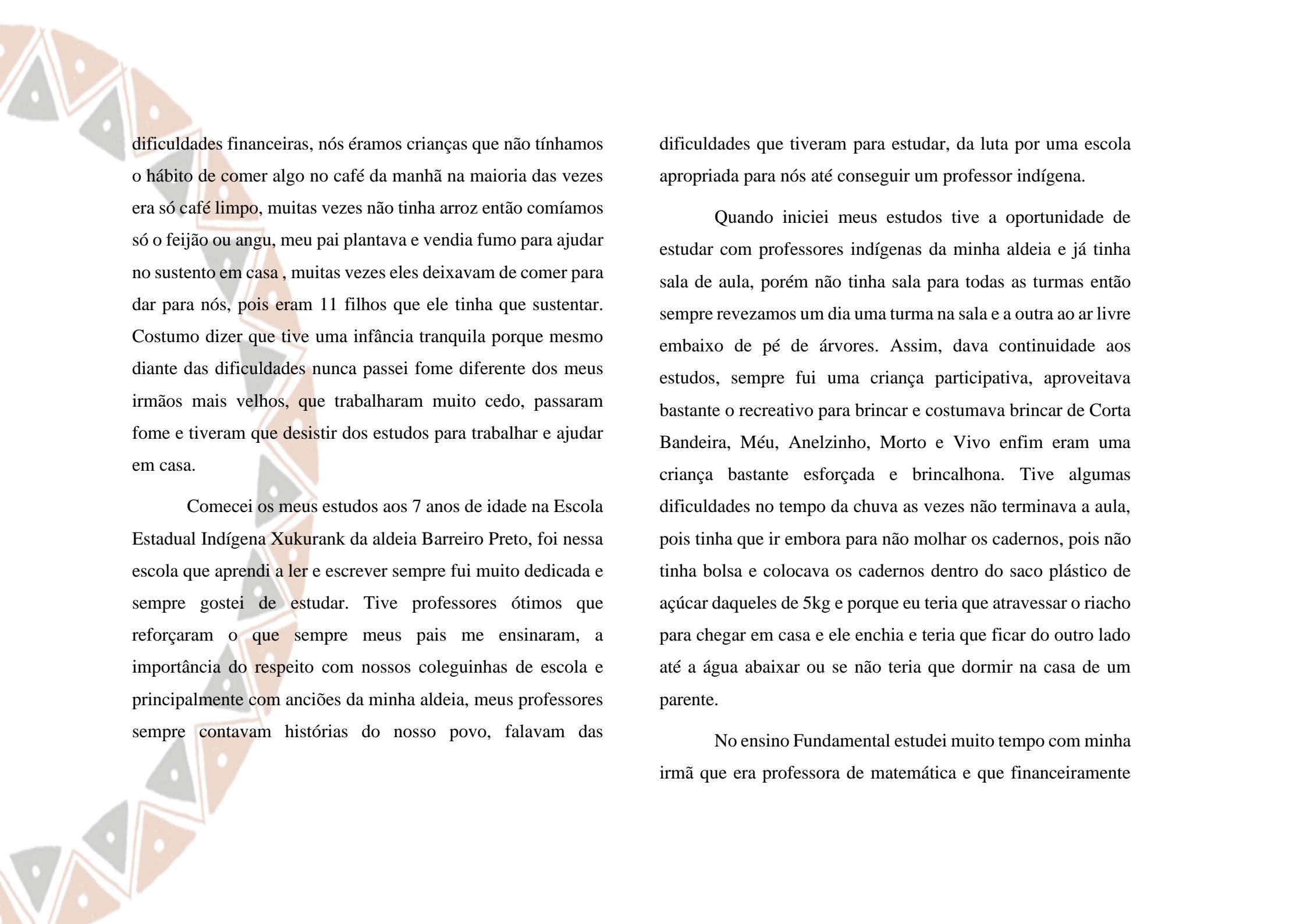
1.1. Memorial de Edinalva Fernandes Ribeiro



Figura 4. Fotografia de Edinalva Fernandes Ribeiro.

Meu nome é Edinalva Fernandes Ribeiro, tenho 28 anos, sou casada e tenho duas filhas. Sou filha de Dário Fernandes Ribeiro e Ana Araújo Ribeiro, tenho 04 irmãos e 06 irmãs. Nasci e me criei na aldeia Xakriabá Barreiro Preto, casei-me e hoje moro na aldeia Sumaré 2, Reserva Indígena Xakriabá, Município de São João das Missões- MG. Pertenço ao povo indígena Xakriabá, povo forte que carrega uma história de luta e muita resistência. O ano de 1987 ficou marcado na nossa história pela chacina em que perdemos grandes lideranças.

Tive uma infância bem tranquila, era uma criança obediente e que gostava muito de brincar. Lembro que todos os dias a tardezinha eu ia com meus irmãos brincar na casa dos meus primos, no outro dia era na minha casa e assim sucessivamente; recordo também que o único que tinha televisão na aldeia era o meu Tio Alípio então todos os dias nós íamos assistir na casa dele. Meus pais passaram por muitas



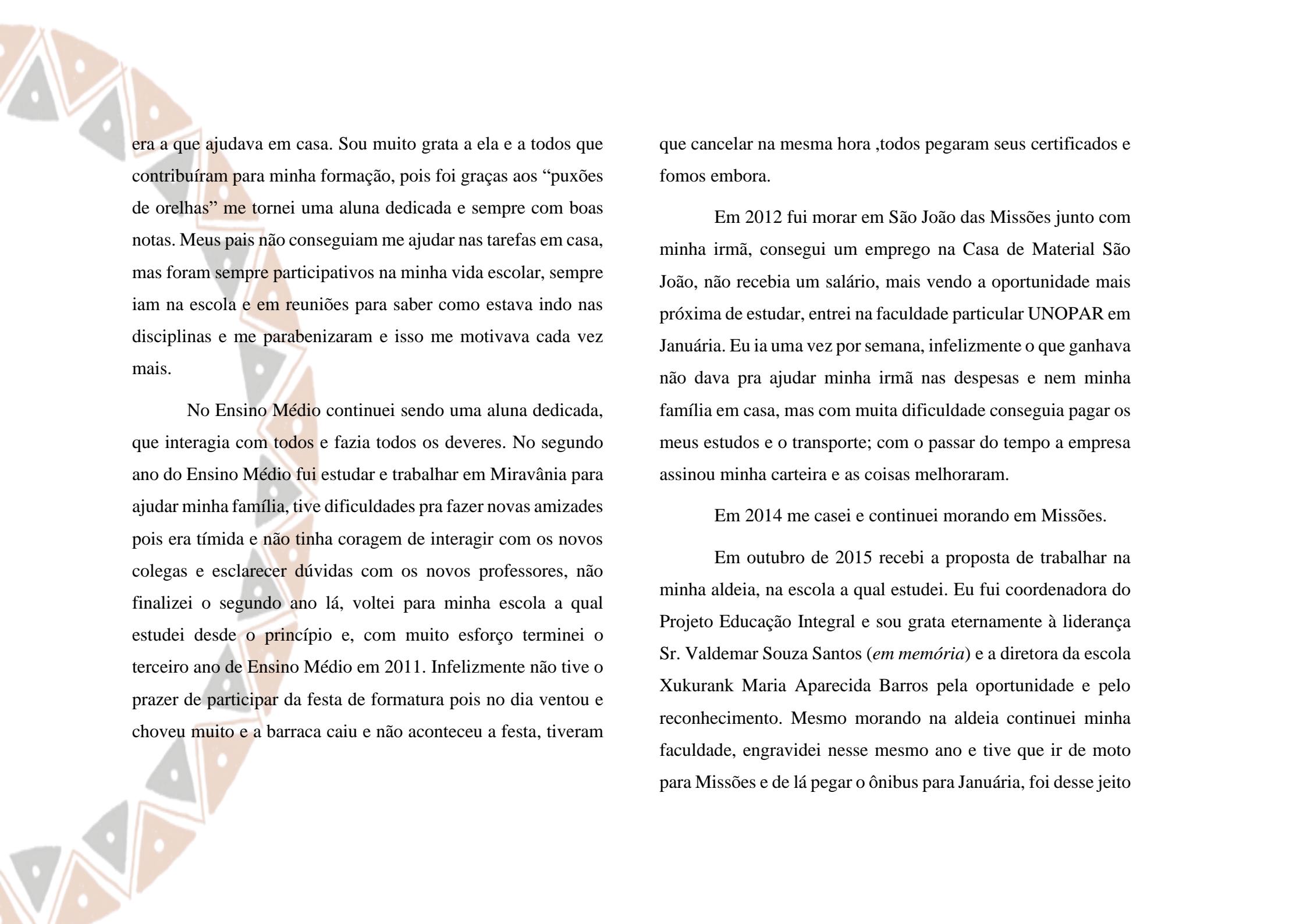
dificuldades financeiras, nós éramos crianças que não tínhamos o hábito de comer algo no café da manhã na maioria das vezes era só café limpo, muitas vezes não tinha arroz então comíamos só o feijão ou angu, meu pai plantava e vendia fumo para ajudar no sustento em casa , muitas vezes eles deixavam de comer para dar para nós, pois eram 11 filhos que ele tinha que sustentar. Costumo dizer que tive uma infância tranquila porque mesmo diante das dificuldades nunca passei fome diferente dos meus irmãos mais velhos, que trabalharam muito cedo, passaram fome e tiveram que desistir dos estudos para trabalhar e ajudar em casa.

Comecei os meus estudos aos 7 anos de idade na Escola Estadual Indígena Xukurank da aldeia Barreiro Preto, foi nessa escola que aprendi a ler e escrever sempre fui muito dedicada e sempre gostei de estudar. Tive professores ótimos que reforçaram o que sempre meus pais me ensinaram, a importância do respeito com nossos coleguinhas de escola e principalmente com anciões da minha aldeia, meus professores sempre contavam histórias do nosso povo, falavam das

dificuldades que tiveram para estudar, da luta por uma escola apropriada para nós até conseguir um professor indígena.

Quando iniciei meus estudos tive a oportunidade de estudar com professores indígenas da minha aldeia e já tinha sala de aula, porém não tinha sala para todas as turmas então sempre revezamos um dia uma turma na sala e a outra ao ar livre embaixo de pé de árvores. Assim, dava continuidade aos estudos, sempre fui uma criança participativa, aproveitava bastante o recreativo para brincar e costumava brincar de Corta Bandeira, Méu, Anelzinho, Morto e Vivo enfim eram uma criança bastante esforçada e brincalhona. Tive algumas dificuldades no tempo da chuva as vezes não terminava a aula, pois tinha que ir embora para não molhar os cadernos, pois não tinha bolsa e colocava os cadernos dentro do saco plástico de açúcar daqueles de 5kg e porque eu teria que atravessar o riacho para chegar em casa e ele enchia e teria que ficar do outro lado até a água abaixar ou se não teria que dormir na casa de um parente.

No ensino Fundamental estudei muito tempo com minha irmã que era professora de matemática e que financeiramente



era a que ajudava em casa. Sou muito grata a ela e a todos que contribuíram para minha formação, pois foi graças aos “puxões de orelhas” me tornei uma aluna dedicada e sempre com boas notas. Meus pais não conseguiam me ajudar nas tarefas em casa, mas foram sempre participativos na minha vida escolar, sempre iam na escola e em reuniões para saber como estava indo nas disciplinas e me parabenizaram e isso me motivava cada vez mais.

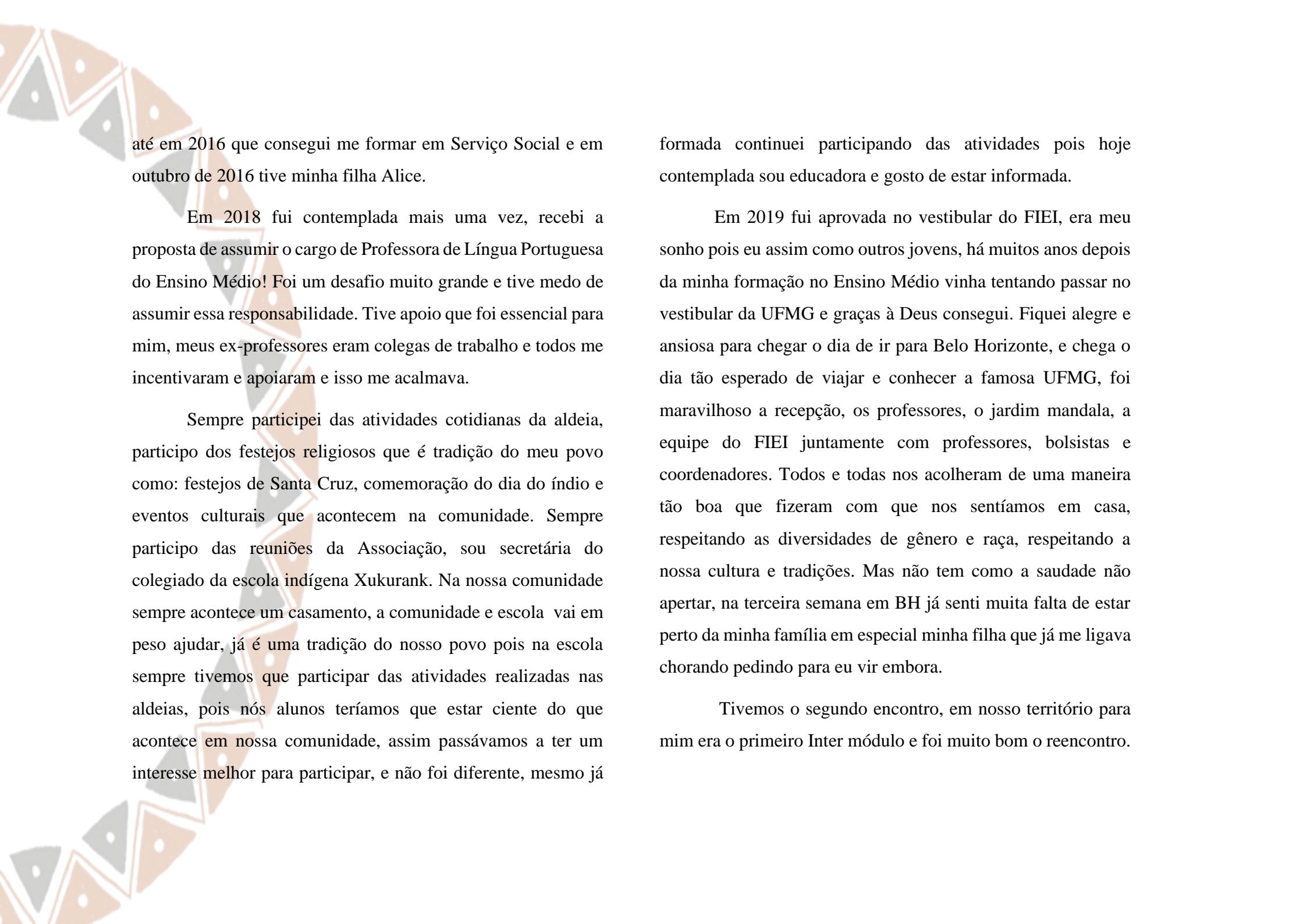
No Ensino Médio continuei sendo uma aluna dedicada, que interagia com todos e fazia todos os deveres. No segundo ano do Ensino Médio fui estudar e trabalhar em Miravânia para ajudar minha família, tive dificuldades pra fazer novas amizades pois era tímida e não tinha coragem de interagir com os novos colegas e esclarecer dúvidas com os novos professores, não finalizei o segundo ano lá, voltei para minha escola a qual estudei desde o princípio e, com muito esforço terminei o terceiro ano de Ensino Médio em 2011. Infelizmente não tive o prazer de participar da festa de formatura pois no dia ventou e choveu muito e a barraca caiu e não aconteceu a festa, tiveram

que cancelar na mesma hora ,todos pegaram seus certificados e fomos embora.

Em 2012 fui morar em São João das Missões junto com minha irmã, consegui um emprego na Casa de Material São João, não recebia um salário, mais vendo a oportunidade mais próxima de estudar, entrei na faculdade particular UNOPAR em Januária. Eu ia uma vez por semana, infelizmente o que ganhava não dava pra ajudar minha irmã nas despesas e nem minha família em casa, mas com muita dificuldade conseguia pagar os meus estudos e o transporte; com o passar do tempo a empresa assinou minha carteira e as coisas melhoraram.

Em 2014 me casei e continuei morando em Missões.

Em outubro de 2015 recebi a proposta de trabalhar na minha aldeia, na escola a qual estudei. Eu fui coordenadora do Projeto Educação Integral e sou grata eternamente à liderança Sr. Valdemar Souza Santos (*em memória*) e a diretora da escola Xukurank Maria Aparecida Barros pela oportunidade e pelo reconhecimento. Mesmo morando na aldeia continuei minha faculdade, engravidéi nesse mesmo ano e tive que ir de moto para Missões e de lá pegar o ônibus para Januária, foi desse jeito



até em 2016 que consegui me formar em Serviço Social e em outubro de 2016 tive minha filha Alice.

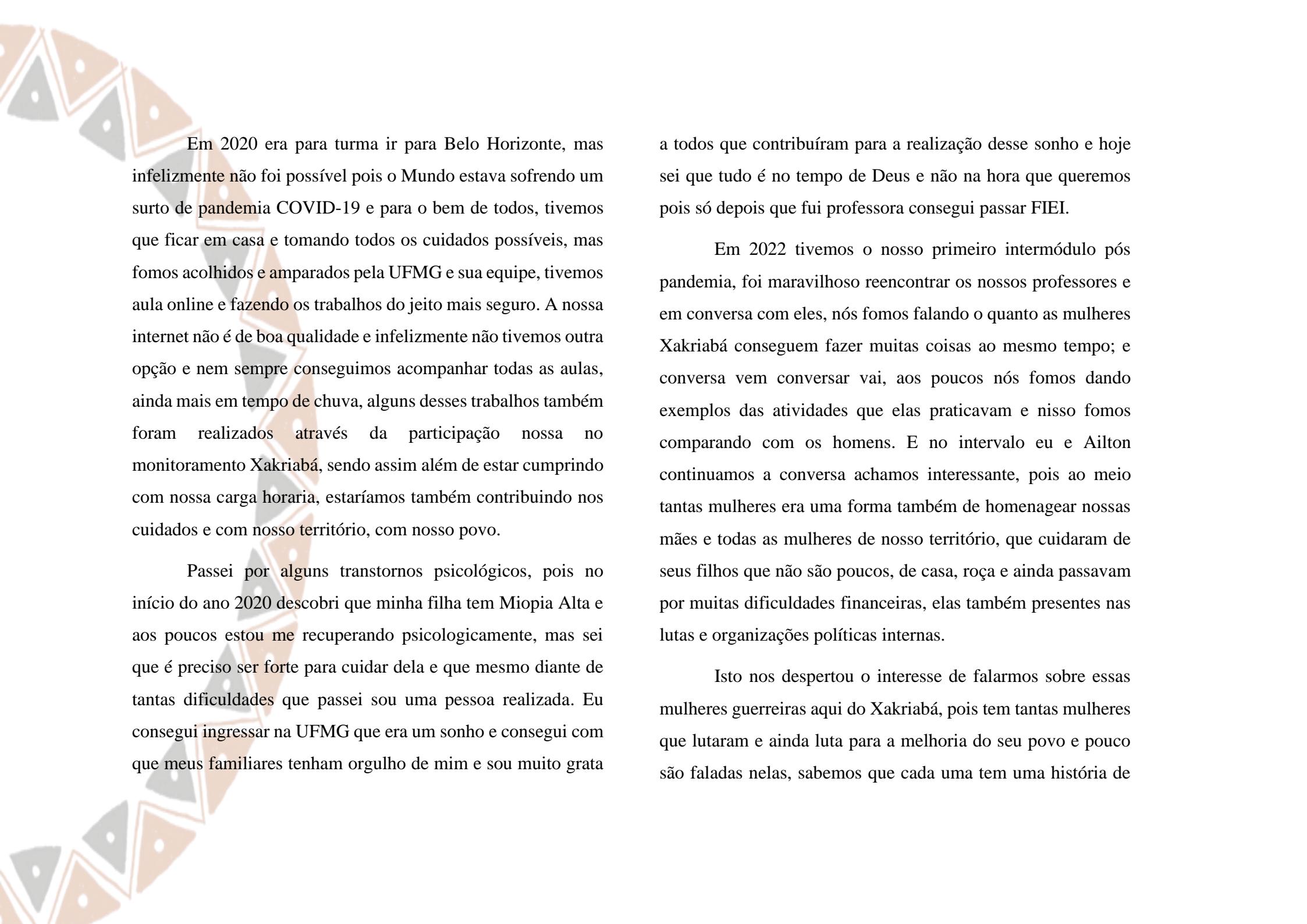
Em 2018 fui contemplada mais uma vez, recebi a proposta de assumir o cargo de Professora de Língua Portuguesa do Ensino Médio! Foi um desafio muito grande e tive medo de assumir essa responsabilidade. Tive apoio que foi essencial para mim, meus ex-professores eram colegas de trabalho e todos me incentivaram e apoiaram e isso me acalmava.

Sempre participei das atividades cotidianas da aldeia, participo dos festejos religiosos que é tradição do meu povo como: festejos de Santa Cruz, comemoração do dia do índio e eventos culturais que acontecem na comunidade. Sempre participo das reuniões da Associação, sou secretária do colegiado da escola indígena Xukurank. Na nossa comunidade sempre acontece um casamento, a comunidade e escola vai em peso ajudar, já é uma tradição do nosso povo pois na escola sempre tivemos que participar das atividades realizadas nas aldeias, pois nós alunos teríamos que estar ciente do que acontece em nossa comunidade, assim passávamos a ter um interesse melhor para participar, e não foi diferente, mesmo já

formada continuei participando das atividades pois hoje contemplada sou educadora e gosto de estar informada.

Em 2019 fui aprovada no vestibular do FIEI, era meu sonho pois eu assim como outros jovens, há muitos anos depois da minha formação no Ensino Médio vinha tentando passar no vestibular da UFMG e graças à Deus consegui. Fiquei alegre e ansiosa para chegar o dia de ir para Belo Horizonte, e chega o dia tão esperado de viajar e conhecer a famosa UFMG, foi maravilhoso a recepção, os professores, o jardim mandala, a equipe do FIEI juntamente com professores, bolsistas e coordenadores. Todos e todas nos acolheram de uma maneira tão boa que fizeram com que nos sentíamos em casa, respeitando as diversidades de gênero e raça, respeitando a nossa cultura e tradições. Mas não tem como a saudade não apertar, na terceira semana em BH já senti muita falta de estar perto da minha família em especial minha filha que já me ligava chorando pedindo para eu vir embora.

Tivemos o segundo encontro, em nosso território para mim era o primeiro Inter módulo e foi muito bom o reencontro.



Em 2020 era para turma ir para Belo Horizonte, mas infelizmente não foi possível pois o Mundo estava sofrendo um surto de pandemia COVID-19 e para o bem de todos, tivemos que ficar em casa e tomando todos os cuidados possíveis, mas fomos acolhidos e amparados pela UFMG e sua equipe, tivemos aula online e fazendo os trabalhos do jeito mais seguro. A nossa internet não é de boa qualidade e infelizmente não tivemos outra opção e nem sempre conseguimos acompanhar todas as aulas, ainda mais em tempo de chuva, alguns desses trabalhos também foram realizados através da participação nossa no monitoramento Xakriabá, sendo assim além de estar cumprindo com nossa carga horaria, estaríamos também contribuindo nos cuidados e com nosso território, com nosso povo.

Passei por alguns transtornos psicológicos, pois no início do ano 2020 descobri que minha filha tem Miopia Alta e aos poucos estou me recuperando psicologicamente, mas sei que é preciso ser forte para cuidar dela e que mesmo diante de tantas dificuldades que passei sou uma pessoa realizada. Eu consegui ingressar na UFMG que era um sonho e consegui com que meus familiares tenham orgulho de mim e sou muito grata

a todos que contribuíram para a realização desse sonho e hoje sei que tudo é no tempo de Deus e não na hora que queremos pois só depois que fui professora consegui passar FIEI.

Em 2022 tivemos o nosso primeiro intermódulo pós pandemia, foi maravilhoso reencontrar os nossos professores e em conversa com eles, nós fomos falando o quanto as mulheres Xakriabá conseguem fazer muitas coisas ao mesmo tempo; e conversa vem conversa vai, aos poucos nós fomos dando exemplos das atividades que elas praticavam e nisso fomos comparando com os homens. E no intervalo eu e Ailton continuamos a conversa achamos interessante, pois ao meio tantas mulheres era uma forma também de homenagear nossas mães e todas as mulheres de nosso território, que cuidaram de seus filhos que não são poucos, de casa, roça e ainda passavam por muitas dificuldades financeiras, elas também presentes nas lutas e organizações políticas internas.

Isto nos despertou o interesse de falarmos sobre essas mulheres guerreiras aqui do Xakriabá, pois tem tantas mulheres que lutaram e ainda luta para a melhoria do seu povo e pouco são faladas nelas, sabemos que cada uma tem uma história de

luta diferente que também não foi fácil, e para homenageá-las resolvemos fazer o nosso TCC falando sobre as lutas de algumas mulheres Xakriabá.

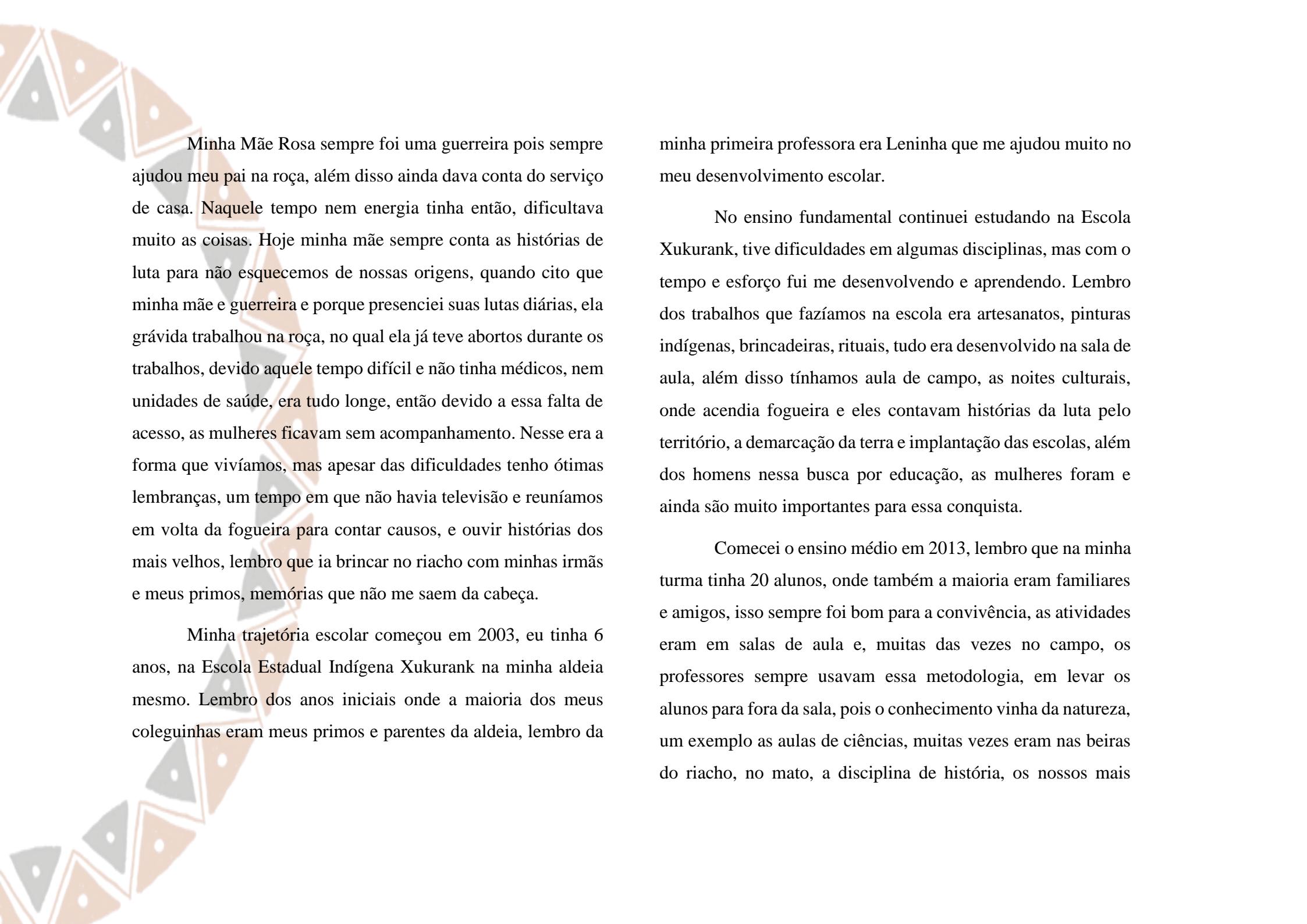
1.2. Memorial de Ailton Nunes Ribeiro

Meu nome é Aílton Nunes Ribeiro, tenho 25 anos, nasci em 08 de maio de 1997 na sub-aldeia veredinha do Barreiro Preto. Sou filho de Rosa Nunes Ribeiro é Alípio Fernandes Ribeiro, sou casado tenho um filho e resíduo na aldeia Barreiro preto, terra indígena Xakriabá município de São João das Missões-MG. Tenho mais três irmãs. A infância numa aldeia nunca foi fácil, pois nesse período as coisas eram difíceis e tudo dependia de trabalho da roça.

Me recordo da infância que morávamos numa casa de pau a pique na beira do riacho, a única fonte de renda da família sempre foi da roça, meus pais plantavam milho, arroz, feijão, abóbora e tinha criações, naquele tempo era muita fartura, pois era um tempo bom de chuva, eu minhas irmãs tínhamos que ir trabalhar na roça, pois apenas meu pai e minha mãe não davam conta de tudo.



Fotografia 5. Ailton Nunes Ribeiro e filho



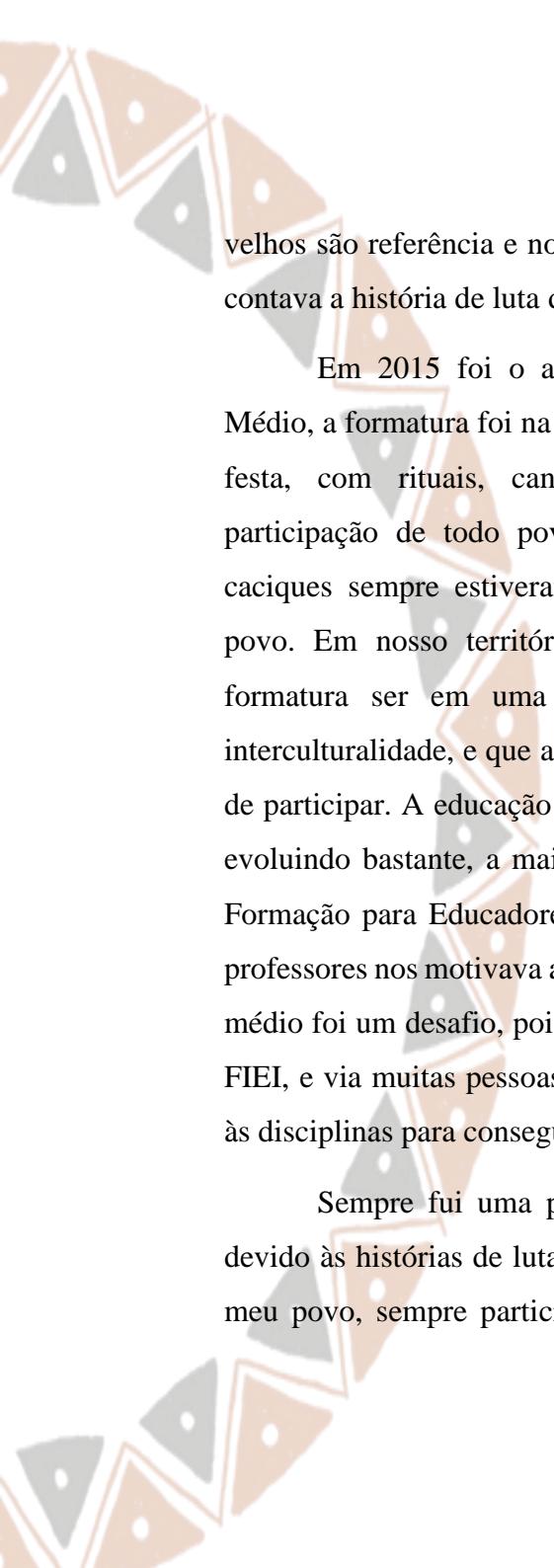
Minha Mãe Rosa sempre foi uma guerreira pois sempre ajudou meu pai na roça, além disso ainda dava conta do serviço de casa. Naquele tempo nem energia tinha então, dificultava muito as coisas. Hoje minha mãe sempre conta as histórias de luta para não esquecemos de nossas origens, quando cito que minha mãe é guerreira e porque presenciei suas lutas diárias, ela grávida trabalhou na roça, no qual ela já teve abortos durante os trabalhos, devido aquele tempo difícil e não tinha médicos, nem unidades de saúde, era tudo longe, então devido a essa falta de acesso, as mulheres ficavam sem acompanhamento. Nesse era a forma que vivíamos, mas apesar das dificuldades tenho ótimas lembranças, um tempo em que não havia televisão e reuníamos em volta da fogueira para contar causos, e ouvir histórias dos mais velhos, lembro que ia brincar no riacho com minhas irmãs e meus primos, memórias que não me saem da cabeça.

Minha trajetória escolar começou em 2003, eu tinha 6 anos, na Escola Estadual Indígena Xukurank na minha aldeia mesmo. Lembro dos anos iniciais onde a maioria dos meus coleguinhas eram meus primos e parentes da aldeia, lembro da

minha primeira professora era Leninha que me ajudou muito no meu desenvolvimento escolar.

No ensino fundamental continuei estudando na Escola Xukurank, tive dificuldades em algumas disciplinas, mas com o tempo e esforço fui me desenvolvendo e aprendendo. Lembro dos trabalhos que fazíamos na escola era artesanatos, pinturas indígenas, brincadeiras, rituais, tudo era desenvolvido na sala de aula, além disso tínhamos aula de campo, as noites culturais, onde acendia fogueira e eles contavam histórias da luta pelo território, a demarcação da terra e implantação das escolas, além dos homens nessa busca por educação, as mulheres foram e ainda são muito importantes para essa conquista.

Comecei o ensino médio em 2013, lembro que na minha turma tinha 20 alunos, onde também a maioria eram familiares e amigos, isso sempre foi bom para a convivência, as atividades eram em salas de aula e, muitas das vezes no campo, os professores sempre usavam essa metodologia, em levar os alunos para fora da sala, pois o conhecimento vinha da natureza, um exemplo as aulas de ciências, muitas vezes eram nas beiras do riacho, no mato, a disciplina de história, os nossos mais



velhos são referência e nossos melhores professores, onde nos contava a história de luta do território.

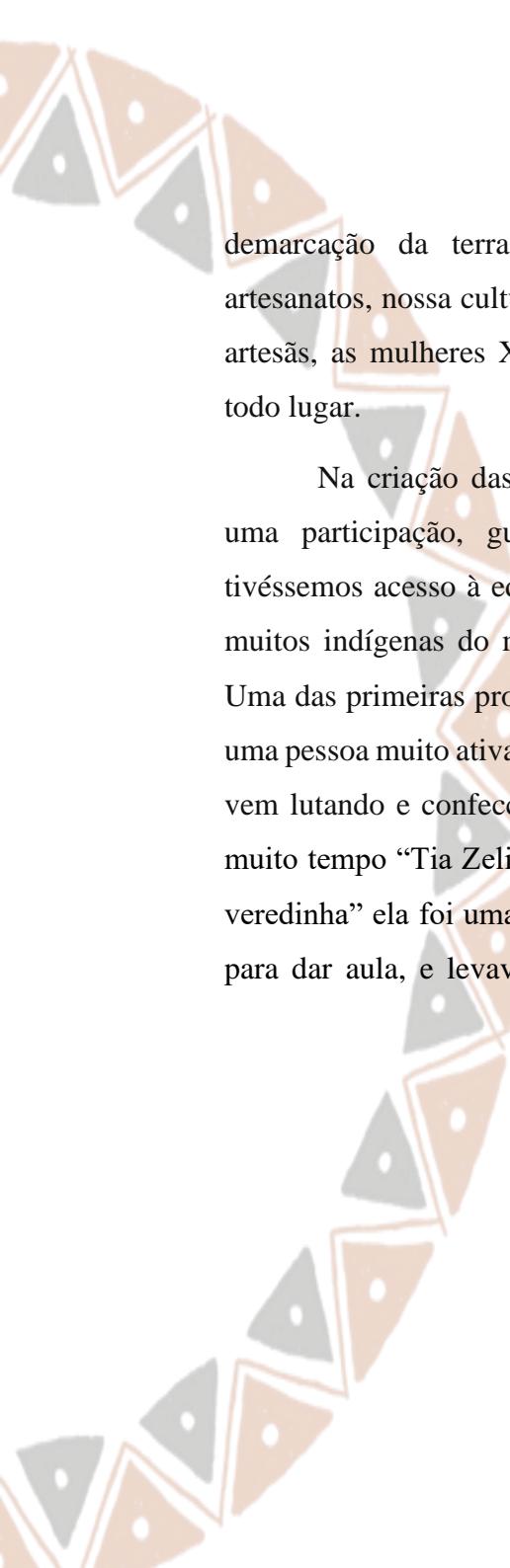
Em 2015 foi o ano da minha conclusão do Ensino Médio, a formatura foi na aldeia Brejo Mata fome, uma grande festa, com rituais, cantigas, pinturas, homenagens e a participação de todo povo Xakriabá, onde os líderes e caciques sempre estiveram presentes na educação do nosso povo. Em nosso território tem o costume de cada ano a formatura ser em uma aldeia diferente como forma de interculturalidade, e que algumas escolas tenham a experiência de participar. A educação aqui no território Xakriabá já estava evoluindo bastante, a maioria dos professores já tinham feito Formação para Educadores Indígenas pelo FIEI, e sempre os professores nos motivava a estudar, e tentar vestibular. O ensino médio foi um desafio, pois no tempo em que estudava já havia FIEI, e via muitas pessoas fazendo, e me dediquei ao máximo às disciplinas para conseguir passar numa faculdade.

Sempre fui uma pessoa participativa na comunidade, devido às histórias de luta da minha família, comunidade e de meu povo, sempre participei dos rituais nas noites culturais.

Aqui no território Xakriabá temos costume de fazer mutirão para ajudar as famílias, seja em um casamento, ou festa de arrecadação para um tratamento de saúde, temos as noites de santa Cruz onde todo ano uma família fica responsável, então isso acaba incluindo quase todos da comunidade, outro evento dia dos povos indígenas em 19 de abril onde todo o povo se concentra em um local para uma grande festa, os jogos indígenas também um importante movimento que já tive a honra de participação.

Passei para o curso do FIEI no ano de 2019,(Formação Intercultural para Educadores indígenas) na habilitação de Ciências da Vida e da Natureza, um momento muito importante na minha vida ter conseguido ingressar na faculdade oportunidade que a UFMG me proporcionou, uma felicidade não somente para mim, mas para toda minha família.

O tema que escolhemos para nosso percurso acadêmico, eu e Edinalva, se chama *“Participação das mulheres Xakriabá na política interna e seus impactos na vida comunitária”* tudo a ver com a luta do meu povo, principalmente das mulheres, nas quais nossas anciãs sempre estiveram presente na luta pela



demarcação da terra, fortalecendo nossos rituais, nossos artesanatos, nossa cultura; as mulheres são guerreiras, parteira, artesãs, as mulheres Xakriabá trabalha na roça, em casa, em todo lugar.

Na criação das escolas Xakriabá as mulheres tiveram uma participação, guerreiras que lutaram para que hoje tivéssemos acesso à educação, e graças a essa luta é que hoje muitos indígenas do meu povo ingressam nas universidades. Uma das primeiras professoras indígenas dentro do território é uma pessoa muito ativa na comunidade e ainda até os dias atuais vem lutando e confeccionando artesanatos, foi professora por muito tempo “Tia Zelina” da aldeia Barreiro preto “sub-aldeia veredinha” ela foi uma guerreira pois andava léguas de cavalo para dar aula, e levava seus filhos na garupa do cavalo, ela

naquele tempo não tinha estudo, mas uma mulher de muita sabedoria, conseguiu transmitir seus conhecimentos para gerações mais novas. Nós temos muitas outras mulheres de frente a luta que podem ser homenageadas em futuros trabalhos de pesquisa.

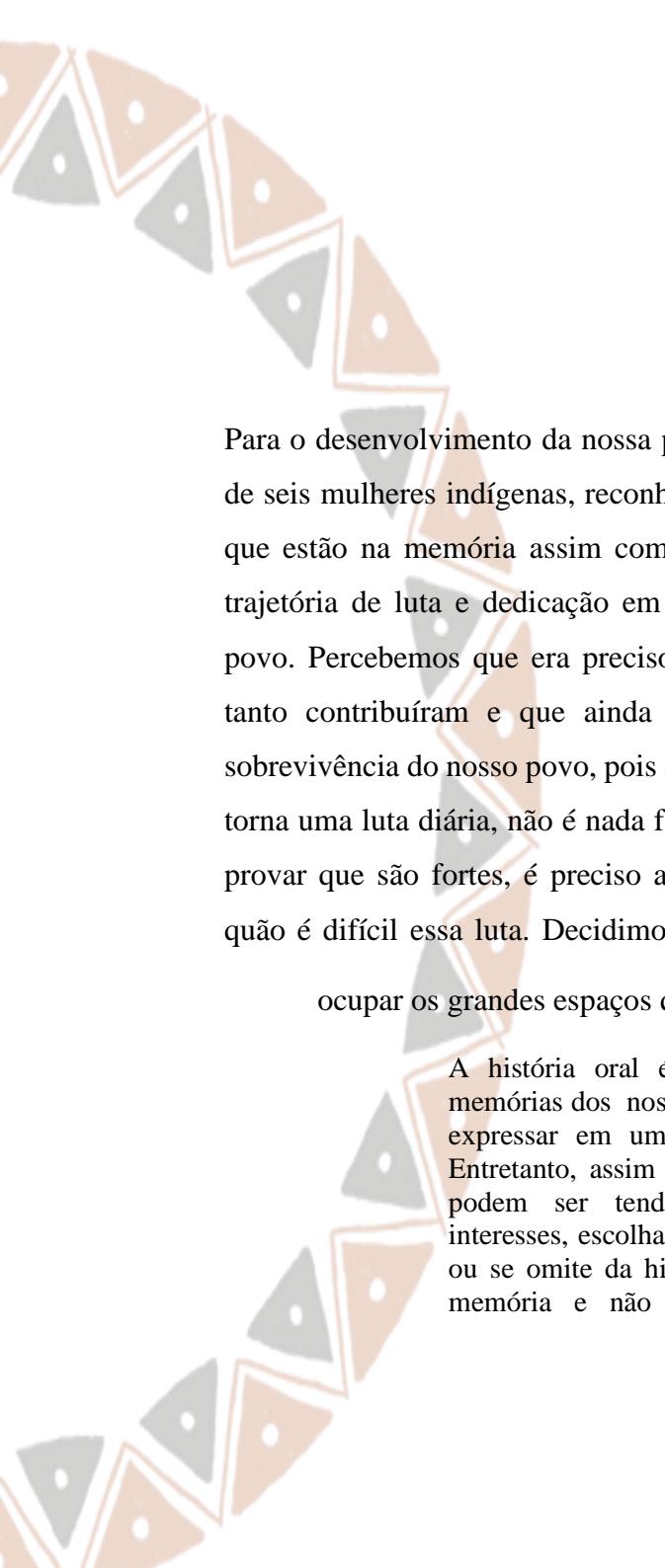
Meu tema de percurso tem tudo a ver com minha vida, pois é uma forma de valorização com minha mãe, minhas tias, minhas avós, e todas as mulheres do nosso território, todas as mulheres indígenas do Brasil que nunca desistiram da luta mesmo em meio de tanto preconceito e dificuldades, as mulheres indígenas resistiram e estão cada dia mais ativas na política, reivindicações. A voz da mulher indígena vem sendo cada vez mais valorizada, e a marcha não para.

“Para nós não tem essa divisão de trabalho entre homem e mulher não”

Fala de Diana Xakriabá em entrevista para esta pesquisa



Figura 6. Crédito: Flávia Xakriabá. Participação das mulheres na ATL 2023.



CAPÍTULO 2

DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

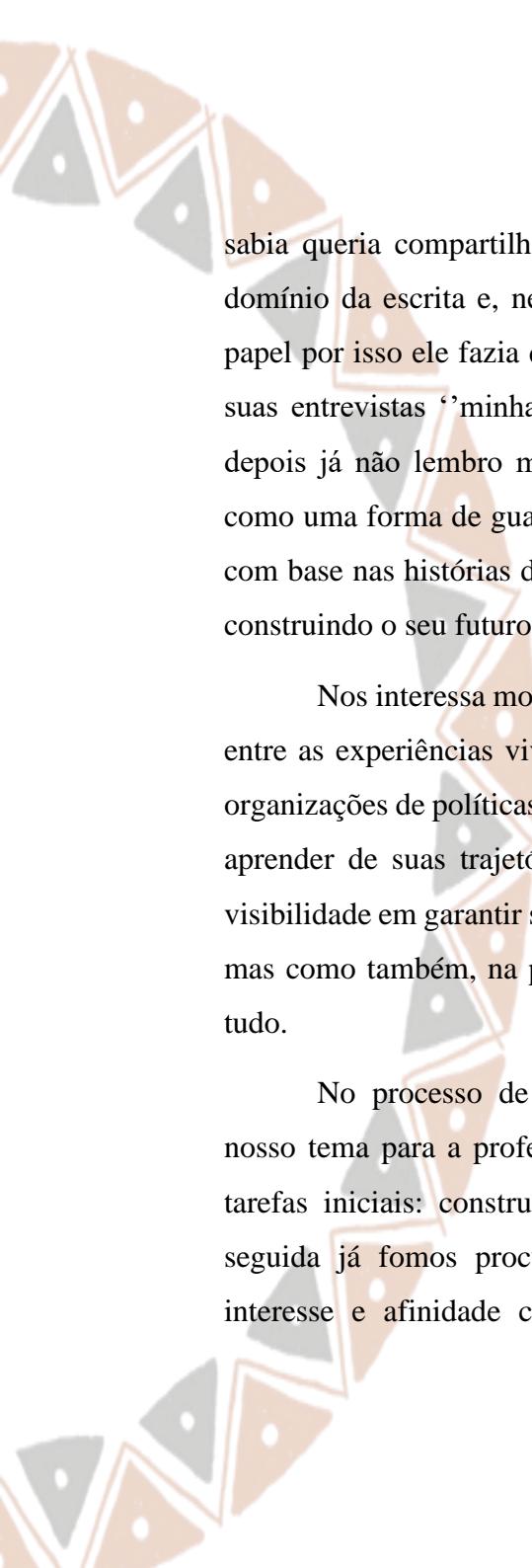
Para o desenvolvimento da nossa pesquisa partimos das vozes de seis mulheres indígenas, reconhecendo as nossas guerreiras que estão na memória assim como as que ainda estão nessa trajetória de luta e dedicação em prol da melhoria do nosso povo. Percebemos que era preciso falar dessas mulheres que tanto contribuíram e que ainda contribuem com luta pela sobrevivência do nosso povo, pois a vida da mulher indígena se torna uma luta diária, não é nada fácil a todo momento ter que provar que são fortes, é preciso acompanhar para perceber o quanto é difícil essa luta. Decidimos nos aproximar da história ocupar os grandes espaços que estão hoje.

A história oral é uma forma de guardar as memórias dos nossos guerreiros, que pouco sabe expressar em um papel, o que já vivenciou. Entretanto, assim como os documentos escritos podem ser tendenciosos, por atenderem a interesses, escolhas e seleções do que se escreve ou se omite da história oral que é ancorada na memória e não está imune aos efeitos da

oral pois entendemos que esta forma de fazer pesquisa nos permite conversa com cada uma das seis guerreiras sobre seu passado de luta e labuta, assim como sobre seu presente. Vemos neste exercício a possibilidade de falar dos seus costumes para compreender o passado, e entender o presente, e assim predizer o futuro. Mostrando como as mulheres sempre estiveram e ainda estão engajadas na luta. Entrevistamos mulheres de várias idades do território Xakriabá. Queremos entender como eram os seus passados, os costumes, dificuldades que enfrentaram para poder

tendenciosidade, ora como superestimação, ora como subestimação dos fatos, a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado [...] a memória também sofre flutuações sendo expressa nas preocupações do momento, constituem um elemento de estruturação da memória” (POLLAK, 1992, p.04).

Assim como dizia tio Valdemar Fernandes (*em memória*) ancião da aldeia da Barreiro Preto, tudo o que ele



sabia queria compartilhar com mais novos, mas não tinha o domínio da escrita e, nem tudo que ele sabia cabia em um papel por isso ele fazia questão de ser filmado ou gravado nas suas entrevistas “minha lembrança é curta uma hora lembro depois já não lembro mais”. Por isso, vemos a história oral como uma forma de guardar a memória de nossos anciões, e é com base nas histórias de luta do passado, que os jovens estão construindo o seu futuro, para correr atrás dos seus direitos.

Nos interessa mostrar semelhanças e explicar diferenças entre as experiências vividas destas mulheres, no contexto de organizações de políticas internas Xakriabá, especialmente para aprender de suas trajetórias e das dificuldades em relação a visibilidade em garantir seus espaços não só no âmbito familiar, mas como também, na política, na educação e na ciência, em tudo.

No processo de construção da pesquisa passamos o nosso tema para a professora Telma que, logo nos passou as tarefas iniciais: construir o tema e os objetivos. Assim em seguida já fomos procurar um orientador(a) que tivesse o interesse e afinidade com nosso tema. Dialogamos com a

professora Shirley Miranda durante um período nos orientou e posteriormente vimos como pertinente convidar a professora Carolina Tamayo para nos orientar, já que ela tinha orientado outras pesquisas relacionadas ao nosso tema (PINHEIRO, 2022) e de cara ela aceitou e marcou a nossa primeira reunião, passou a nossas primeiras tarefas, e não foram poucas, mas decisivas para darmos um andamento no nosso trabalho, que, por via estava um pouco atrasado.

Nessa reunião que tivemos com a professora Carol ela foi nos perguntando o motivo do nosso interesse em fazer o TCC sobre esse tema e de acordo fomos dialogando, muitas lembranças foram surgindo, tantas mulheres guerreiras que temos aqui nos Xakriabá e tão pouco que elas são faladas. Então listamos muitos nomes, mas sabíamos que não teríamos como registrar todas essas histórias nesta pesquisa e teríamos que fazer algumas escolhas segundo as nossas possibilidades de deslocamento.

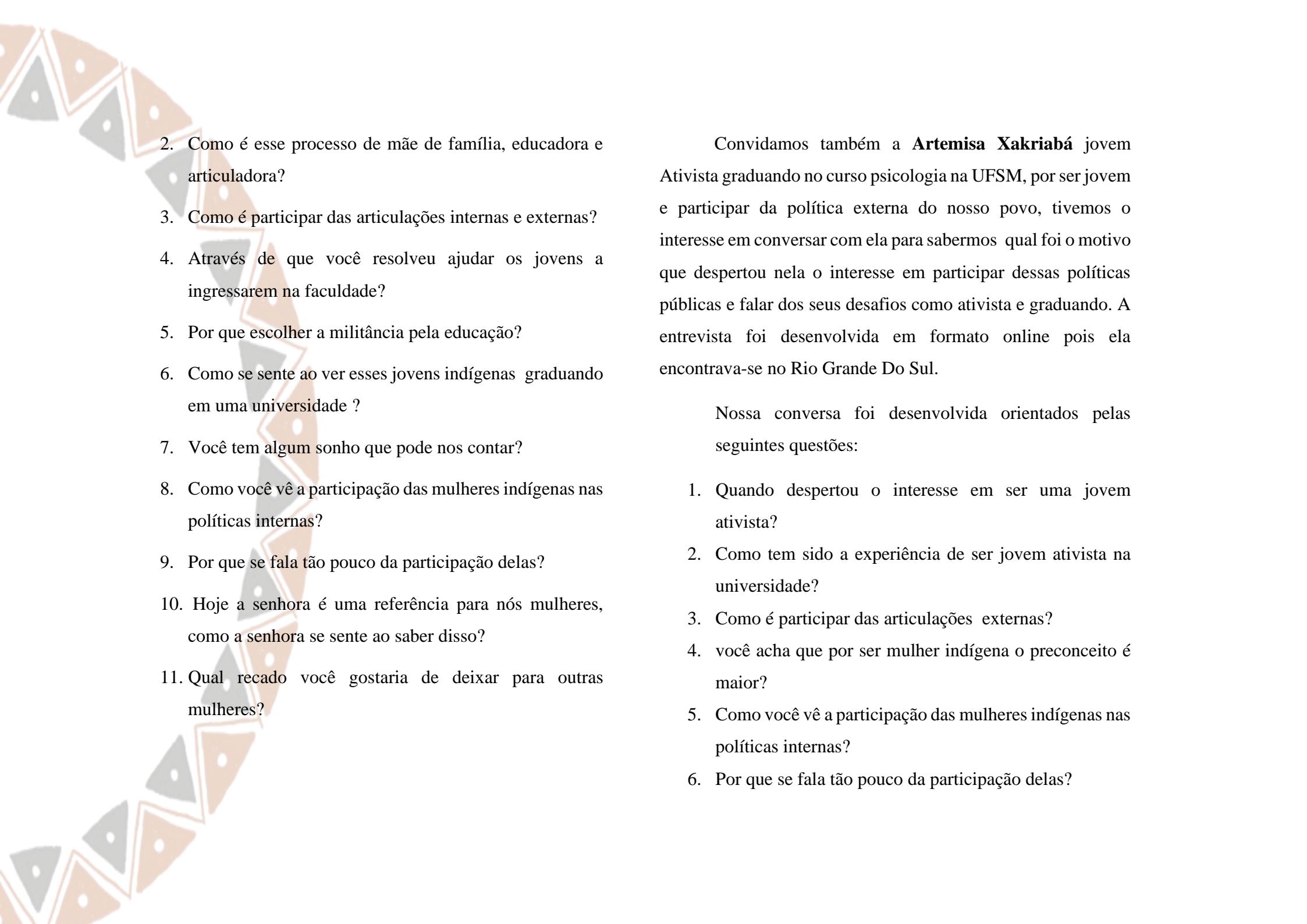


Figura 7. Maria José.

Vimos que muitos jovens Xakriabá estão ingressando nas universidades e como muitos que os antecederam não tiveram essa oportunidade fomos atrás da mulher que está por trás de tudo isso. A Dona **Maria José** mais conhecida por “Zeza de João”, ela é uma pessoa que sempre esteve pesquisando universidades com cotas para indígenas, além de trabalhar na escola como educadora ela ainda ajuda os jovens a se inscreverem nas universidades . Zeza - como conhecida em nosso território- sempre incentivou os jovens a estudarem, fazer ENEM, fazer as provas da UFMG, do IEF Goiano, da UFSM , mas a sua contribuição não para por aí, pois ela sempre esteve presente nas decisões e articulações juntos com lideranças ela é uma mulher que sempre esteve presente nos movimentos indígenas tanto interno como externo.

No encontro com Zeza levamos como roteiro para nossa conversa as seguintes perguntas:

1. Como tem sido sua trajetória na participação política na sua aldeia? Desde que o ano começou, como começou?

- 
2. Como é esse processo de mãe de família, educadora e articuladora?
 3. Como é participar das articulações internas e externas?
 4. Através de que você resolveu ajudar os jovens a ingressarem na faculdade?
 5. Por que escolher a militância pela educação?
 6. Como se sente ao ver esses jovens indígenas graduando em uma universidade ?
 7. Você tem algum sonho que pode nos contar?
 8. Como você vê a participação das mulheres indígenas nas políticas internas?
 9. Por que se fala tão pouco da participação delas?
 10. Hoje a senhora é uma referência para nós mulheres, como a senhora se sente ao saber disso?
 11. Qual recado você gostaria de deixar para outras mulheres?

Convidamos também a **Artemisa Xakriabá** jovem Ativista graduando no curso psicologia na UFSM, por ser jovem e participar da política externa do nosso povo, tivemos o interesse em conversar com ela para sabermos qual foi o motivo que despertou nela o interesse em participar dessas políticas públicas e falar dos seus desafios como ativista e graduando. A entrevista foi desenvolvida em formato online pois ela encontrava-se no Rio Grande Do Sul.

Nossa conversa foi desenvolvida orientados pelas seguintes questões:

1. Quando despertou o interesse em ser uma jovem ativista?
2. Como tem sido a experiência de ser jovem ativista na universidade?
3. Como é participar das articulações externas?
4. você acha que por ser mulher indígena o preconceito é maior?
5. Como você vê a participação das mulheres indígenas nas políticas internas?
6. Por que se fala tão pouco da participação delas?

- 7. Você acha que as mulheres precisam participar mais das políticas públicas do seu povo?
- 8. Hoje a senhora é uma referência para nós mulheres, como a senhora se sente ao saber disso?
- 9. Qual recado você gostaria de deixar para outras mulheres?

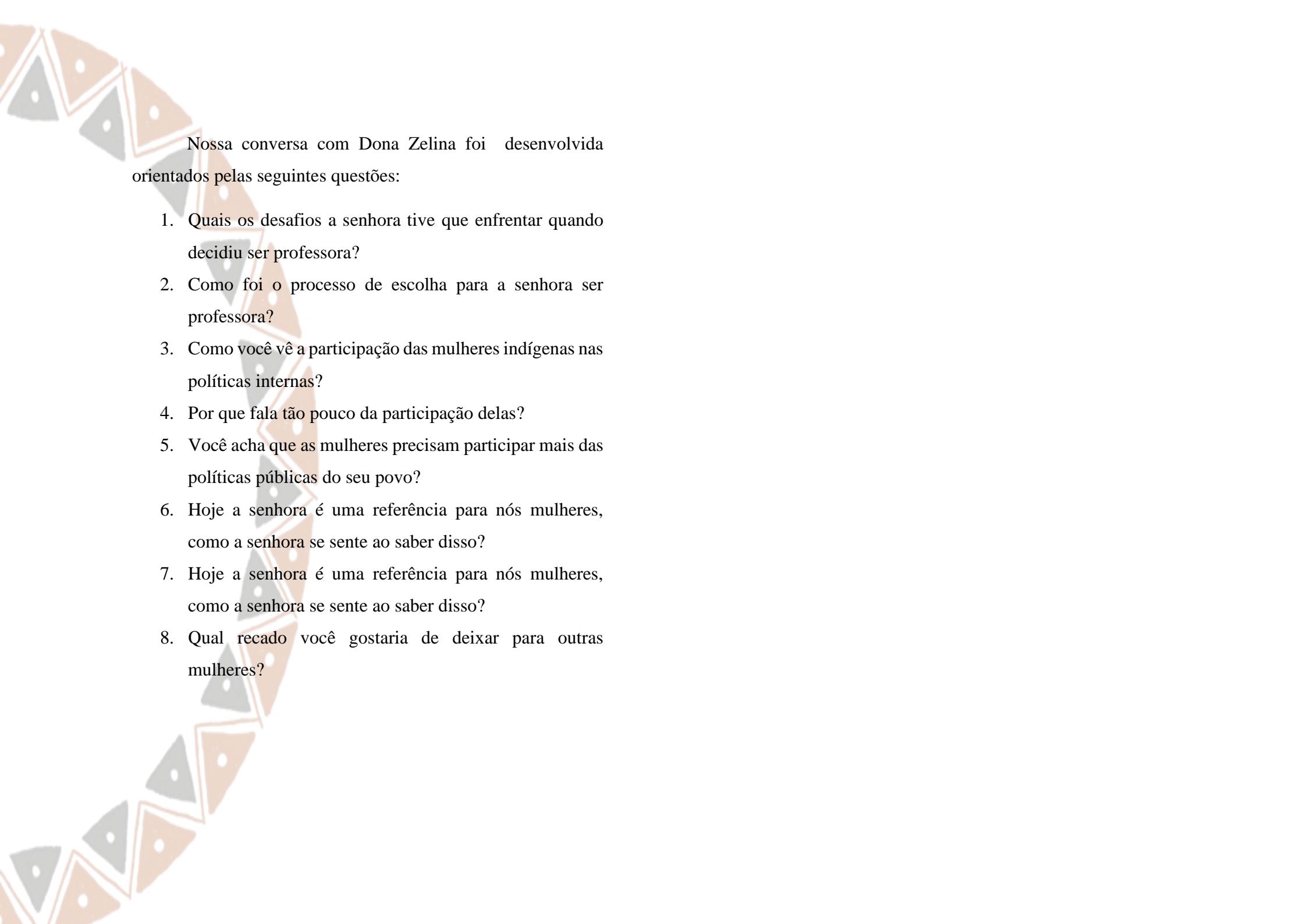


Figura 8. Artemisa Xakriabá

Convidamos também a Dona **Zelina Gonzaga Mota** primeira professora Xakriabá e mulher. Ao convidá-la queremos homenagear essa guerreira que enfrentou vários desafios na sala de aula, lutou para dar uma boa qualidade de ensino para seu povo e graças a ela é que muitos Xakriabá tiveram a oportunidade de ser alfabetizados.



Figura 9. Dona Zelina Gonzaga Mota.



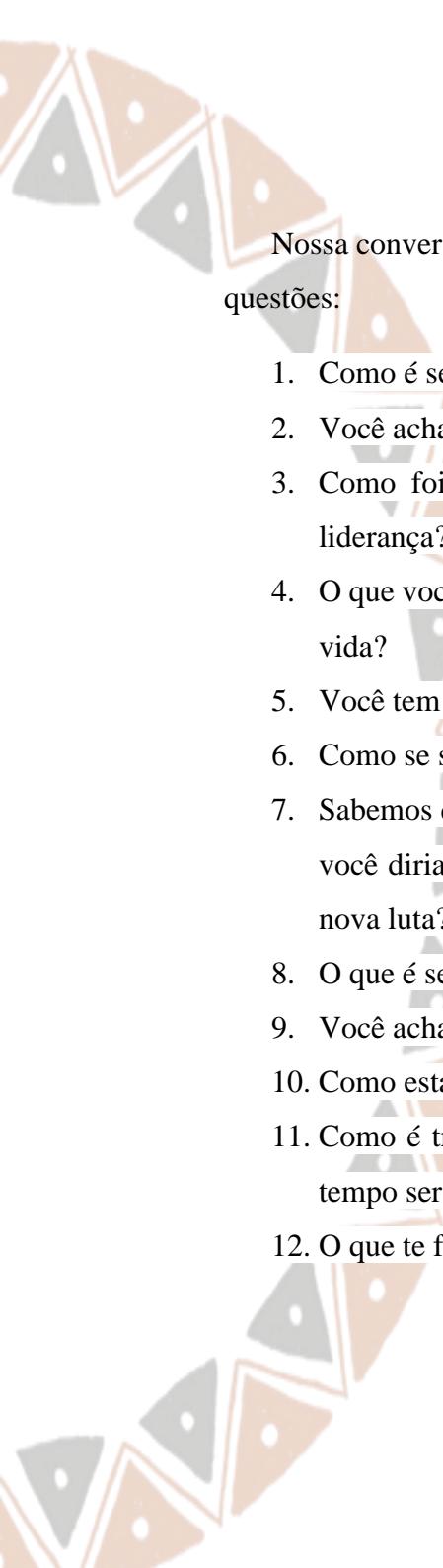
Nossa conversa com Dona Zelina foi desenvolvida orientados pelas seguintes questões:

1. Quais os desafios a senhora tive que enfrentar quando decidiu ser professora?
2. Como foi o processo de escolha para a senhora ser professora?
3. Como você vê a participação das mulheres indígenas nas políticas internas?
4. Por que fala tão pouco da participação delas?
5. Você acha que as mulheres precisam participar mais das políticas públicas do seu povo?
6. Hoje a senhora é uma referência para nós mulheres, como a senhora se sente ao saber disso?
7. Hoje a senhora é uma referência para nós mulheres, como a senhora se sente ao saber disso?
8. Qual recado você gostaria de deixar para outras mulheres?



Figura 10. Diana Pereira de Araújo Rocha.

Diana Pereira de Araújo Rocha da aldeia Prata primeira mulher liderança Xakriabá, ela foi avaliada e escolhida pelo Sr. Valdemar para ser sua vice-liderança “para nós não tem essa divisão de trabalho entre homem e mulher não”.



Nossa conversa foi desenvolvida orientados pelas seguintes questões:

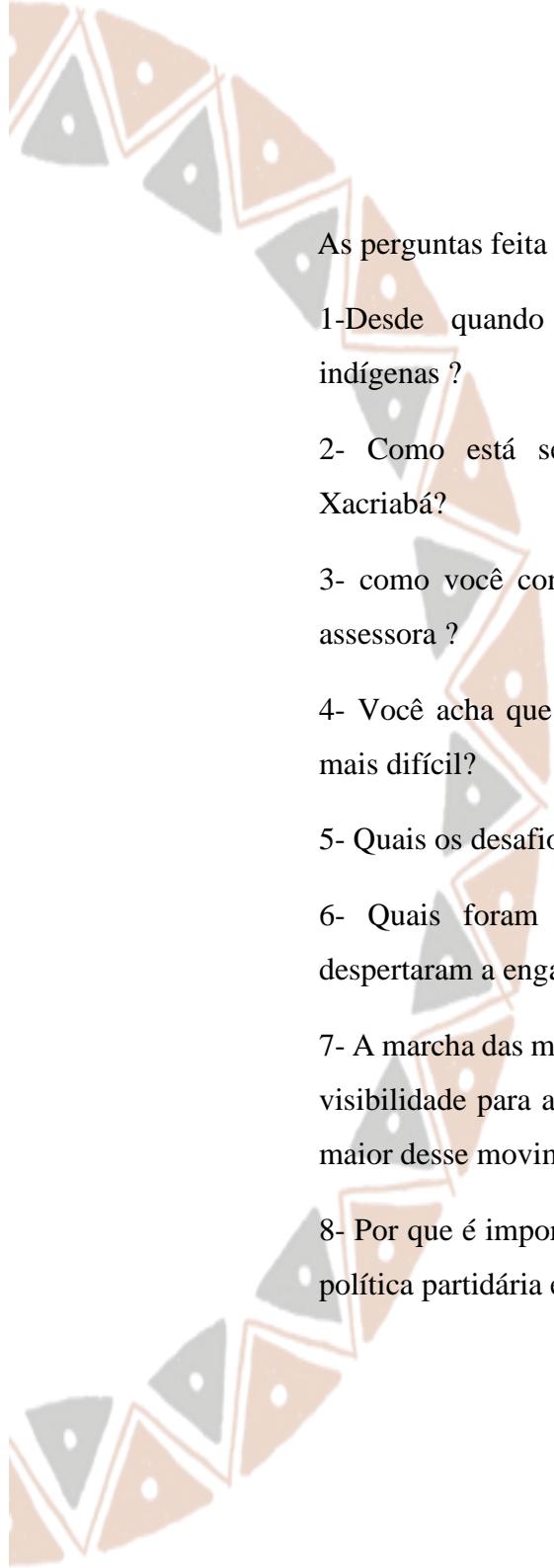
1. Como é ser a primeira liderança mulher?
2. Você acha que por ser mulher é mais difícil ?
3. Como foi o processo de escolha para você ser uma liderança?
4. O que você espera conquistar nessa nova jornada de sua vida?
5. Você tem algum sonho que pode nos contar?
6. Como se sentiu ao ser escolhida ?
7. Sabemos que a luta é constante para nós indígena o que você diria para esses jovens que estão engajados nessa nova luta?
8. O que é ser mulher liderança indígena ?
9. Você acha uma responsabilidade muito grande?
10. Como está lidando com isso?
11. Como é trabalhar fora de casa, liderar , e ao mesmo tempo ser dona de casa?
12. O que te fortalece nessa luta?

Em conversa com nossa orientadora sentimos a necessidade de ter, mas uma representatividade feminina no nosso trabalho, tendo em vista Fernanda Xakriabá com um histórico de luta e agora sendo assessora de Célia Xakriabá. Fizemos então o convite para ela ser mais uma das nossas entrevistas, ela aceitou, mas não estava no território então encaminhamos as nossas perguntas a ela por via WhatsApp.

Fernanda Gonçalves de Oliveira da Cruz, da Etnia Xacriabá mora na Aldeia Sumaré III e é formada em Pedagogia e no curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas na UFMG na área de Ciências Sociais e Humanidades, Bacharel em Administração Pública no ensino a distância pela UFVJM. Trabalha há 12 anos na Educação Escolar Indígena Xakriabá como supervisora pedagógica. E no momento atua como Assessora Parlamentar na articulação política da Deputada Federal Célia Xakriabá.



Figura 11. Fernanda Gonçalves de Oliveira da Cruz.



As perguntas feita a Fernanda Xakriabá foram:

- 1-Desde quando você participa dos movimentos indígenas ?
- 2- Como está sendo assessorar a deputada Célia Xacriabá?
- 3- como você concilia a sua vida de mãe e agora assessora ?
- 4- Você acha que por ser mulher indígena a luta fica mais difícil?
- 5- Quais os desafios você está tendo que enfrentar ?
- 6- Quais foram os movimentos indígenas que te despertaram a engajar na luta?
- 7- A marcha das mulheres é um movimento que visa dar visibilidade para as mulheres indígenas. Qual é o foco maior desse movimento?
- 8- Por que é importante a participação das mulheres na política partidária e interna?

Observamos então que a jovem **Flávia Xakriabá** vem se destacando também nos movimentos indígenas e sempre acompanhou as lutas de Célia Xakriabá. sendo uma jovem articuladora e participativa nas políticas internas conseguimos contactá-la por via WhatsApp, fizemos o processo de entrevista por via WhatsApp, o que teve um resultado muito bom e produtivo.

Segue então o roteiro das perguntas feitas á Flavia Xakriabá:

1. Visto que tens uma participação muito grande na luta das mulheres indígenas, e sendo uma pessoa que vem sempre acompanhado Célia nas lutas e sendo também integrante da Articulação Nacional das Mulheres indígenas guerreiras da ancestralidade (ANMIGA) gostaríamos de saber como é pra você esse acompanhamento mais de frente nessa luta? E quando se deu esse movimento?
2. 2-Como é pra você acompanhar a luta de Célia Xakriabá desde o início até o atual momento?

3-Quais são as dificuldades encontradas, por ser do mesmo povo?

4- Desde quando despertou o interesse de participar da luta pelo território?

5- como você se sente ao saber que tem muitos jovens engajados na luta?

6- Você gostaria de deixar algum recado para a juventude?

7- O que você acha do tema do nosso TCC?

8- Por que é importante a participação das mulheres na política partidária e interna?



Figura 12. Flavia Xakriabá

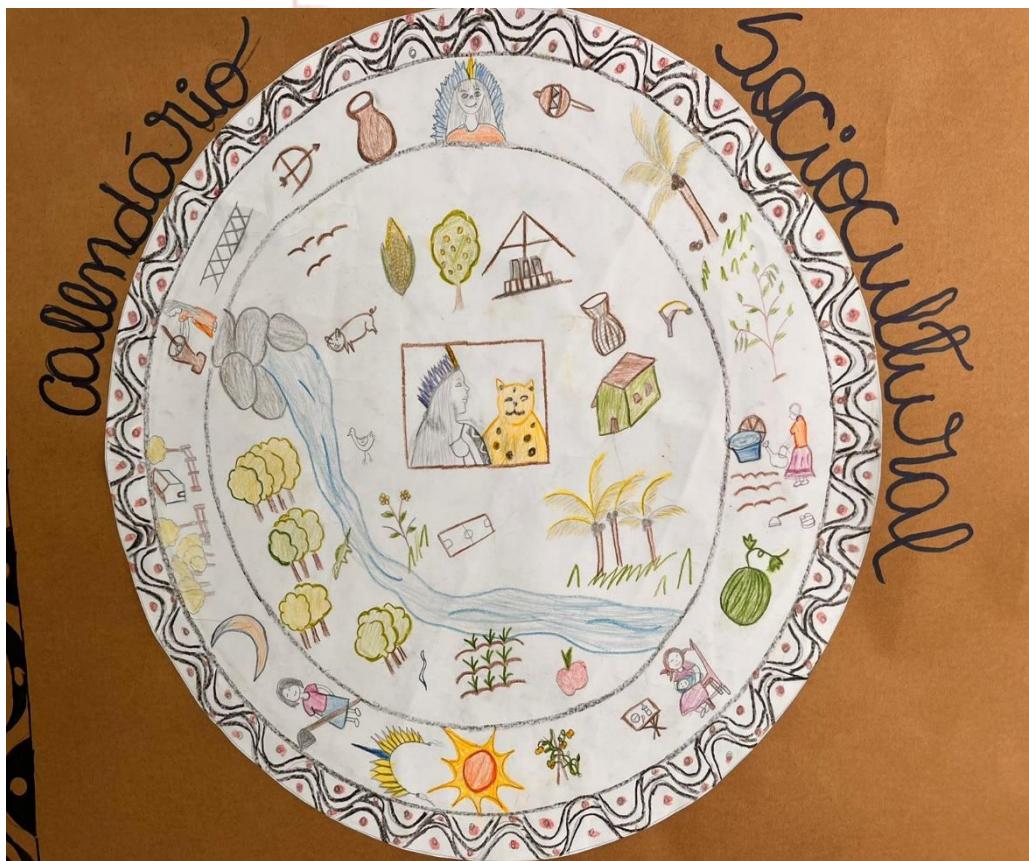


Figura 13. Dona Faustina.

Assim que decidimos fazer o nosso TCC voltado para essas mulheres guerreiras tivemos também em mente em falar com **Dona Faustina Pereira dos Santos Aquino** mulher de luta que carregou e sustentou a cultura do nosso povo, mas logo ela adoeceu e em 16-11-2022 ela veio a óbito, mas mesmo com seu falecimento queremos deixar aqui registrado uma homenagem essa mulher que sempre foi um exemplo de coragem e alegria, pois poucos tiveram o privilégio de partilhar da sua sabedoria sua história de luta e dedicação e deve ser por nós reconhecida, deixamos aqui os nossos agradecimentos mesmo *in memoriam*.

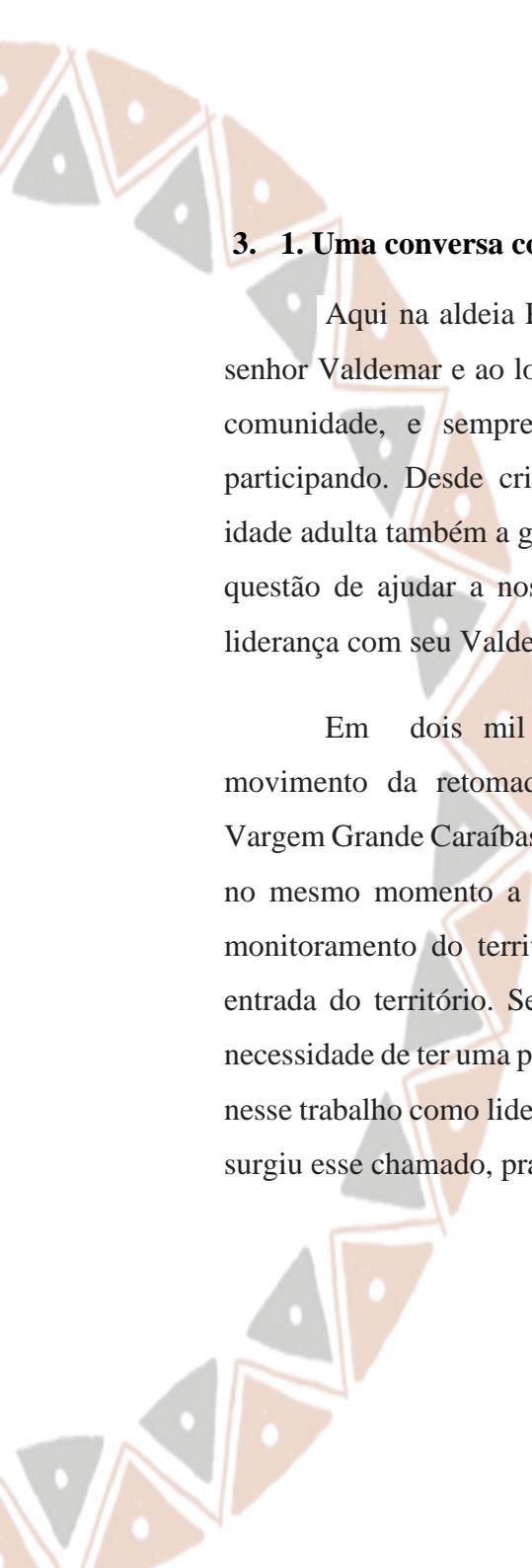
CAPÍTULO 3

Participação das mulheres Xakriabá na política interna e seus impactos na vida comunitária¹



Iniciamos esta escrita com uma releitura do calendário sociocultural Xakriabá, elaborada por nós, com o propósito de incluir as mulheres nas práticas socioculturais que entendemos como participação na política interna da nossa comunidade. Este calendário, assim como outros que já foram registrados em outras pesquisas (ARAÚJO, 2018) descreve o cotidiano das práticas culturais que ocorrem mês a mês nas aldeias – ainda que possa variar de aldeia para aldeia- e é utilizado para levar essas práticas para a escola, com o propósito de articular os tempos das aldeias com os tempos da escola.

¹ Neste capítulo adotamos a opção de abrir caixas de comentários para indicar nossas aprendizagens com as falas de cada uma das mulheres participantes da pesquisa.



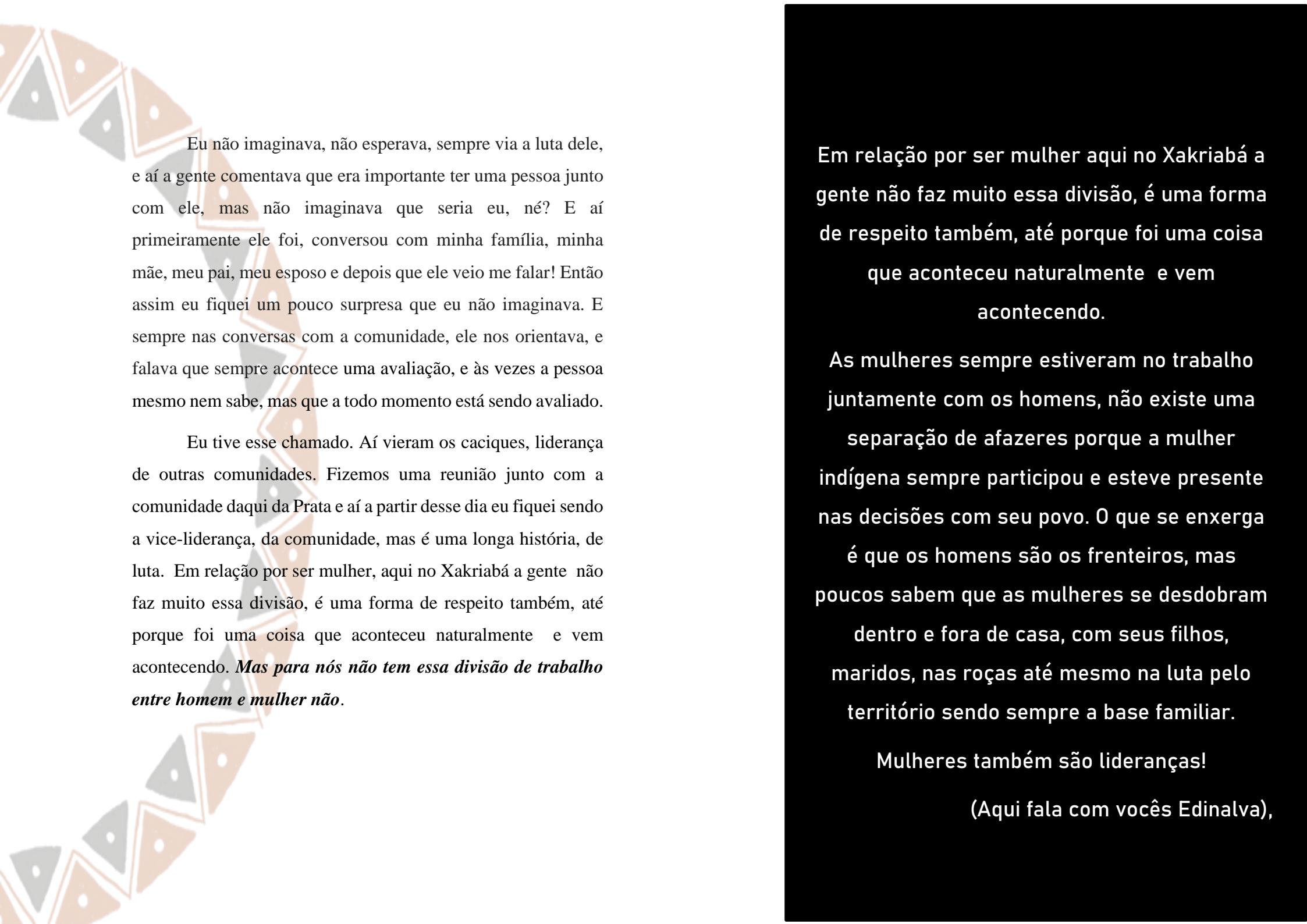
3. 1. Uma conversa com Diana Xakriabá

Aqui na aldeia Prata temos a nossa liderança, que é o senhor Valdemar e ao longo do tempo ele vem trabalhando na comunidade, e sempre a gente vem junto aí nessa luta participando. Desde criança, estudante, depois jovem, aí na idade adulta também a gente vem acompanhando sempre nessa questão de ajudar a nossa liderança, e agora estou de Vice-liderança com seu Valdemar aqui na Aldeia Prata.

Em dois mil e treze eu estava participando do movimento da retomada do nosso território na região de Vargem Grande Caraíbas, e tinha nossas idas pra lá, e aí também no mesmo momento a gente estava fazendo um trabalho de monitoramento do território que a gente fala o bloqueio na entrada do território. Sempre acompanhando junto, ele viu a necessidade de ter uma pessoa junto com ele para estar ajudando nesse trabalho como liderança, e foi a partir desse momento que surgiu esse chamado, pra mim tá participando.

Ser liderança é servir a nossas comunidades.

Não é qualquer pessoa que é nomeada a liderança, é preciso ter um histórico de luta como a participação dentro das decisões nas comunidades.



Eu não imaginava, não esperava, sempre via a luta dele, e aí a gente comentava que era importante ter uma pessoa junto com ele, mas não imaginava que seria eu, né? E aí primeiramente ele foi, conversou com minha família, minha mãe, meu pai, meu esposo e depois que ele veio me falar! Então assim eu fiquei um pouco surpresa que eu não imaginava. E sempre nas conversas com a comunidade, ele nos orientava, e falava que sempre acontece uma avaliação, e às vezes a pessoa mesmo nem sabe, mas que a todo momento está sendo avaliado.

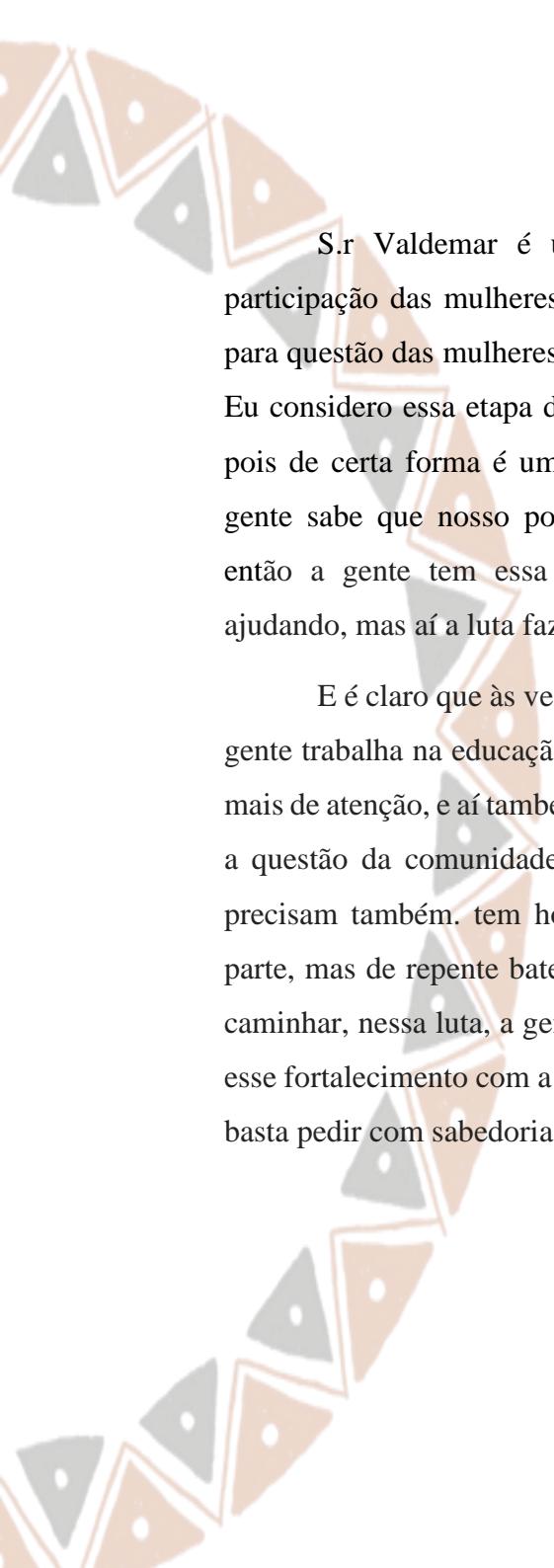
Eu tive esse chamado. Aí vieram os caciques, liderança de outras comunidades. Fizemos uma reunião junto com a comunidade daqui da Prata e aí a partir desse dia eu fiquei sendo a vice-liderança, da comunidade, mas é uma longa história, de luta. Em relação por ser mulher, aqui no Xakriabá a gente não faz muito essa divisão, é uma forma de respeito também, até porque foi uma coisa que aconteceu naturalmente e vem acontecendo. *Mas para nós não tem essa divisão de trabalho entre homem e mulher não.*

Em relação por ser mulher aqui no Xakriabá a gente não faz muito essa divisão, é uma forma de respeito também, até porque foi uma coisa que aconteceu naturalmente e vem acontecendo.

As mulheres sempre estiveram no trabalho juntamente com os homens, não existe uma separação de afazeres porque a mulher indígena sempre participou e esteve presente nas decisões com seu povo. O que se enxerga é que os homens são os frenteiros, mas poucos sabem que as mulheres se desdobram dentro e fora de casa, com seus filhos, maridos, nas roças até mesmo na luta pelo território sendo sempre a base familiar.

Mulheres também são lideranças!

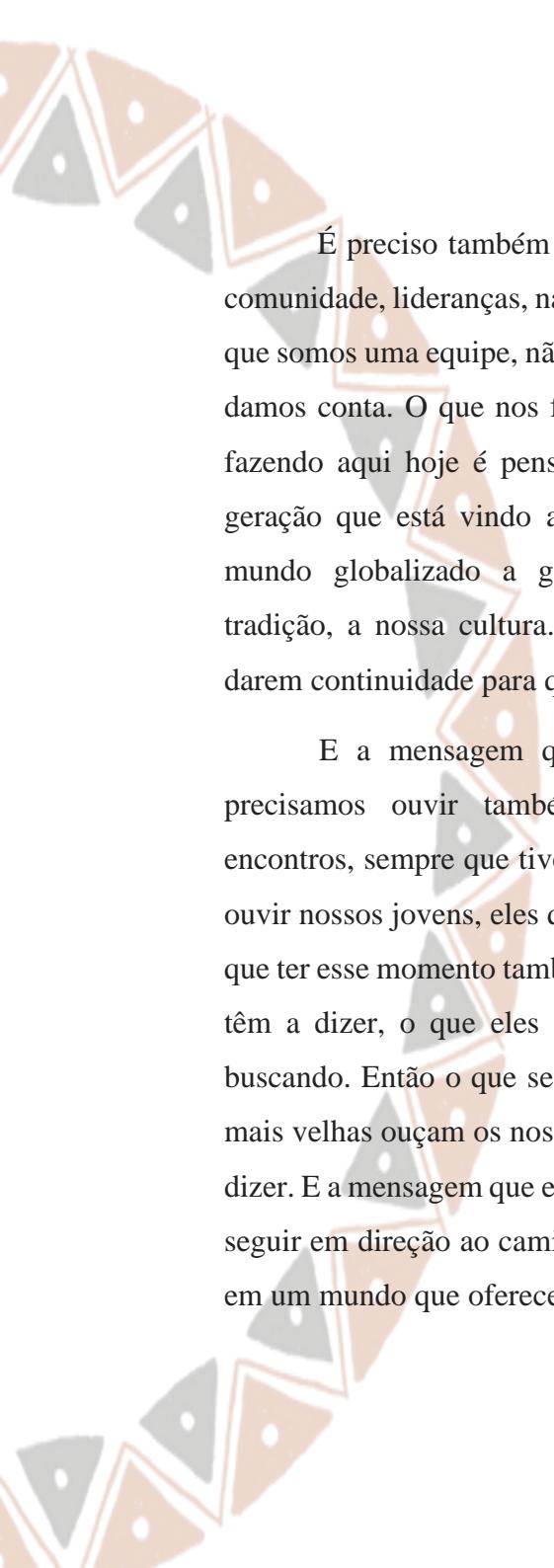
(Aqui fala com vocês Edinalva),



S.r Valdemar é uma pessoa que valoriza muito a participação das mulheres na luta, ele tem esse olhar voltado para questão das mulheres sempre incentiva essa participação. Eu considero essa etapa da minha vida como um aprendizado pois de certa forma é uma grande responsabilidade porque a gente sabe que nosso povo precisa dessas representações, e então a gente tem essa responsabilidade também de estar ajudando, mas aí a luta faz a gente fortalecer cada vez.

E é claro que às vezes aparece o cansaço físico porque a gente trabalha na educação escolar também, e exige um pouco mais de atenção, e aí também tem que ter esse olhar voltado para a questão da comunidade que as pessoas esperam, pois elas precisam também. Tem hora que fica um pouco difícil nessa parte, mas de repente bate uma força, que sempre ajuda nesse caminhar, nessa luta, a gente busca sabedoria e tem dado certo esse fortalecimento com a mãe natureza, ela nos ajuda bastante, basta pedir com sabedoria para andar nessa caminhada.

Nessa fala da liderança Diana retrata fatos de um mundo diferente que é fora da aldeia, não é o dinheiro que move tudo aqui para nós, somos diferentes, precisamos sim de renda financeira, mas algo que seja o suficiente para nos mantermos aqui no Xakriabá. Temos muitas formas de adquirirmos isso, trabalhamos de forma conjunta e sempre um ajudando o outro. Existem trocas, uma delas é a troca de sementes. Temos aqui o banco de sementes que quando a gente precisa é só pegar emprestado para plantar, e quando as roças derem devolver aquela quantidade de sementes. Por isso nem sempre é o dinheiro que vai valer, do que adianta ter o dinheiro se você não tiver uma boa qualidade de sementes para plantar e colher bons frutos! É o banco de semente que nos dá essa segurança de que no próximo ano você tem onde conseguir boas sementes. Isso nem sempre é o dinheiro que vai valer, mas sim a nossa tradição, a nossa troca de saberes, troca de semente, troca de serviço.

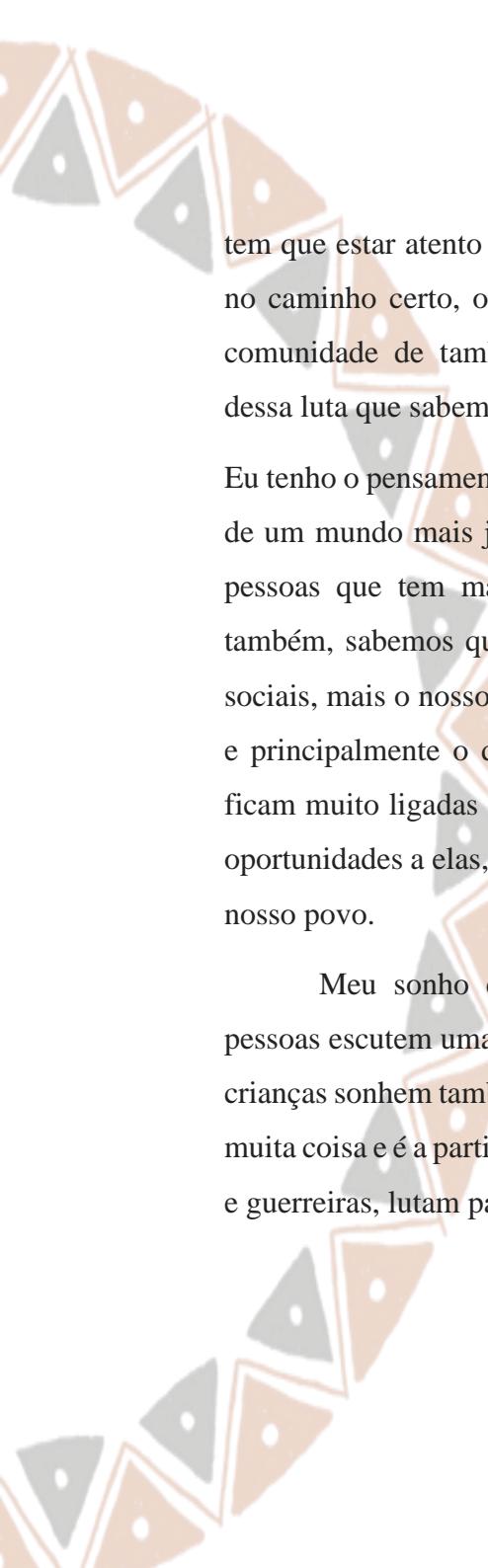


É preciso também ter a parceria com a família, escola, comunidade, lideranças, na escola mesmo a gente costuma dizer que somos uma equipe, não existe trabalhar sozinho porque não damos conta. O que nos fortalece é saber que, o que estamos fazendo aqui hoje é pensando no dia de amanhã para nossa geração que está vindo aí, a gente não vive apenas em um mundo globalizado a gente busca também manter nossa tradição, a nossa cultura. Tudo isso vai ficar para os outros darem continuidade para quando a gente não tiver mais aqui.

E a mensagem que a gente sempre repassa é que precisamos ouvir também os jovens nas reuniões, nos encontros, sempre que tiver possibilidades devemos parar para ouvir nossos jovens, eles querem falarem e serem ouvidos, tem que ter esse momento também de ouvir o que nossos jovens têm a dizer, o que eles estão pensando, o que eles estão buscando. Então o que sempre peço é que também as pessoas mais velhas ouçam os nossos jovens, pois eles têm muito a nos dizer. E a mensagem que eu deixo pra eles é que sempre procura seguir em direção ao caminho certo, a gente sabe que vivemos em um mundo que oferece muitas outras oportunidades, mas



O povo Xakriabá já tem uma linguagem e atitudes bem peculiares, mesmo não tendo muito, mas sempre compartilhamos o pouco que temos, e vemos que a liderança Diana ela preocupa bastante com a igualdade para todos, e isso é um sentimento e atitude muito bonita porque não existe uma conquista de luta se não for para beneficiar todos os povos.



tem que estar atento e buscar sabedoria com a natureza para ir no caminho certo, ou seja não só para eles, mas para toda a comunidade de também buscar estar ajudando, não desistir dessa luta que sabemos que é constante.

Eu tenho o pensamento que a gente não precisa de riqueza e sim de um mundo mais justo, igualitário, de ter um bom viver, as pessoas que tem mais, compartilhar com as outras pessoas também, sabemos que nesse mundo é cheio de desigualdades sociais, mas o nosso sonho é que todos tenham oportunidades, e principalmente o diálogo é importante, que as pessoas não ficam muito ligadas em questões materiais mas que seja dado oportunidades a elas, e isso é o que a gente sempre busca para o nosso povo.

Meu sonho é de um mundo mais solidário, que as pessoas escutem umas às outras, que essa nova geração, nossas crianças sonhem também, pois através do sonho a gente aprende muita coisa e é a partir daí que vão surgindo os nossos guerreiros e guerreiras, lutam para um mundo melhor.



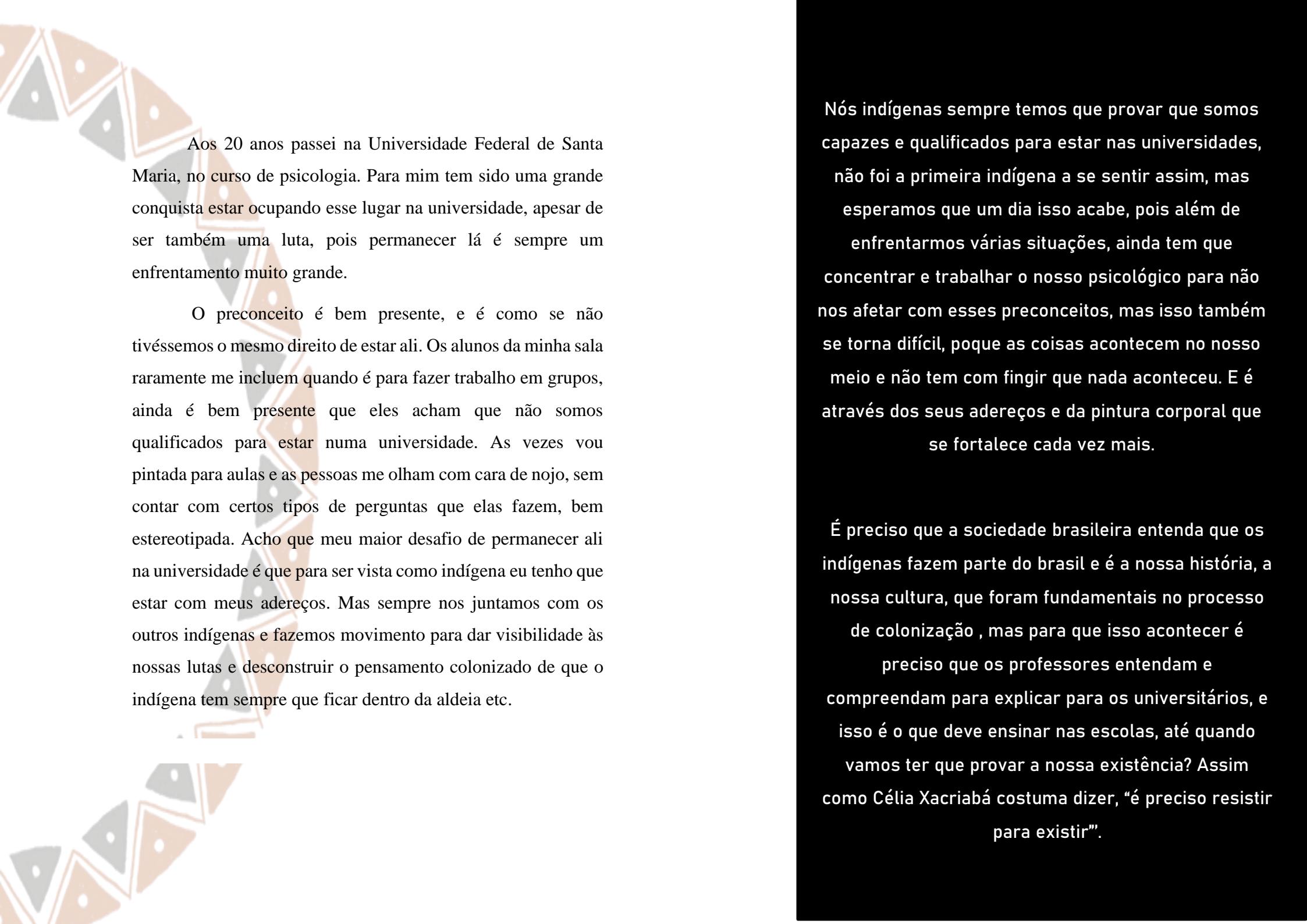
3.2. Artemisa Xakriabá

Sou a jovem ativista Artemisa Xakriabá, de 22 anos, gradua o curso de psicologia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Engajada em movimentos de reflorestamento e proteção cultural da aldeia, ela não sabe exatamente quando se tornou ativista.

Em reuniões, as lideranças mais velhas debatiam problemas e situações das nossas aldeias, e nós, os mais novos, escutávamos. Então, com 17 anos, comecei a denunciar os retrocessos do Brasil pela música. Compunha as letras e depois cantava, acompanhada do violão. E, quando as pessoas ouviam as canções, diziam que ali estava o meu ativismo, relembra.

O interesse despertado em ser ativista, veio desde minha infância, quando todas as crianças acompanhadas dos professores iam até as nascentes da sua aldeia para fazer reflorestamento. E assim continuou fazendo mesmo morando na cidade. Quando falamos em ativismo, não estamos nos referindo só à atuação no reflorestamento, mas também ao engajamento nas ações políticas

É importante que a juventude Xakriabá não só participe de movimentos ativistas indígenas se não também participar de outras lutas políticas internas e externas, porque é através dessas lutas é que nós indígenas conseguimos o direito de ter um território para morar.



Aos 20 anos passei na Universidade Federal de Santa Maria, no curso de psicologia. Para mim tem sido uma grande conquista estar ocupando esse lugar na universidade, apesar de ser também uma luta, pois permanecer lá é sempre um enfrentamento muito grande.

O preconceito é bem presente, e é como se não tivéssemos o mesmo direito de estar ali. Os alunos da minha sala raramente me incluem quando é para fazer trabalho em grupos, ainda é bem presente que eles acham que não somos qualificados para estar numa universidade. As vezes vou pintada para aulas e as pessoas me olham com cara de nojo, sem contar com certos tipos de perguntas que elas fazem, bem estereotipada. Acho que meu maior desafio de permanecer ali na universidade é que para ser vista como indígena eu tenho que estar com meus adereços. Mas sempre nos juntamos com os outros indígenas e fazemos movimento para dar visibilidade às nossas lutas e desconstruir o pensamento colonizado de que o indígena tem sempre que ficar dentro da aldeia etc.

Nós indígenas sempre temos que provar que somos capazes e qualificados para estar nas universidades, não foi a primeira indígena a se sentir assim, mas esperamos que um dia isso acabe, pois além de enfrentarmos várias situações, ainda tem que concentrar e trabalhar o nosso psicológico para não nos afetar com esses preconceitos, mas isso também se torna difícil, porque as coisas acontecem no nosso meio e não tem com fingir que nada aconteceu. E é através dos seus adereços e da pintura corporal que se fortalece cada vez mais.

É preciso que a sociedade brasileira entenda que os indígenas fazem parte do brasil e é a nossa história, a nossa cultura, que foram fundamentais no processo de colonização , mas para que isso acontecer é preciso que os professores entendam e compreendam para explicar para os universitários, e isso é o que deve ensinar nas escolas, até quando vamos ter que provar a nossa existência? Assim como Célia Xacriabá costuma dizer, “é preciso resistir para existir”.

Hoje me sinto muito honrada e feliz de saber que inspiro muitas mulheres, e que esse movimento que fazemos de unir povos e lutar por uma causa só, que é dos direitos dos povos indígenas, têm se fortalecido cada vez mais. Apesar de ser uma grande caminhada para desmistificar esse preconceito que a gente passa, principalmente por ser mulher. As mulheres do meu território são uma grande inspiração para nós mulheres jovens, elas sempre participaram de todos os enfrentamentos que tivemos aqui. Mas fico triste porque essa parte da história é pouco contada, penso que seja pelo fato de o machismo estar presente em todos os espaços, pois é uma questão de gênero. Assim se vai roubando a visibilidade das lutas das mulheres guerreiras. Hoje, o cenário é outro, temos a Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade (ANMIGA), que quebra todos os tabus sobre o que é ser mulher.

Todos os anos realizamos a Marcha das Mulheres Indígenas, onde colocamos nossas demandas e compartilhamos as trajetórias das mulheres indígenas do Brasil, é um espaço muito importante e de muito conhecimento.

Vejo que é muito importante que cada vez mais as mulheres ocupem esse lugar nas políticas públicas, nas universidades, no mercado de trabalho e em todos os espaços que também é nosso por

direito. Essa é a minha luta, empoderar as mulheres, e dar visibilidade a todas as nossas lutas.



Figura 14. Fotografia disponível em Revista Dakr̄ewaihkuze p.26

3.3. Dona Zelina: primeira mulher indígena professora do Xakriabá

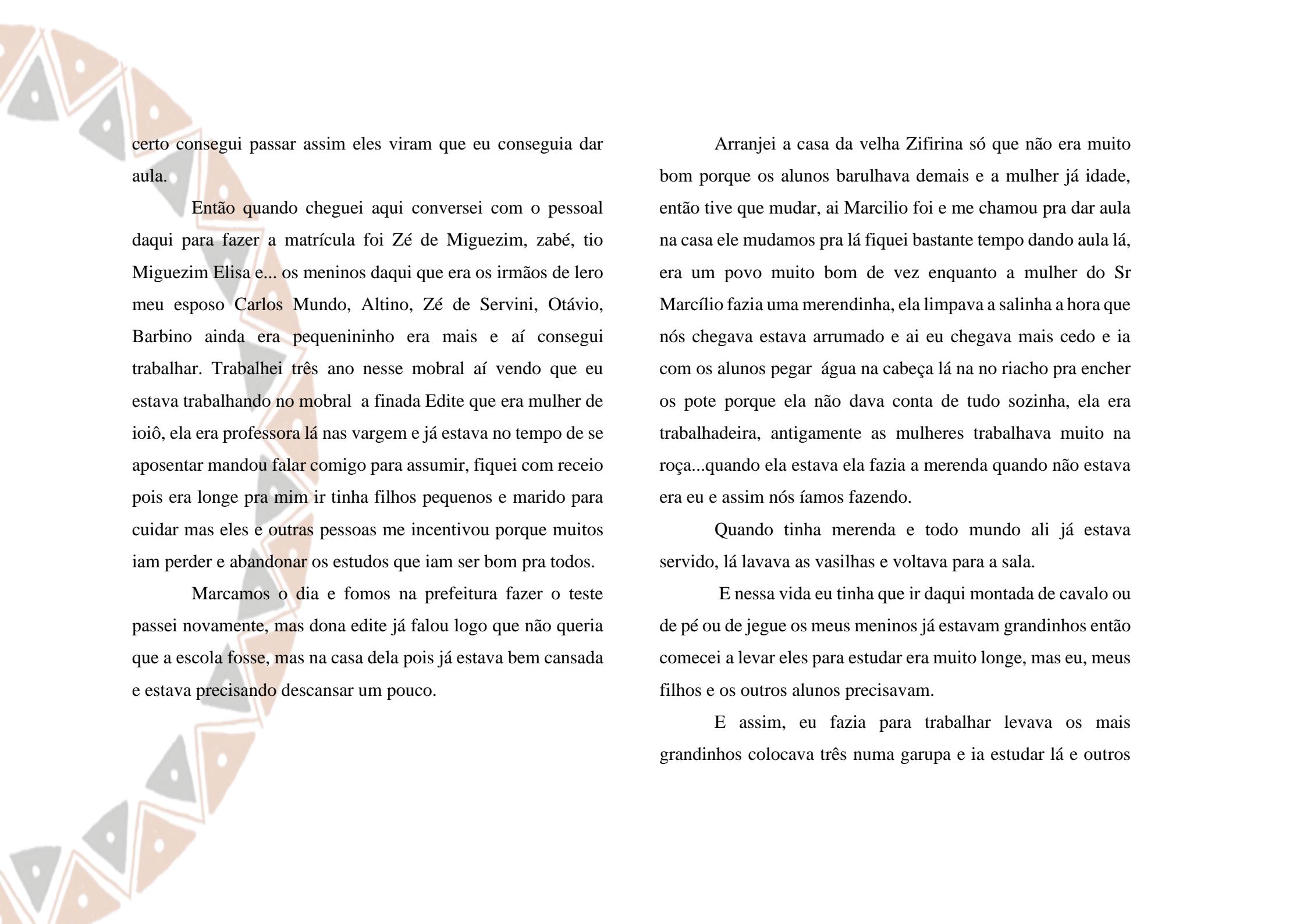


Figura 15. Dona Zelina.

Quando apareceu esse mobral, uma colega minha da Várzea Grande me perguntou assim: Zelina lá onde você mora não tem escola não? Eu falei não. Ela falou: você não queria dar o mobral lá não? Ela dava O mobral e conhecia as coordenadoras do mobral lá de Itacarambi. "*Ó, se você quiser dar o mobral e eu apresento você e aí você só vai lá e assina, eles falam como é que você faz aí você assina e vem cá e faz a matrícula e leva*".

Então eu procurei que dia dar para você me levar lá que tenho interesse! Bem assim eu fiz. No dia marcado Lero foi me levar até a casa dela e de lá foram eu ,ela e seu esposo de cavalo até em Itacarambi.

Chegando lá em Itacarambi ela me apresentou e explicou que aqui no Xaciabá não tinha escola, e eu sabia ler e escrever, e que eu poderia dar aula do mobral. Então eles falaram se lá não tem é só ela trazer as matrículas dos alunos pra levar o material, mas antes eu teria que passar no teste que eles iam me passar, fiquei bastante preocupada com medo de não dar conta, mas graças a Deus eles passaram umas coisas bem facinhas que eu já sabia e deu tudo



certo consegui passar assim eles viram que eu conseguia dar aula.

Então quando cheguei aqui conversei com o pessoal daqui para fazer a matrícula foi Zé de Miguezim, zabé, tio Miguezim Elisa e... os meninos daqui que era os irmãos de lero meu esposo Carlos Mundo, Altino, Zé de Servini, Otávio, Barbino ainda era pequenininho era mais e aí consegui trabalhar. Trabalhei três ano nesse mobral aí vendo que eu estava trabalhando no mobral a finada Edite que era mulher de ioiô, ela era professora lá nas vargem e já estava no tempo de se aposentar mandou falar comigo para assumir, fiquei com receio pois era longe pra mim ir tinha filhos pequenos e marido para cuidar mas eles e outras pessoas me incentivou porque muitos iam perder e abandonar os estudos que iam ser bom pra todos.

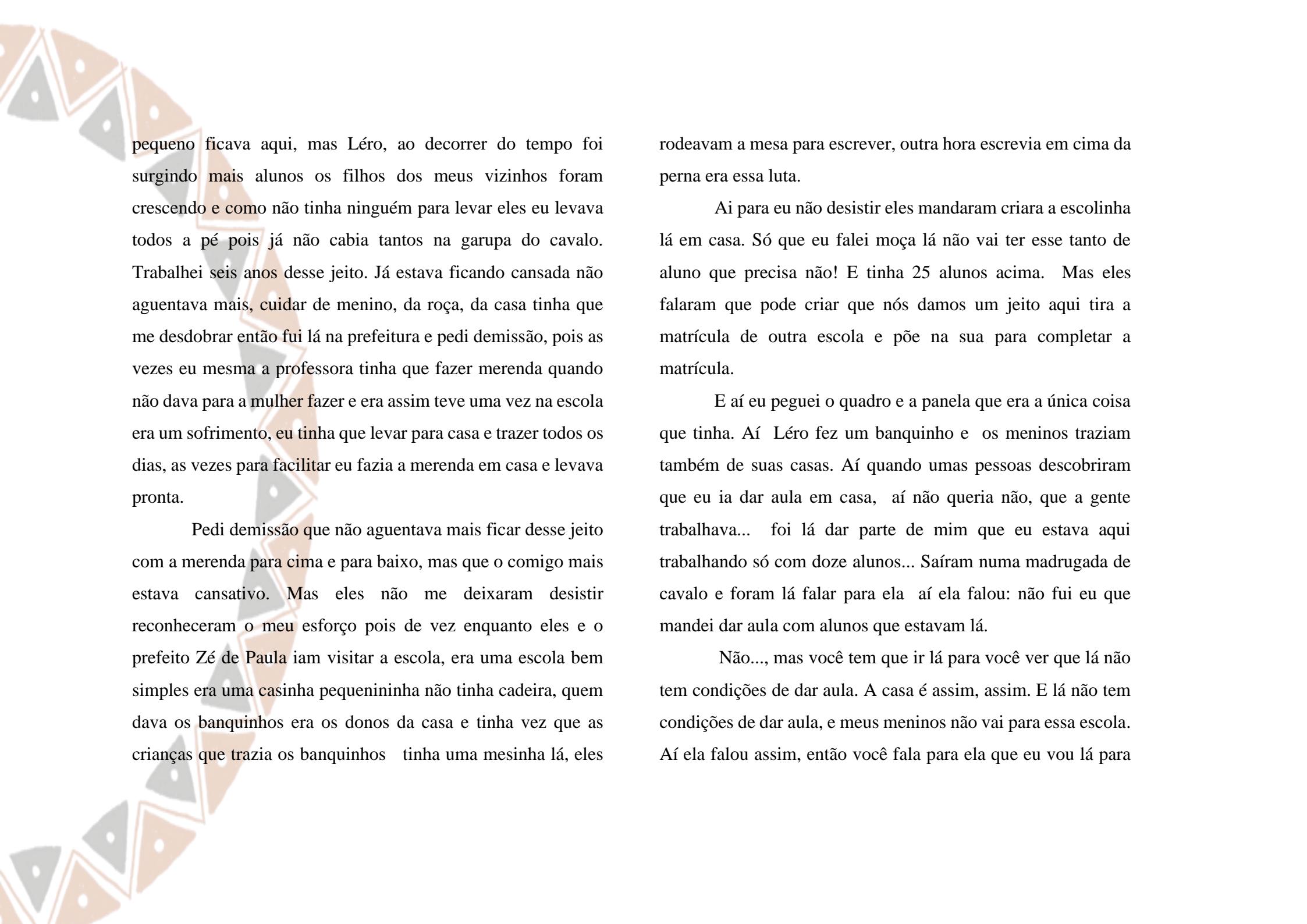
Marcamos o dia e fomos na prefeitura fazer o teste passei novamente, mas dona edite já falou logo que não queria que a escola fosse, mas na casa dela pois já estava bem cansada e estava precisando descansar um pouco.

Arranjei a casa da velha Zifirina só que não era muito bom porque os alunos barulhava demais e a mulher já idade, então tive que mudar, ai Marcilio foi e me chamou pra dar aula na casa ele mudamos pra lá fiquei bastante tempo dando aula lá, era um povo muito bom de vez enquanto a mulher do Sr Marcílio fazia uma merendinha, ela limpava a salinha a hora que nós chegava estava arrumado e ai eu chegava mais cedo e ia com os alunos pegar água na cabeça lá na no riacho pra encher os pote porque ela não dava conta de tudo sozinha, ela era trabalhadeira, antigamente as mulheres trabalhava muito na roça...quando ela estava ela fazia a merenda quando não estava era eu e assim nós íamos fazendo.

Quando tinha merenda e todo mundo ali já estava servido, lá lavava as vasilhas e voltava para a sala.

E nessa vida eu tinha que ir daqui montada de cavalo ou de pé ou de jegue os meus meninos já estavam grandinhos então comecei a levar eles para estudar era muito longe, mas eu, meus filhos e os outros alunos precisavam.

E assim, eu fazia para trabalhar levava os mais grandinhos colocava três numa garupa e ia estudar lá e outros



pequeno ficava aqui, mas Léro, ao decorrer do tempo foi surgindo mais alunos os filhos dos meus vizinhos foram crescendo e como não tinha ninguém para levar eles eu levava todos a pé pois já não cabia tantos na garupa do cavalo. Trabalhei seis anos desse jeito. Já estava ficando cansada não aguentava mais, cuidar de menino, da roça, da casa tinha que me desdobrar então fui lá na prefeitura e pedi demissão, pois as vezes eu mesma a professora tinha que fazer merenda quando não dava para a mulher fazer e era assim teve uma vez na escola era um sofrimento, eu tinha que levar para casa e trazer todos os dias, as vezes para facilitar eu fazia a merenda em casa e levava pronta.

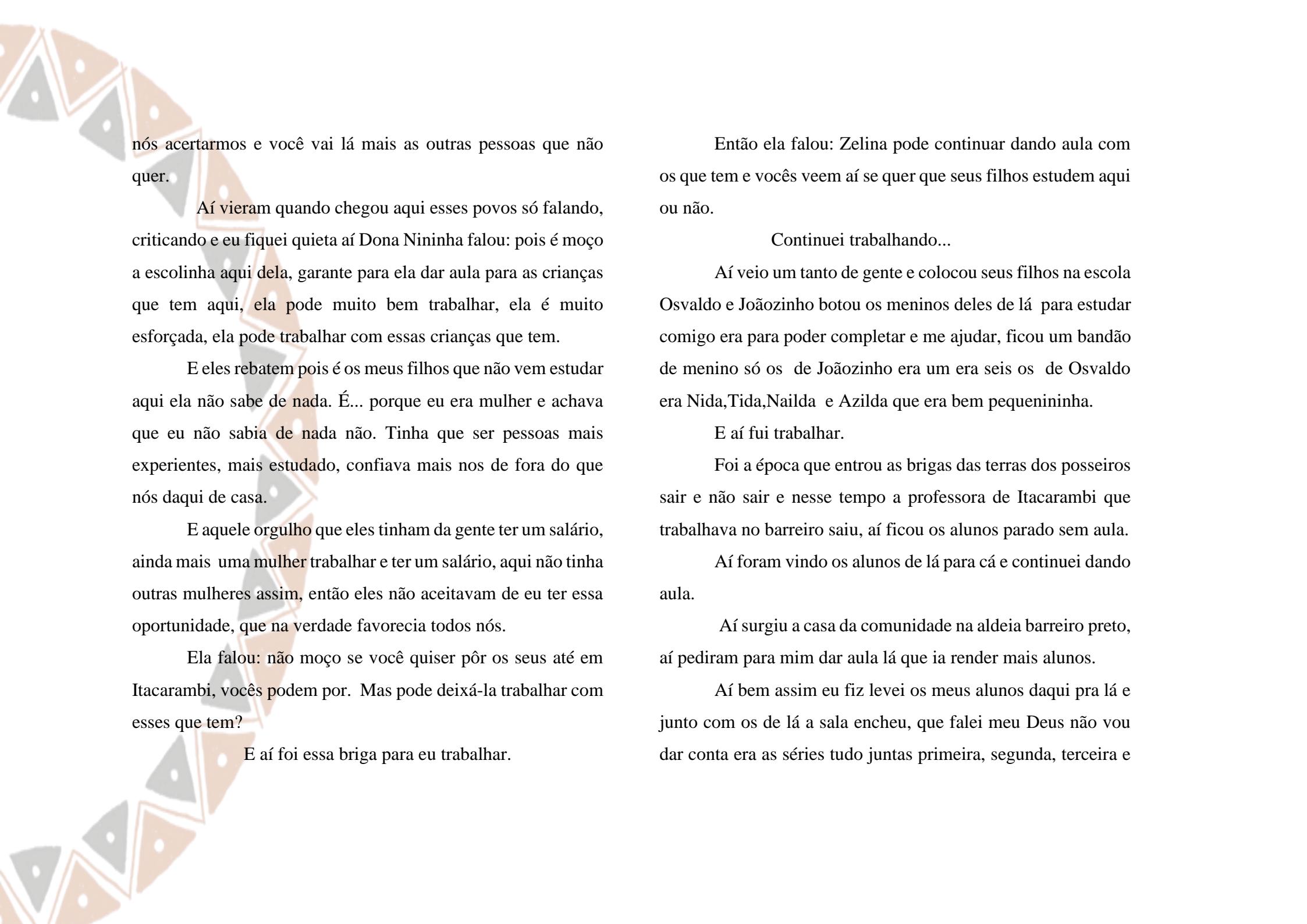
Pedi demissão que não aguentava mais ficar desse jeito com a merenda para cima e para baixo, mas que o comigo mais estava cansativo. Mas eles não me deixaram desistir reconheceram o meu esforço pois de vez enquanto eles e o prefeito Zé de Paula iam visitar a escola, era uma escola bem simples era uma casinha pequenininha não tinha cadeira, quem dava os banquinhos era os donos da casa e tinha vez que as crianças que trazia os banquinhos tinha uma mesinha lá, eles

rodeavam a mesa para escrever, outra hora escrevia em cima da perna era essa luta.

Aí para eu não desistir eles mandaram criara a escolinha lá em casa. Só que eu falei moça lá não vai ter esse tanto de aluno que precisa não! E tinha 25 alunos acima. Mas eles falaram que pode criar que nós damos um jeito aqui tira a matrícula de outra escola e põe na sua para completar a matrícula.

E aí eu peguei o quadro e a panela que era a única coisa que tinha. Aí Léro fez um banquinho e os meninos traziam também de suas casas. Aí quando umas pessoas descobriram que eu ia dar aula em casa, aí não queria não, que a gente trabalhava... foi lá dar parte de mim que eu estava aqui trabalhando só com doze alunos... Saíram numa madrugada de cavalo e foram lá falar para ela aí ela falou: não fui eu que mandei dar aula com alunos que estavam lá.

Não..., mas você tem que ir lá para você ver que lá não tem condições de dar aula. A casa é assim, assim. E lá não tem condições de dar aula, e meus meninos não vai para essa escola. Aí ela falou assim, então você fala para ela que eu vou lá para



nós acertarmos e você vai lá mais as outras pessoas que não quer.

Aí vieram quando chegou aqui esses povos só falando, criticando e eu fiquei quieta aí Dona Nininha falou: pois é moço a escolinha aqui dela, garante para ela dar aula para as crianças que tem aqui, ela pode muito bem trabalhar, ela é muito esforçada, ela pode trabalhar com essas crianças que tem.

E eles rebatem pois é os meus filhos que não vem estudar aqui ela não sabe de nada. É... porque eu era mulher e achava que eu não sabia de nada não. Tinha que ser pessoas mais experientes, mais estudo, confiava mais nos de fora do que nós daqui de casa.

E aquele orgulho que eles tinham da gente ter um salário, ainda mais uma mulher trabalhar e ter um salário, aqui não tinha outras mulheres assim, então eles não aceitavam de eu ter essa oportunidade, que na verdade favorecia todos nós.

Ela falou: não moço se você quiser pôr os seus até em Itacarambi, vocês podem por. Mas pode deixá-la trabalhar com esses que tem?

E aí foi essa briga para eu trabalhar.

Então ela falou: Zelina pode continuar dando aula com os que tem e vocês veem aí se quer que seus filhos estudem aqui ou não.

Continuei trabalhando...

Aí veio um tanto de gente e colocou seus filhos na escola Osvaldo e Joãozinho botou os meninos deles de lá para estudar comigo era para poder completar e me ajudar, ficou um bandão de menino só os de Joãozinho era um era seis os de Osvaldo era Nida,Tida,Nailda e Azilda que era bem pequeninha.

E aí fui trabalhar.

Foi a época que entrou as brigas das terras dos posseiros sair e não sair e nesse tempo a professora de Itacarambi que trabalhava no barreiro saiu, aí ficou os alunos parado sem aula.

Aí foram vindo os alunos de lá para cá e continuei dando aula.

Aí surgiu a casa da comunidade na aldeia barreiro preto, aí pediram para mim dar aula lá que ia render mais alunos.

Aí bem assim eu fiz levei os meus alunos daqui pra lá e junto com os de lá a sala encheu, que falei meu Deus não vou dar conta era as séries tudo juntas primeira, segunda, terceira e

quarta série era em torno de uns 45 alunos tudo junto aí eu falei que não dava conta, eles colocaram um serviçal que foi comadre Dete e eu só fui só pra sala, mas não estava dando conta mesmos assim.

Aí eu fui lá em Itacarambi falei com Nininha que era a mesma diretora ela já me conhecia falei tudo pra ela: ó, lá eu não tô dando conta não, lá tem duas salas e tem muitos alunos em torno de 45 ninguém não pode pegar esse tanto.

Ela falou: não, você caça lá duas pessoas para te ajudar, duas pessoas que tem a quarta série e traga elas aqui para fazer o teste se elas passarem uma pega a primeira você a segunda a outra a terceira e quarta.

Aí eu disse que está bom...

aí eu peguei falei com Matilde Mais Nêna de zuel...

aí elas aceitaram...

Lá elas passaram no teste foi quando elas começaram a dar aula e eu fiquei só com uma série que para mim já estava muito bom.

Assim fomos trabalhando um bom tempo com um serviçal e três professoras...

Aí com passar do tempo surgiu uma lei não sei se foi da prefeitura ou do estado que não podia trabalhar a professora que fosse todas teriam que sair. (leigas eram aa que não tinha formação) e nós éramos todas uma leiga. foi uma revolta desses povos pra não sair, eu falei assim, se não jogar nós fora deixar nós pra serviçal.

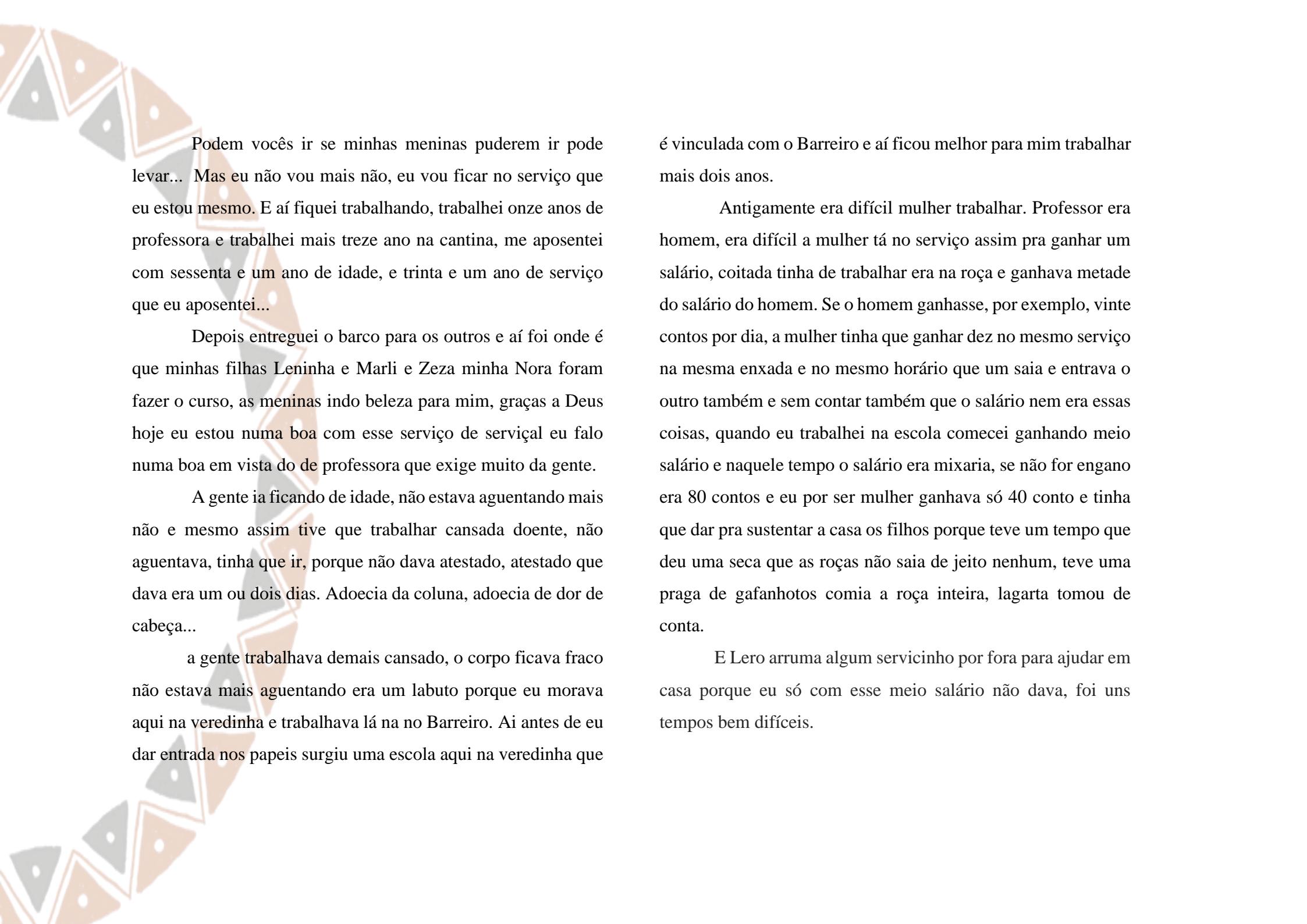
. Aí eu vou, eu não tenho isso não.

E como já estou bem cansada também seria bom ficar na cantina um pouco, vai indo a mente da gente não aguenta não.

Aí agora já tinha mais menino, Dete ficou de um horário fazendo merenda e eu no outro e vinha as professoras de fora, lá de Itacarambi para alunos ficava mais era sem aula.

Aí juntou a liderança, Cacique fizeram uma reunião para formar uma turma aqui mesmo e pegar as pessoas da quarta série e levar para o Rio Doce para formar e dar aula.

Aí ajeitaram uma turma, a primeira turma que foi umas professoras foi, aí eu não quis ir porque eu já estava na cozinha e eu vi minha cabeça já estava agoniada e eu não quero ser professora mais não.



Podem vocês ir se minhas meninas puderem ir pode levar... Mas eu não vou mais não, eu vou ficar no serviço que eu estou mesmo. E aí fiquei trabalhando, trabalhei onze anos de professora e trabalhei mais treze ano na cantina, me aposentei com sessenta e um ano de idade, e trinta e um ano de serviço que eu aposentei...

Depois entreguei o barco para os outros e aí foi onde é que minhas filhas Leninha e Marli e Zeza minha Nora foram fazer o curso, as meninas indo beleza para mim, graças a Deus hoje eu estou numa boa com esse serviço de serviço eu falo numa boa em vista do de professora que exige muito da gente.

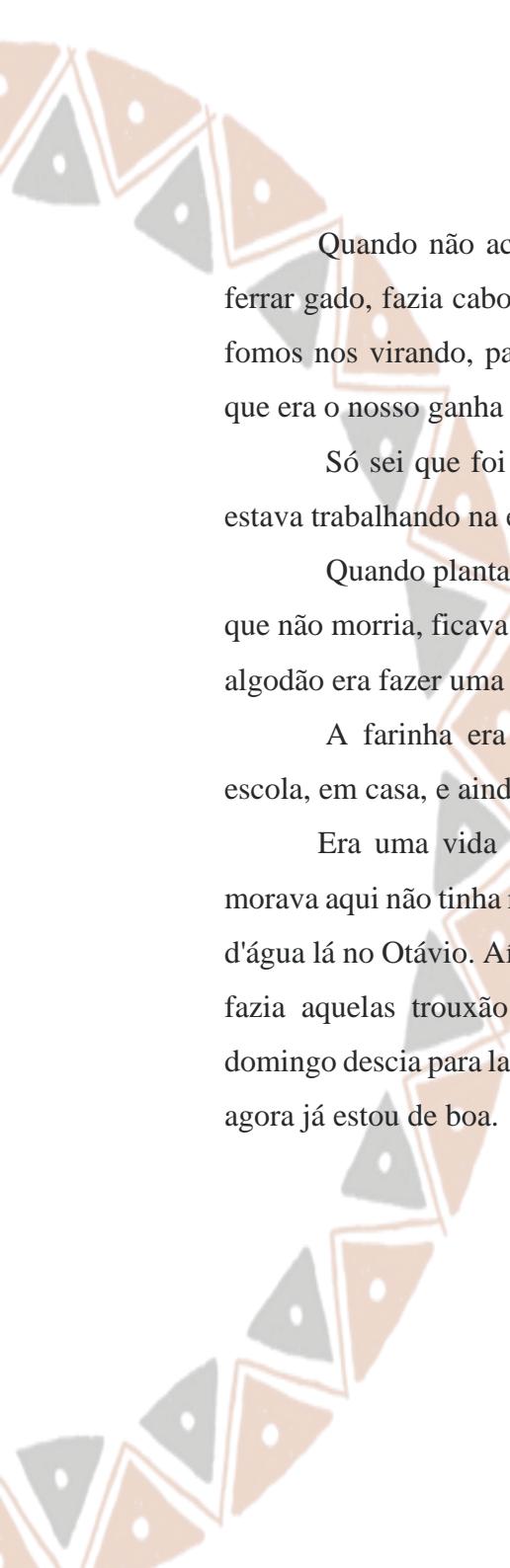
A gente ia ficando de idade, não estava aguentando mais não e mesmo assim tive que trabalhar cansada doente, não aguentava, tinha que ir, porque não dava atestado, atestado que dava era um ou dois dias. Adoecia da coluna, adoecia de dor de cabeça...

a gente trabalhava demais cansado, o corpo ficava fraco não estava mais aguentando era um labuto porque eu morava aqui na veredinha e trabalhava lá na no Barreiro. Ai antes de eu dar entrada nos papéis surgiu uma escola aqui na veredinha que

é vinculada com o Barreiro e aí ficou melhor para mim trabalhar mais dois anos.

Antigamente era difícil mulher trabalhar. Professor era homem, era difícil a mulher tá no serviço assim pra ganhar um salário, coitada tinha de trabalhar era na roça e ganhava metade do salário do homem. Se o homem ganhasse, por exemplo, vinte contos por dia, a mulher tinha que ganhar dez no mesmo serviço na mesma enxada e no mesmo horário que um saia e entrava o outro também e sem contar também que o salário nem era essas coisas, quando eu trabalhei na escola comecei ganhando meio salário e naquele tempo o salário era mixaria, se não for engano era 80 contos e eu por ser mulher ganhava só 40 conto e tinha que dar pra sustentar a casa os filhos porque teve um tempo que deu uma seca que as roças não saia de jeito nenhum, teve uma praga de gafanhotos comia a roça inteira, lagarta tomou de conta.

E Lero arruma algum servicinho por fora para ajudar em casa porque eu só com esse meio salário não dava, foi uns tempos bem difíceis.



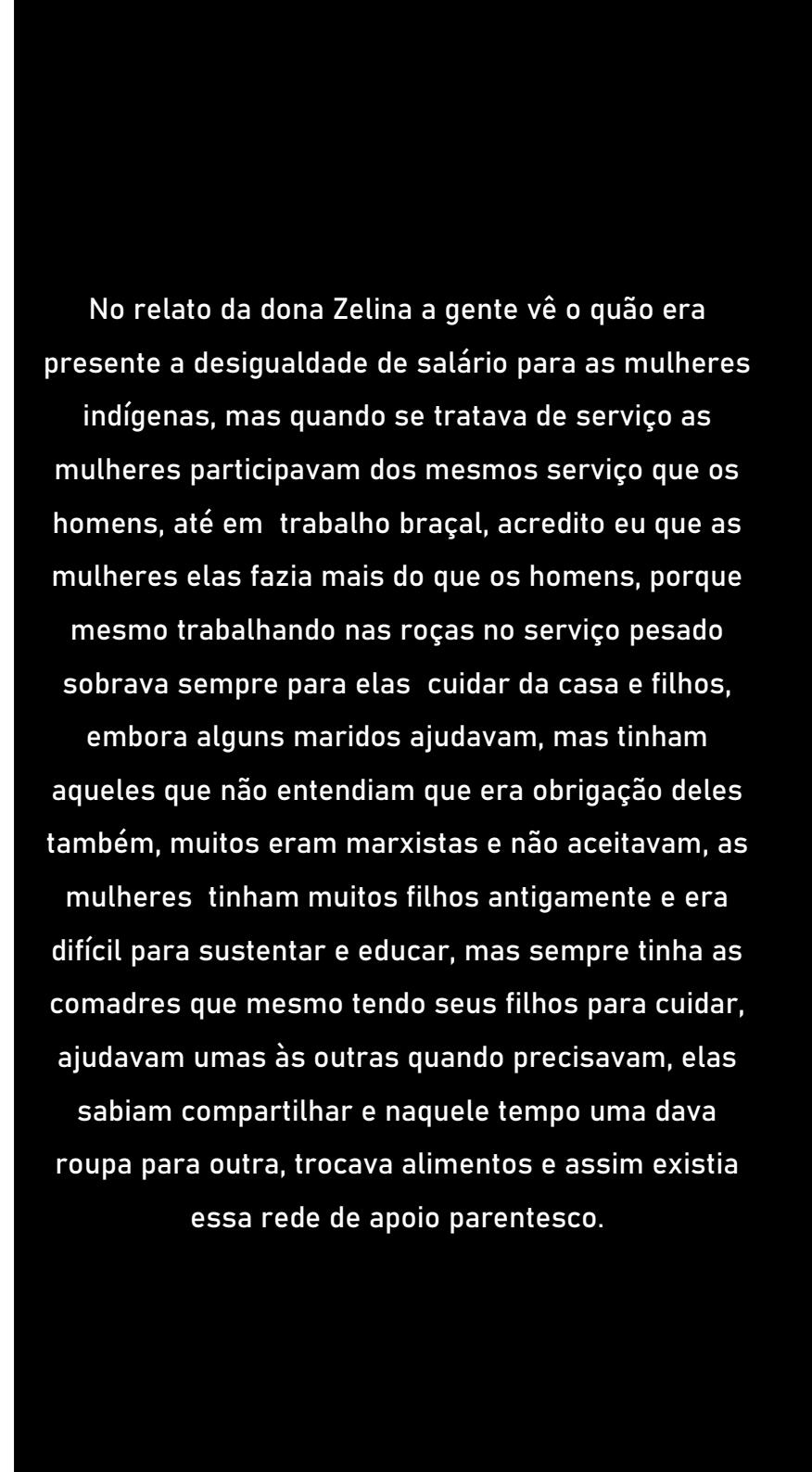
Quando não achava serviço ele também fazia ferro de ferrar gado, fazia cabo de enxada, emendava foice e assim nós fomos nos virando, para não morrer de fome porque as roças que era o nosso ganha pão não estava saindo nada.

Só sei que foi uma vida sofrida além disso quando eu estava trabalhando na escola ainda tinha que ir para a roça.

Quando plantava roça e perdia, mas aí ficava o algodão que não morria, ficava uma mandioca a gente ia cuidar apanhar algodão era fazer uma farinha, alguma coisa assim.

A farinha era feita no ralo, tinha de ir trabalhar na escola, em casa, e ainda cuidar das coisas para manter viva.

Era uma vida sofrida. Sem contar que onde a gente morava aqui não tinha riacho, a gente ia lavar a roupa lá no meio d'água lá no Otávio. Aí juntava as roupas de quinze dia até mais fazia aquelas trouxão na cabeça e descia no sábado ou no domingo descia para lavar roupa era pesado mais venci a batalha agora já estou de boa.



No relato da dona Zelina a gente vê o quanto era presente a desigualdade de salário para as mulheres indígenas, mas quando se tratava de serviço as mulheres participavam dos mesmos serviços que os homens, até em trabalho braçal, acredito eu que as mulheres elas faziam mais do que os homens, porque mesmo trabalhando nas roças no serviço pesado sobrava sempre para elas cuidar da casa e filhos, embora alguns maridos ajudavam, mas tinham aqueles que não entendiam que era obrigação deles também, muitos eram marxistas e não aceitavam, as mulheres tinham muitos filhos antigamente e era difícil para sustentar e educar, mas sempre tinha as comadres que mesmo tendo seus filhos para cuidar, ajudavam umas às outras quando precisavam, elas sabiam compartilhar e naquele tempo uma dava roupa para outra, trocava alimentos e assim existia essa rede de apoio parentesco.



Hoje eu fico muito orgulhosa em ver mulheres nossas aqui do Xakriaba trabalhando e participando de todas outras atividades que os homens participam têm Miranda que eu dei aula e que hoje ela é auxiliar de dentista e pedagoga. Naílda que era agente de saúde e hoje é técnica de enfermagem. Célia que ela já é deputada, a primeirinha letrinha que ela aprendeu foi comigo, as outras irmãs dela Sandra e Simone também estudaram comigo, mas já tinha estudado em São Paulo. Chiquinho que foi secretário de saúde, Cida Barros já é a diretora, Cleusa é professora Senhorinha é técnica de higiene bucal, Alípio é professor, Marli é professora, Leninha é professora e fora muitos outros que não estou lembrando no momento que já tem uma boa profissão, aí eu sinto assim, uma felicidade enorme dentro de mim é rapaz moça todos estudados e vejo assim que tudo na vida tem um começo e o começo da formação deles foi por mim.

É igual fala assim que a base das outras profissões é o professor, né?

É educação, porque ninguém consegue se formar pra ser médico se não estudar, né?

Em outras profissões também.

Pois é, eu sempre falo, mas a minha fala não chega até onde deve realmente chegar.

Que o professor é uma pessoa que tem que ser mais respeitado era pra ser mais valorizado, mas isso não acontece.

Se é médico, tem que passar pelo professor, se é deputado, tem que passar pelo professor, se é qualquer pessoa de lei tem que passar pelo professor.

Hoje em dia o que leva a gente pra cima é o estudo.

E o professor não ensina só um né? Ele ensina vários ao mesmo tempo.

Conhecendo a história de luta de dona Zelina, vemos que mediante a tantos empecilhos ela é uma guerreira, e exemplo disso, é a evolução de pessoas formadas aqui no Xakriabá e ver que os primeiros alunos dela hoje tem uma boa formação, isso graças a ela que se esforçou e lutou para alfabetizar o seu povo. E a luta não para por aí, foi através de Dona Zelina que hoje os jovens buscam outros meios para lutarem, não é mais a mesma ferramenta, mas o mesmo objetivo, porque a todo momento a noticiários de governantes de oposição tentando derrubar os direitos dos povos indígenas.

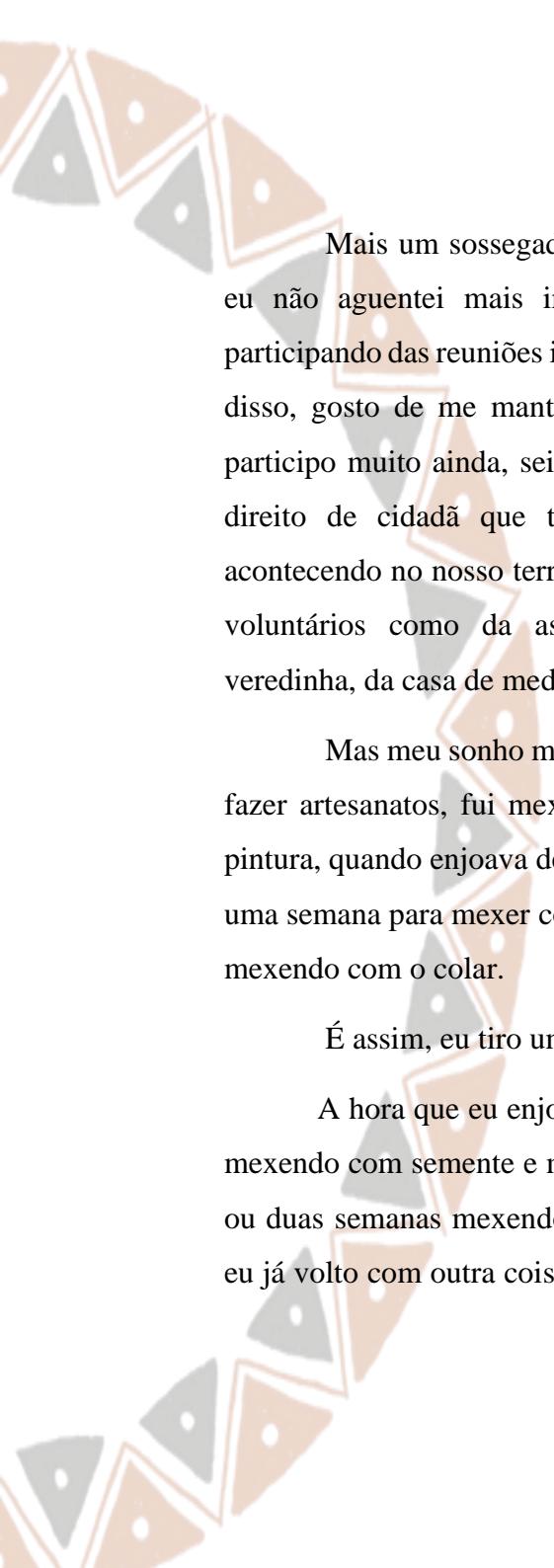
E ser professor tem aguentar muita coisa, pois cada aluno tem um gênero diferente, uns são calmos outros alterados, tem alunos bastante imperativos e nem toda pessoa tem a mente boa para suportar tudo isso.

Eu mesma fiquei doente um tempo com depressão tive que me afastar por dois meses tomei uns remédios fortes. Eu lembro que comecei a trabalhar de professora no Mobral foi em mil novecentos e setenta e sete, setenta e oito Setenta e nove. E em setenta e nove comecei dar aula de professora pelo Município.

Parei de trabalhar em dois mil e oito e só em dois mil dezesseis eu me aposentei.

Caminhei bastante para me aposentar. Meu Deus, mas demorou! Levava um documento, faltava outro era assim direto, ainda bem que zeza, Marcelo, Celso me ajudou bastante.

Depois me falaram que era eu mesma que tinham que resolver isso, como eu não entendia direito o que estava faltando, pedia para anotar as pendências e onde eu deveria procurar depois de muita peleja aposentei e sosseguei.



Mais um sossegado esse que eu não sei ficar parada e eu não aguentei mais ir trabalhar na roça, mas continuo participando das reuniões importantes para nosso povo, eu gosto disso, gosto de me manter informada, tirar minhas dúvidas, participo muito ainda, sei que não dou mais aulas, mas como direito de cidadã que tenho, gosto de saber o que está acontecendo no nosso território, e participo de muitos serviços voluntários como da associação casa de sabão aqui da veredinha, da casa de medicina do Barreiro.

Mas meu sonho mesmo era plantar e cuidar das plantas, fazer artesanatos, fui mexer com o barro, fui fazer costura e pintura, quando enjoava de mexer com um ia fazer o outro Tiro uma semana para mexer com uma coisa, essa semana eu estava mexendo com o colar.

É assim, eu tiro uma semana mexendo com barro.

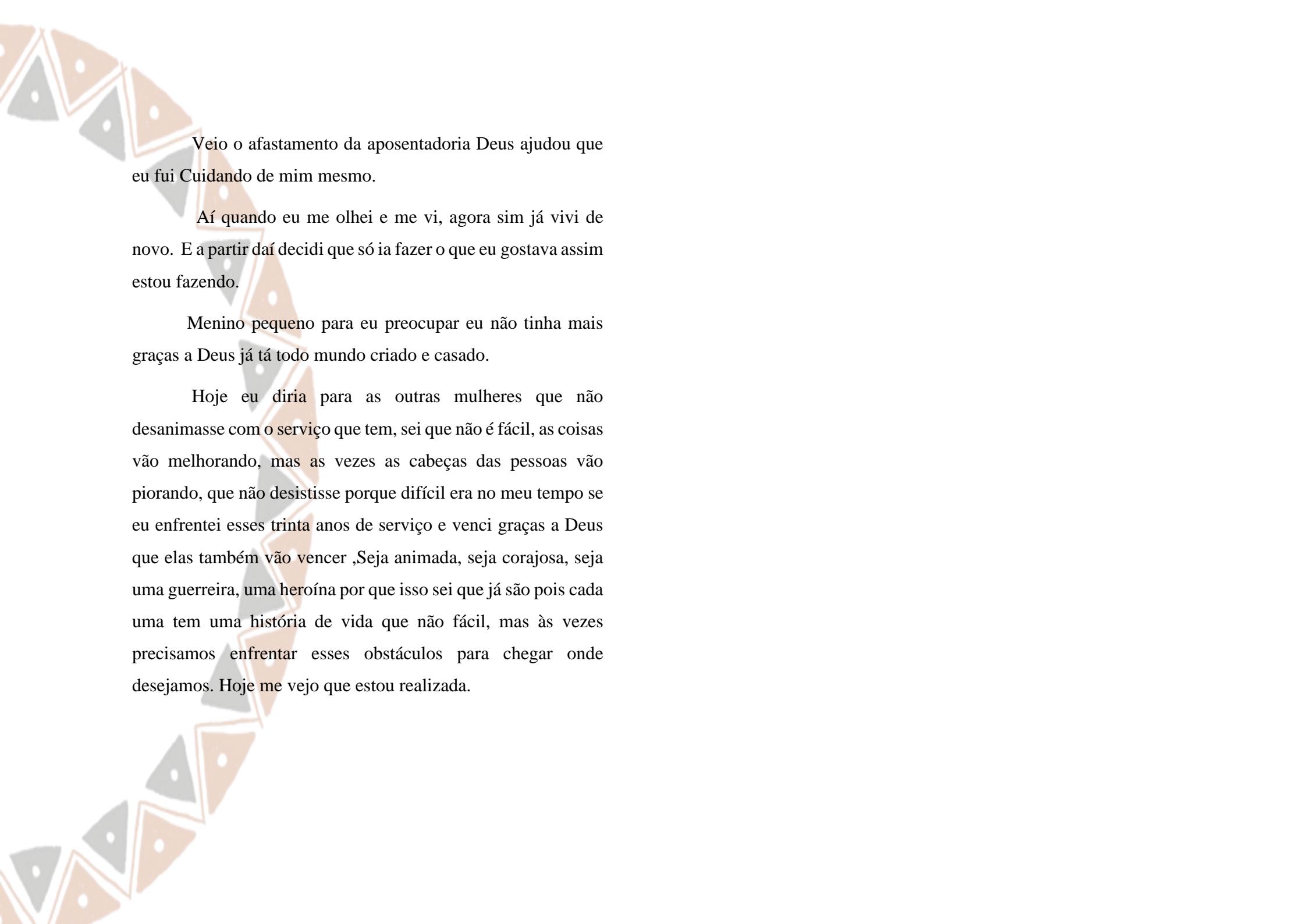
A hora que eu enjoar de barro eu largo tiro uma semana mexendo com semente e miçanga. Aí eu entro com mais uma ou duas semanas mexendo com as plantas, termino as plantas eu já volto com outra coisa, vou fazer tapete, vou fazer colcha,

pintar e tudo isso, quando eu canso daquilo eu vou fazer outra coisa mais não fico parada de jeito nenhum.

Já me acostumei nessa vida de trabalho o dia que eu não faço nada eu fico assim... parece que perdi um dia. Aí eu endoido fazendo tudo de novo ainda mais quando eu lembro que uma vez eu fiquei com depressão que não tinha ânimo para nada já não sabia fazer Nadinha, sabe que eu não fazia nem uma comida é a coisa mais dura que eu imaginava de colocar fazer um arroz ...

Eu chorava para não fazer um almoço, pra fazer alguma coisa. Quando a casa ia ficando assim, desleixada, eu arranjei uma pessoa para ficar mais eu... Mas por mim, óia tanto faz.... eu ia para escola chegava lá eu ficava assim.... Eu agradeço a Vera que me ajudava lavava as vasilhas pra mim tive que trabalhar mesmo assim aí ela via que eu não estava muito bem e me ajudava, quando ela liberava os alunos ia lá jogava água nessas salas eu não via a hora de chegar em casa e deitar o corpo só pedia isso.

Menina, mas eu fiquei ruim aí Deus ajudou que ela estava nessa comunidade



Veio o afastamento da aposentadoria Deus ajudou que
eu fui Cuidando de mim mesmo.

Aí quando eu me olhei e me vi, agora sim já vivi de novo. E a partir daí decidi que só ia fazer o que eu gostava assim estou fazendo.

Menino pequeno para eu preocupar eu não tinha mais
graças a Deus já tá todo mundo criado e casado.

Hoje eu diria para as outras mulheres que não desanimasse com o serviço que tem, sei que não é fácil, as coisas vão melhorando, mas as vezes as cabeças das pessoas vão piorando, que não desistisse porque difícil era no meu tempo se eu enfrentei esses trinta anos de serviço e venci graças a Deus que elas também vão vencer ,Seja animada, seja corajosa, seja uma guerreira, uma heroína por que isso sei que já são pois cada uma tem uma história de vida que não fácil, mas às vezes precisamos enfrentar esses obstáculos para chegar onde desejamos. Hoje me vejo que estou realizada.

3.4. Maria José

Vou começar a contar sobre essa questão assim de luta mesmo, né? Eu acredito assim que a luta é uma luta contínua, então teve os mais velhos né? Que foi de frente a luta da terra, e aí eu acredito assim que a gente mais novo vai entrando nessa luta também, não desmerecendo eles, porque eles têm essa história, que a gente reconhece. E aí a gente vai entrando e aí os filhos da gente vão entrando também ,e isso vai se tornando essa luta né? E aí eu vejo assim que teve a luta pela terra que não foi fácil né? Mas aí a luta é continua né? Com a garantia de direitos que é essa questão de o jovem sobreviverem dentro da aldeia, de buscar, ocupar esses espaços, da gente conseguir essas políticas, né? Executar essas políticas públicas, né? Que a gente não tem acesso, não tem conhecimento, né? Então eu busco conhecer um pouco mais, somar com as pessoas, não só na questão dá na questão da educação, mas agora também na questão da alimentação, na questão da agricultura familiar, então em todas as áreas que a gente participa, vai buscando se envolver cada vez mais.

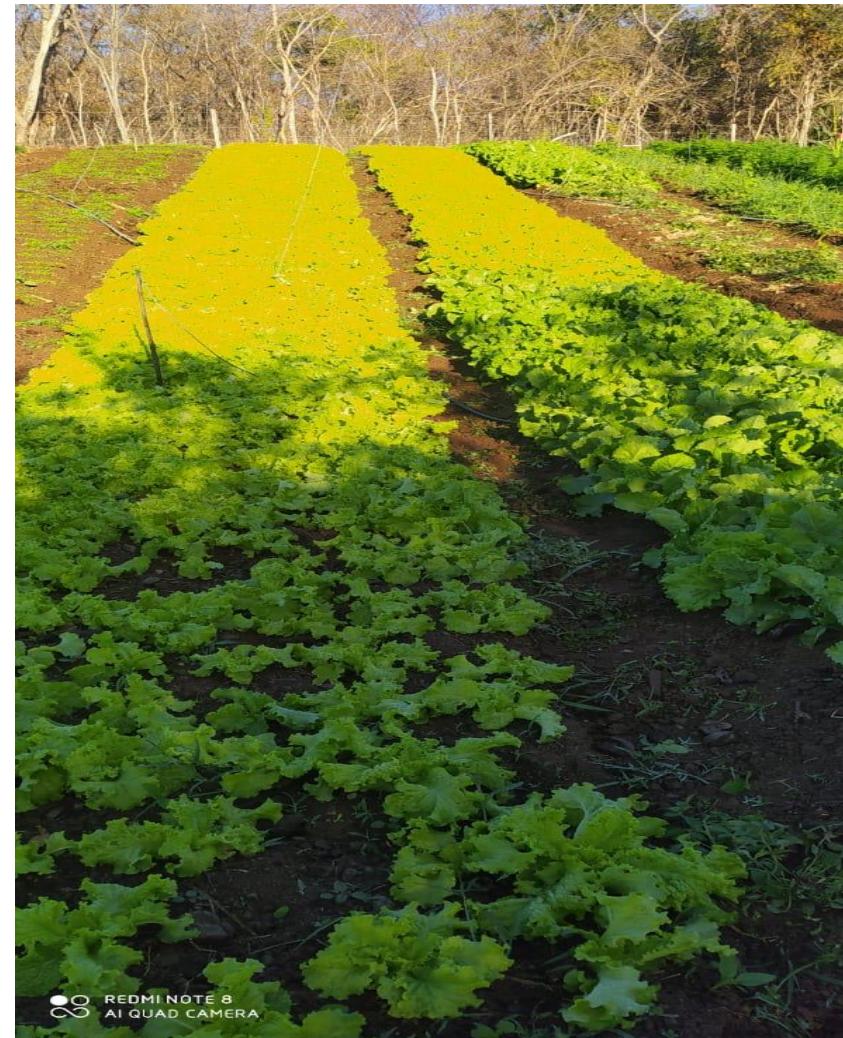
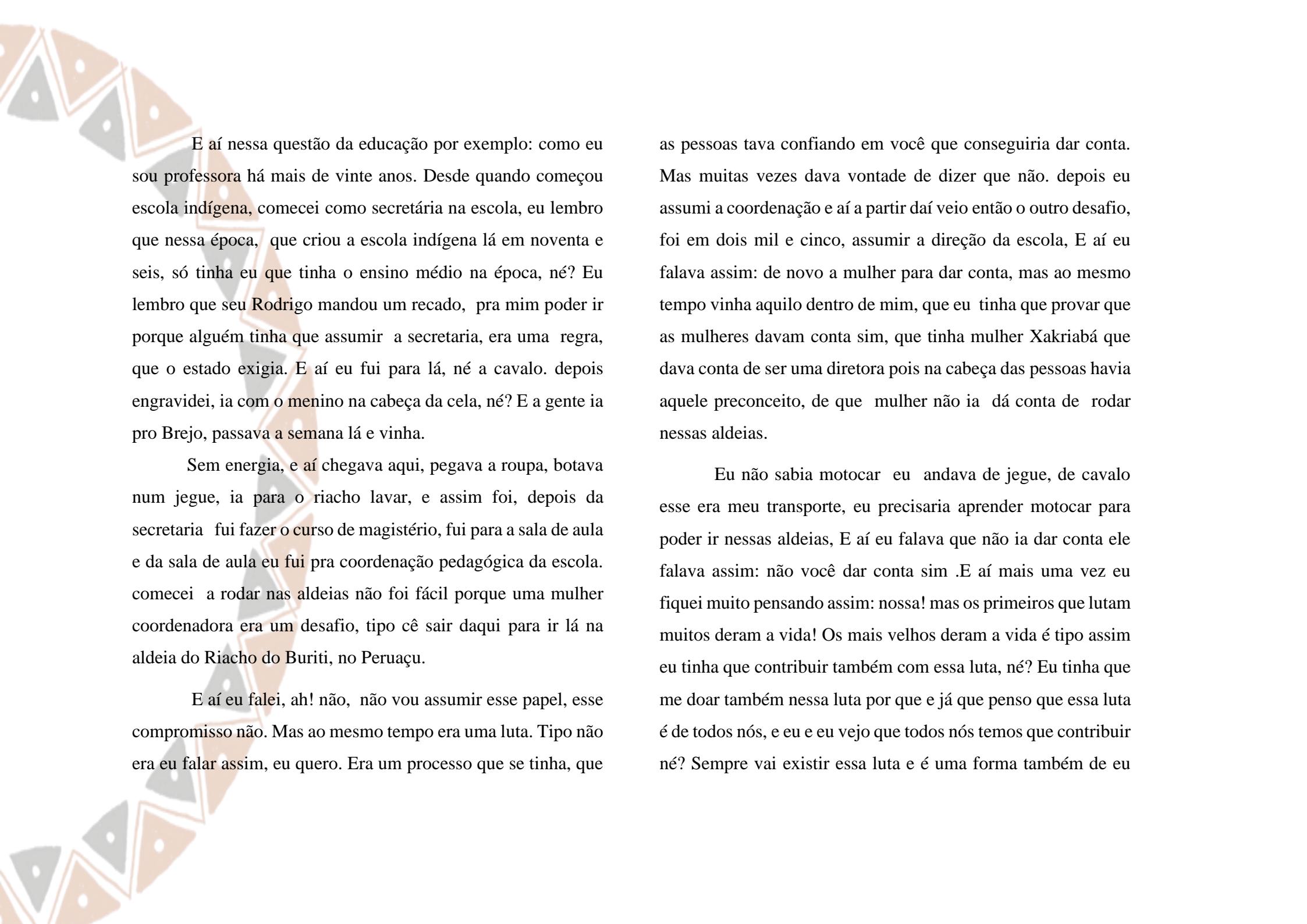


Figura 16. Horta de Maria José.



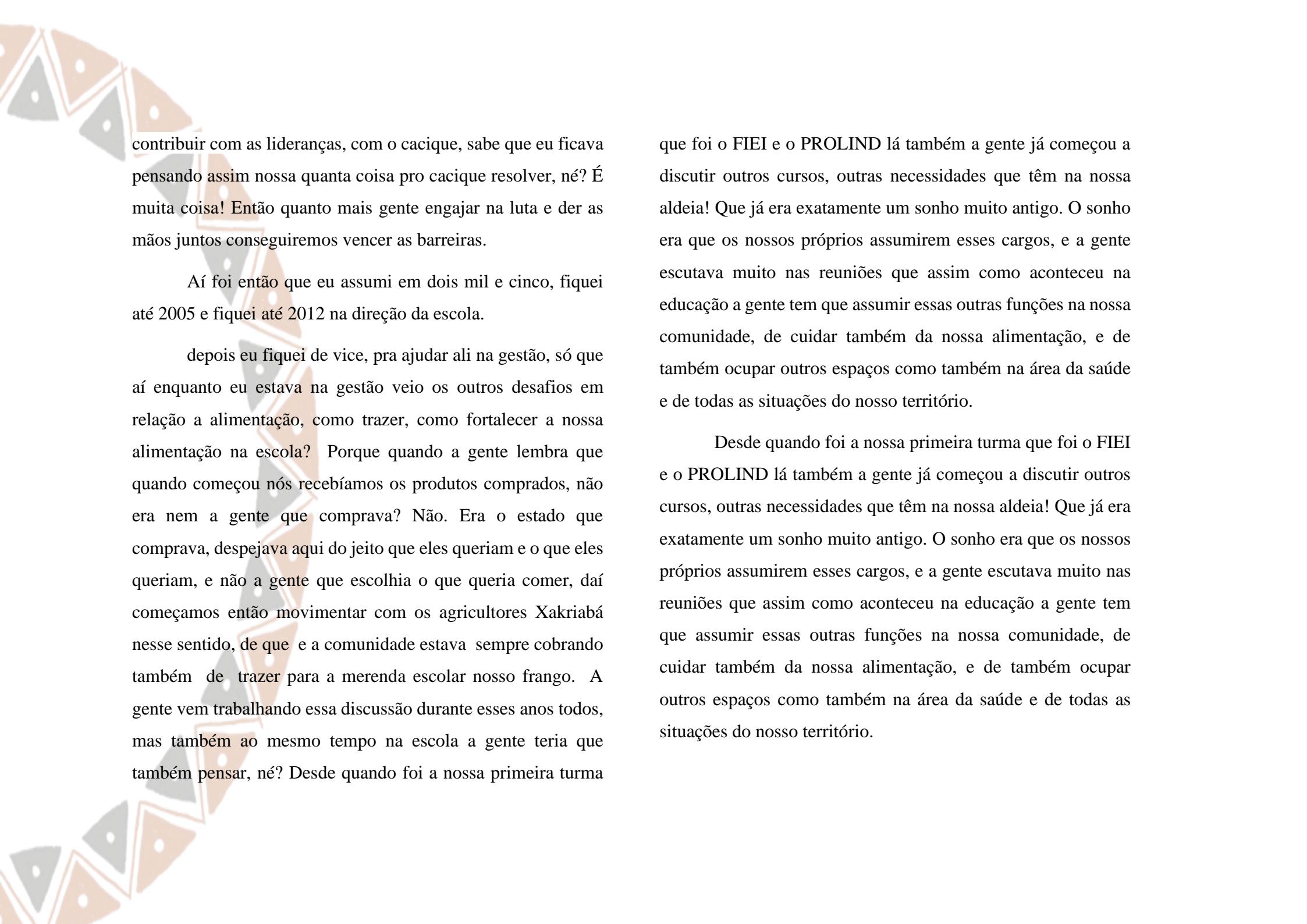
E aí nessa questão da educação por exemplo: como eu sou professora há mais de vinte anos. Desde quando comecei escola indígena, comecei como secretária na escola, eu lembro que nessa época, que criou a escola indígena lá em noventa e seis, só tinha eu que tinha o ensino médio na época, né? Eu lembro que seu Rodrigo mandou um recado, pra mim poder ir porque alguém tinha que assumir a secretaria, era uma regra, que o estado exigia. E aí eu fui para lá, né a cavalo. depois engravidiei, ia com o menino na cabeça da cela, né? E a gente ia pro Brejo, passava a semana lá e vinha.

Sem energia, e aí chegava aqui, pegava a roupa, botava num jegue, ia para o riacho lavar, e assim foi, depois da secretaria fui fazer o curso de magistério, fui para a sala de aula e da sala de aula eu fui pra coordenação pedagógica da escola. comecei a rodar nas aldeias não foi fácil porque uma mulher coordenadora era um desafio, tipo cê sair daqui para ir lá na aldeia do Riacho do Buriti, no Peruacu.

E aí eu falei, ah! não, não vou assumir esse papel, esse compromisso não. Mas ao mesmo tempo era uma luta. Tipo não era eu falar assim, eu quero. Era um processo que se tinha, que

as pessoas tava confiando em você que conseguia dar conta. Mas muitas vezes dava vontade de dizer que não. depois eu assumi a coordenação e aí a partir daí veio então o outro desafio, foi em dois mil e cinco, assumir a direção da escola, E aí eu falava assim: de novo a mulher para dar conta, mas ao mesmo tempo vinha aquilo dentro de mim, que eu tinha que provar que as mulheres davam conta sim, que tinha mulher Xakriabá que dava conta de ser uma diretora pois na cabeça das pessoas havia aquele preconceito, de que mulher não ia dá conta de rodar nessas aldeias.

Eu não sabia motocar eu andava de jegue, de cavalo esse era meu transporte, eu precisaria aprender motocar para poder ir nessas aldeias, E aí eu falava que não ia dar conta ele falava assim: não você dar conta sim .E aí mais uma vez eu fiquei muito pensando assim: nossa! mas os primeiros que lutam muitos deram a vida! Os mais velhos deram a vida é tipo assim eu tinha que contribuir também com essa luta, né? Eu tinha que me doar também nessa luta por que e já que penso que essa luta é de todos nós, e eu e eu vejo que todos nós temos que contribuir né? Sempre vai existir essa luta e é uma forma também de eu



contribuir com as lideranças, com o cacique, sabe que eu ficava pensando assim nossa quanta coisa pro cacique resolver, né? É muita coisa! Então quanto mais gente engajar na luta e der as mãos juntos conseguiremos vencer as barreiras.

Aí foi então que eu assumi em dois mil e cinco, fiquei até 2005 e fiquei até 2012 na direção da escola.

depois eu fiquei de vice, pra ajudar ali na gestão, só que aí enquanto eu estava na gestão veio os outros desafios em relação a alimentação, como trazer, como fortalecer a nossa alimentação na escola? Porque quando a gente lembra que quando começou nós recebíamos os produtos comprados, não era nem a gente que comprava? Não. Era o estado que comprava, despejava aqui do jeito que eles queriam e o que eles queriam, e não a gente que escolhia o que queria comer, daí começamos então movimentar com os agricultores Xakriabá nesse sentido, de que a comunidade estava sempre cobrando também de trazer para a merenda escolar nosso frango. A gente vem trabalhando essa discussão durante esses anos todos, mas também ao mesmo tempo na escola a gente teria que também pensar, né? Desde quando foi a nossa primeira turma

que foi o FIEI e o PROLIND lá também a gente já começou a discutir outros cursos, outras necessidades que têm na nossa aldeia! Que já era exatamente um sonho muito antigo. O sonho era que os nossos próprios assumirem esses cargos, e a gente escutava muito nas reuniões que assim como aconteceu na educação a gente tem que assumir essas outras funções na nossa comunidade, de cuidar também da nossa alimentação, e de também ocupar outros espaços como também na área da saúde e de todas as situações do nosso território.

Desde quando foi a nossa primeira turma que foi o FIEI e o PROLIND lá também a gente já começou a discutir outros cursos, outras necessidades que têm na nossa aldeia! Que já era exatamente um sonho muito antigo. O sonho era que os nossos próprios assumirem esses cargos, e a gente escutava muito nas reuniões que assim como aconteceu na educação a gente tem que assumir essas outras funções na nossa comunidade, de cuidar também da nossa alimentação, e de também ocupar outros espaços como também na área da saúde e de todas as situações do nosso território.

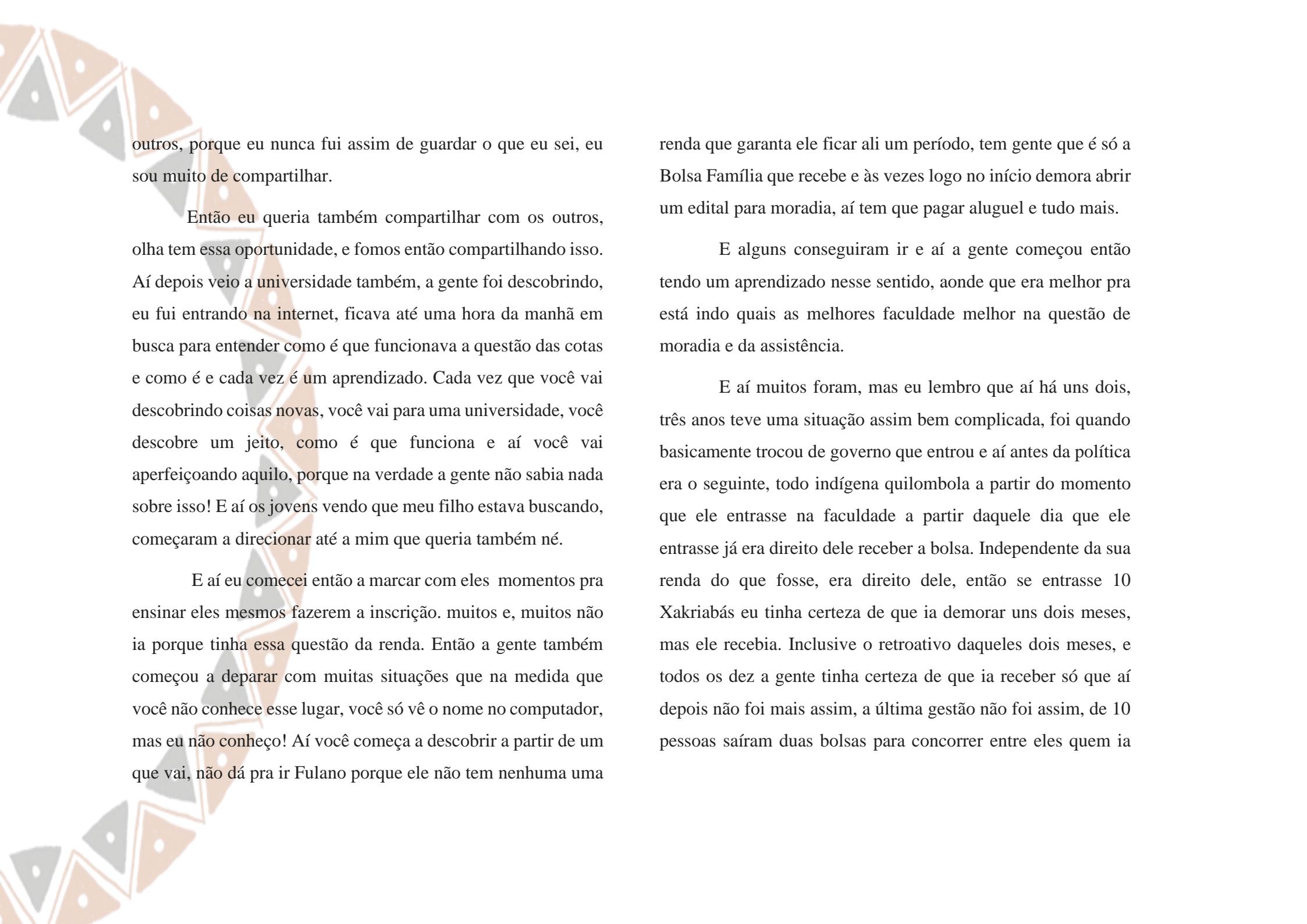
Penso aqui também na fala da dona Zeza, ao mesmo tempo que elas eram escolhidas para trabalhar tinham os desafios que era de estudar fora da aldeia, o que era mais difícil e não apenas de poder dizer se queria ir ou não, era uma coisa que ao seu olhar era preciso ir, porque se não fosse eles os primeiros a buscarem melhorias para nosso povo ainda estariam vivendo de forma que o governo emposse, sendo modelos do governo sem conhecer a nossa realidade.

E, foi graças a essas lutas que hoje temos uma deputada Xakriaba sendo a nossa porta diante do parlamentar, e isso era também um sonho a se realizar, pois a todo momento teríamos de recorrer aos modelos de governo.

É também pela luta e resistência de nosso povo que muitos jovens estão podendo sonhar e realizar os seus sonhos de que indígenas também podem frequentar as universidades. É pelo fato de termos pessoas instruídas no nosso território, e que conheça e participa das lutas de nosso povo que essas oportunidades chegaram até nossos jovens, compartilhar o conhecimento e as descobertas do que realmente é bom para cada um, isso também é uma característica do nosso povo Xakriabá é preciso buscar, entender para a aprender e passar para os demais porque o conhecimento ele não se limita.

E a partir de tudo isso a gente começa então a trabalhar o assunto na escola, a entender melhor como funciona, porque aos jovens também muitos não tiravam o ensino médio, já ia para o corte de cana. As meninas eram mais no sentido do casamento, os meninos também de sair para fora se casar, e aí você começa então ali devagarinho, a ver sonhos diferente de alguns jovens que queriam também estudar, mas como que fazia? Como entender? E foi quando não se tinha cota, então a gente via o sonho da gente tipo assim barrado. Foi aí que em dois 2014 e se eu não me engano foi na gestão de Macaé que nessa época tinha IPOMEC e a gente discute então já dentro da faculdade também essa questão da bolsa permanência porque não era só os jovens ir para faculdade! Era também ter algo que garantisse a permanência deles lá, uma ajuda! Porque senão muitos não conseguiam porque é só a Bolsa Família que recebe, foi quando então a gente começou a descobrir essas oportunidades que baseou também nos meus filhos também que tinham esse sonho.

E aí quando meus filhos começaram a sonhar eu passei a buscar e o que eu ia buscando para ele eu também queria pros



outros, porque eu nunca fui assim de guardar o que eu sei, eu sou muito de compartilhar.

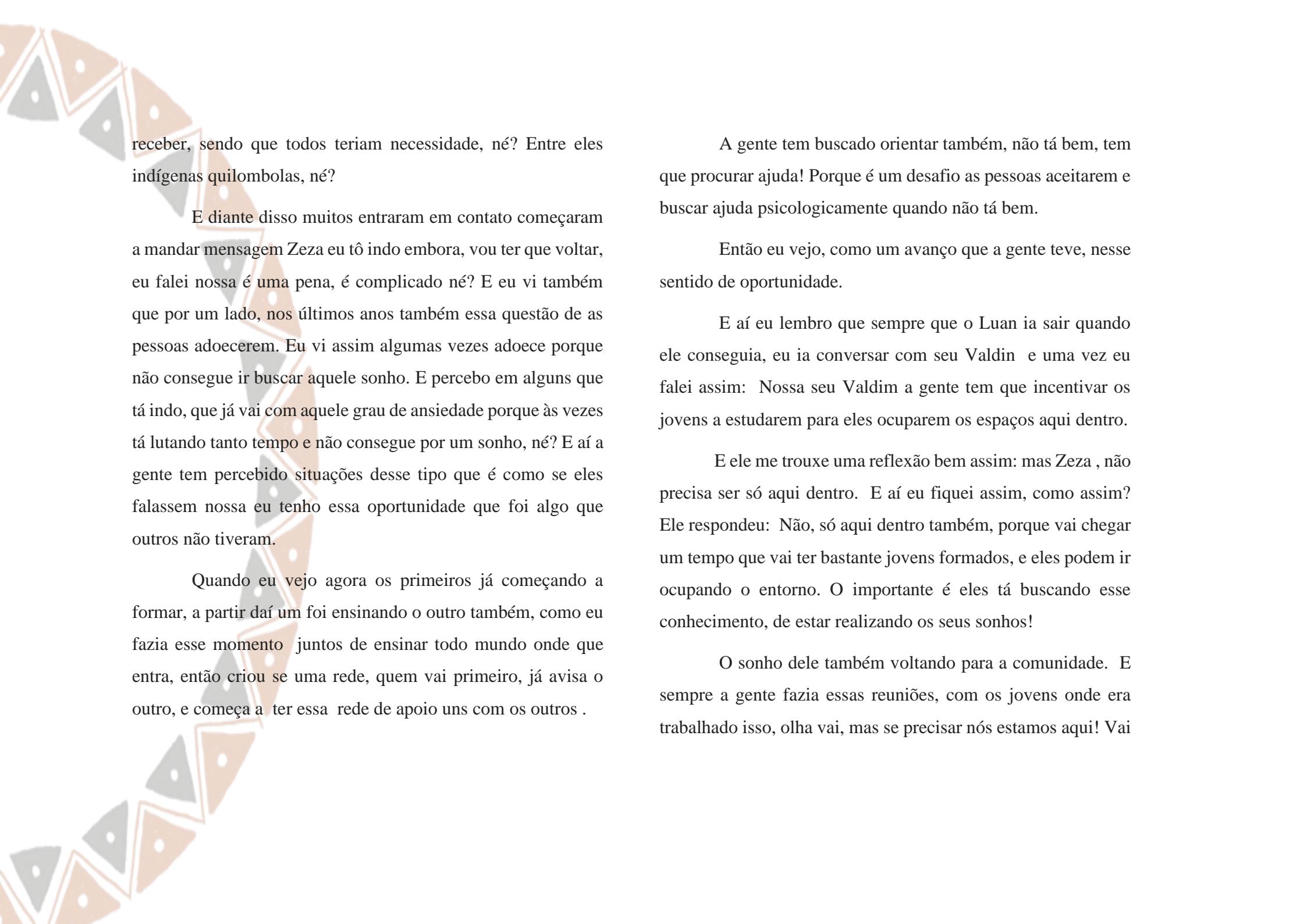
Então eu queria também compartilhar com os outros, olha tem essa oportunidade, e fomos então compartilhando isso. Aí depois veio a universidade também, a gente foi descobrindo, eu fui entrando na internet, ficava até uma hora da manhã em busca para entender como é que funcionava a questão das cotas e como é e cada vez é um aprendizado. Cada vez que você vai descobrindo coisas novas, você vai para uma universidade, você descobre um jeito, como é que funciona e aí você vai aperfeiçoando aquilo, porque na verdade a gente não sabia nada sobre isso! E aí os jovens vendo que meu filho estava buscando, começaram a direcionar até a mim que queria também né.

E aí eu comecei então a marcar com eles momentos pra ensinar eles mesmos fazerem a inscrição. muitos e, muitos não ia porque tinha essa questão da renda. Então a gente também começou a deparar com muitas situações que na medida que você não conhece esse lugar, você só vê o nome no computador, mas eu não conheço! Aí você começa a descobrir a partir de um que vai, não dá pra ir Fulano porque ele não tem nenhuma uma

renda que garanta ele ficar ali um período, tem gente que é só a Bolsa Família que recebe e às vezes logo no início demora abrir um edital para moradia, aí tem que pagar aluguel e tudo mais.

E alguns conseguiram ir e aí a gente começou então tendo um aprendizado nesse sentido, aonde que era melhor pra está indo quais as melhores faculdade melhor na questão de moradia e da assistência.

E aí muitos foram, mas eu lembro que aí há uns dois, três anos teve uma situação assim bem complicada, foi quando basicamente trocou de governo que entrou e aí antes da política era o seguinte, todo indígena quilombola a partir do momento que ele entrasse na faculdade a partir daquele dia que ele entrasse já era direito dele receber a bolsa. Independente da sua renda do que fosse, era direito dele, então se entrasse 10 Xakriabás eu tinha certeza de que ia demorar uns dois meses, mas ele recebia. Inclusive o retroativo daqueles dois meses, e todos os dez a gente tinha certeza de que ia receber só que aí depois não foi mais assim, a última gestão não foi assim, de 10 pessoas saíram duas bolsas para concorrer entre eles quem ia



receber, sendo que todos teriam necessidade, né? Entre eles indígenas quilombolas, né?

E diante disso muitos entraram em contato começaram a mandar mensagem Zeza eu tô indo embora, vou ter que voltar, eu falei nossa é uma pena, é complicado né? E eu vi também que por um lado, nos últimos anos também essa questão de as pessoas adoecerem. Eu vi assim algumas vezes adoece porque não consegue ir buscar aquele sonho. E percebo em alguns que tá indo, que já vai com aquele grau de ansiedade porque às vezes tá lutando tanto tempo e não consegue por um sonho, né? E aí a gente tem percebido situações desse tipo que é como se eles falassem nossa eu tenho essa oportunidade que foi algo que outros não tiveram.

Quando eu vejo agora os primeiros já começando a formar, a partir daí um foi ensinando o outro também, como eu fazia esse momento juntos de ensinar todo mundo onde que entra, então criou se uma rede, quem vai primeiro, já avisa o outro, e começa a ter essa rede de apoio uns com os outros .

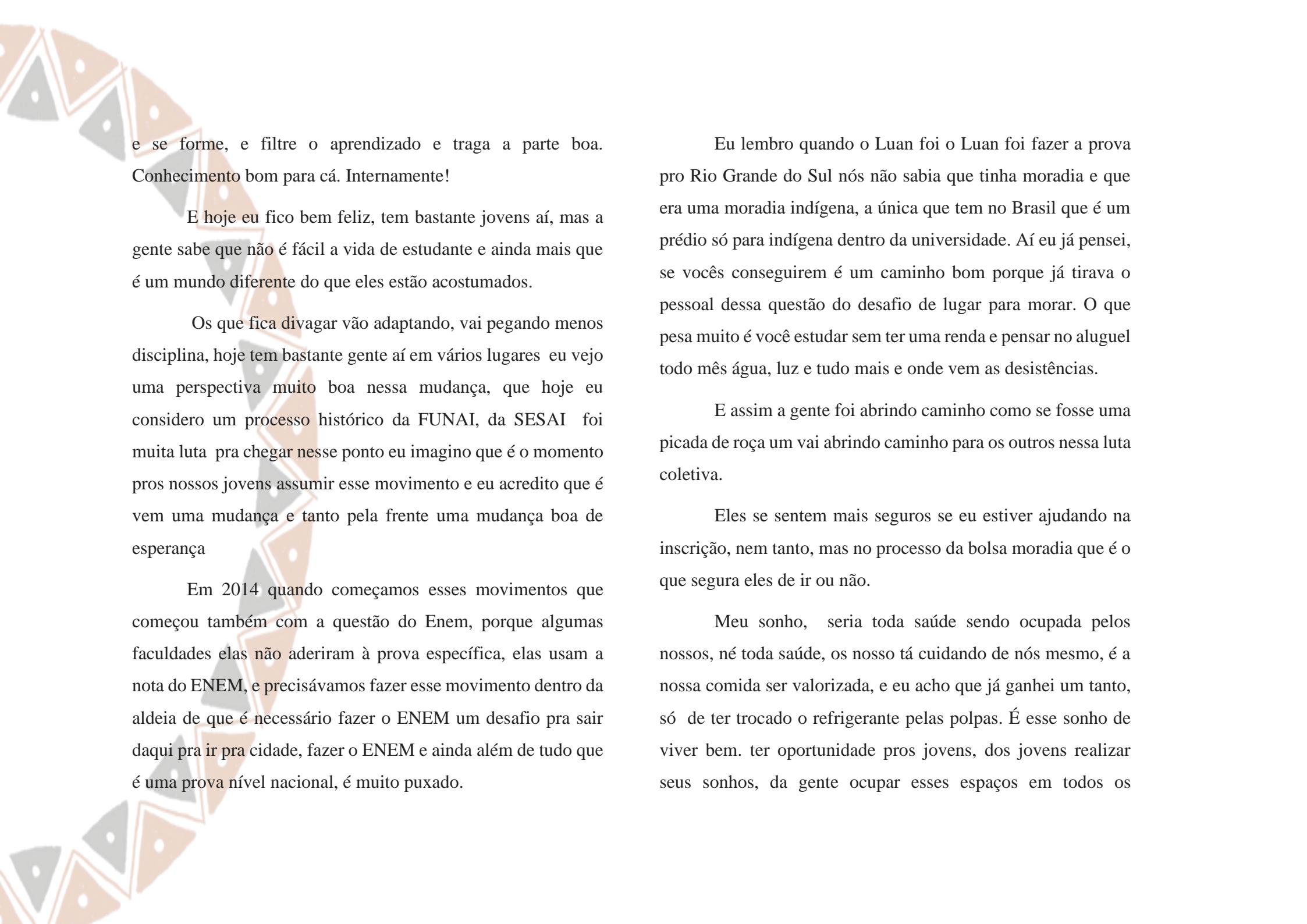
A gente tem buscado orientar também, não tá bem, tem que procurar ajuda! Porque é um desafio as pessoas aceitarem e buscar ajuda psicologicamente quando não tá bem.

Então eu vejo, como um avanço que a gente teve, nesse sentido de oportunidade.

E aí eu lembro que sempre que o Luan ia sair quando ele conseguia, eu ia conversar com seu Valdin e uma vez eu falei assim: Nossa seu Valdim a gente tem que incentivar os jovens a estudarem para eles ocuparem os espaços aqui dentro.

E ele me trouxe uma reflexão bem assim: mas Zeza , não precisa ser só aqui dentro. E aí eu fiquei assim, como assim? Ele respondeu: Não, só aqui dentro também, porque vai chegar um tempo que vai ter bastante jovens formados, e eles podem ir ocupando o entorno. O importante é eles tá buscando esse conhecimento, de estar realizando os seus sonhos!

O sonho dele também voltando para a comunidade. E sempre a gente fazia essas reuniões, com os jovens onde era trabalhado isso, olha vai, mas se precisar nós estamos aqui! Vai



e se forme, e filtre o aprendizado e traga a parte boa. Conhecimento bom para cá. Internamente!

E hoje eu fico bem feliz, tem bastante jovens aí, mas a gente sabe que não é fácil a vida de estudante e ainda mais que é um mundo diferente do que eles estão acostumados.

Os que fica divagar vão adaptando, vai pegando menos disciplina, hoje tem bastante gente aí em vários lugares eu vejo uma perspectiva muito boa nessa mudança, que hoje eu considero um processo histórico da FUNAI, da SESAI foi muita luta pra chegar nesse ponto eu imagino que é o momento pros nossos jovens assumir esse movimento e eu acredito que é vem uma mudança e tanto pela frente uma mudança boa de esperança

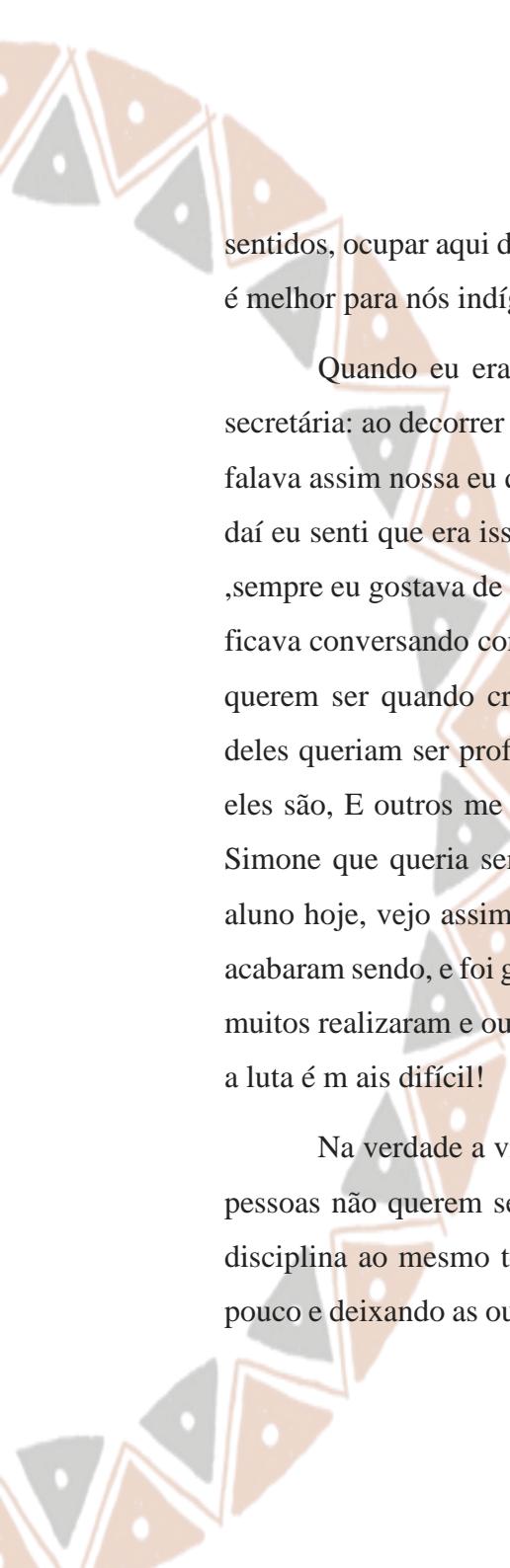
Em 2014 quando começamos esses movimentos que começou também com a questão do Enem, porque algumas faculdades elas não aderiram à prova específica, elas usam a nota do ENEM, e precisávamos fazer esse movimento dentro da aldeia de que é necessário fazer o ENEM um desafio pra sair daqui pra ir pra cidade, fazer o ENEM e ainda além de tudo que é uma prova nível nacional, é muito puxado.

Eu lembro quando o Luan foi o Luan foi fazer a prova pro Rio Grande do Sul nós não sabia que tinha moradia e que era uma moradia indígena, a única que tem no Brasil que é um prédio só para indígena dentro da universidade. Aí eu já pensei, se vocês conseguirem é um caminho bom porque já tirava o pessoal dessa questão do desafio de lugar para morar. O que pesa muito é você estudar sem ter uma renda e pensar no aluguel todo mês água, luz e tudo mais e onde vem as desistências.

E assim a gente foi abrindo caminho como se fosse uma picada de roça um vai abrindo caminho para os outros nessa luta coletiva.

Eles se sentem mais seguros se eu estiver ajudando na inscrição, nem tanto, mas no processo da bolsa moradia que é o quesegura eles de ir ou não.

Meu sonho, seria toda saúde sendo ocupada pelos nossos, né toda saúde, os nosso tá cuidando de nós mesmo, é a nossa comida ser valorizada, e eu acho que já ganhei um tanto, só de ter trocado o refrigerante pelas polpas. É esse sonho de viver bem. ter oportunidade pros jovens, dos jovens realizar seus sonhos, da gente ocupar esses espaços em todos os



sentidos, ocupar aqui dentro e fora nos mesmos decidindo o que é melhor para nós indígenas.

Quando eu era criança eu sonhava que eu ia ser uma secretária: ao decorrer do tempo minha opinião foi mudando eu falava assim nossa eu quero ser professora mesmo. E aí a partir daí eu senti que era isso, que eu queria e foi isso que me tornei ,sempre eu gostava de conversar com os jovens lembro que eu ficava conversando com eles e perguntando assim: o que vocês querem ser quando crescer, Os alunos daquela época muitos deles queriam ser professores lembro de Sônia, Azilda e hoje eles são, E outros me falava que queria ser cantor lembro de Simone que queria ser enfermeira e quando eu olho os meus aluno hoje, vejo assim :que quase tudo o que eles queriam ser acabaram sendo, e foi graças a essas oportunidades de cotas, que muitos realizaram e outros estão realizando e para nós indígena a luta é m ais difícil!

Na verdade a vida de estudante indígena não é fácil, as pessoas não querem se juntar para fazer os trabalhos, é muita disciplina ao mesmo tempo, e muitos acabam pegando só um pouco e deixando as outras mais pra frente, é disciplina que eles

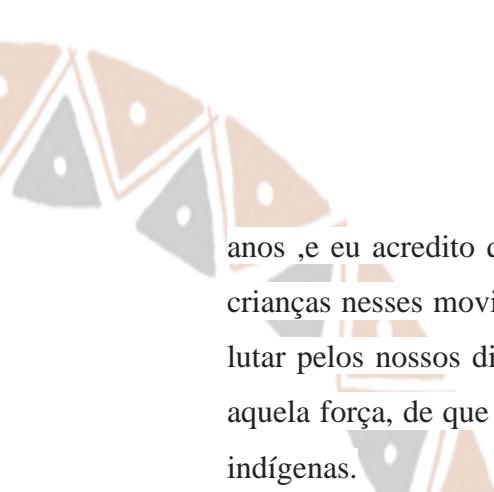
não têm o domínio como inglês, são muitos desafios a distância da família, mas é essa determinação e força de vontade deles que façam o que eles vençam, eu acredito nesses jovens, eu falo assim que a luta para nós indígenas ela nunca acaba e precisamos deles para ocupar os nossos e outros espaços iguais Sr. Valdim sonhava. Se todos os outros mais novo for cruzando os braço e deixando só para os mais velho uma hora eles não vão mais aguentar assim como eu sempre acompanhei Dona Zelina nas lutas a gente começou o movimento também com as associação nessa busca também por projetos Sustentável, projeto aí que ajuda a comunidade para resolver a questão da água dessas caixa, a gente continua agora nessa busca com os dois projeto buscando ampliar esses canteiro econômico que é os canteiro que se tem uma experiência aí sobre os canteiro econômico que se usa pouca água mas produz bem, molha uma vez ali na semana e ele e fica bom, tem outro de na questão de mudas, de frutas para plantar no quintal a gente tem assim buscado.

Os saberes tradicionais são produzidos de forma coletiva, com base em ampla troca de informações, sendo transmitidos oralmente de uma geração para outra. Esses saberes são praticados e constituem um acervo, um patrimônio cultural e científico de grande relevância para nosso povo, que deve ser igualmente conservado.

Umas das características do povo Xakriabá é o trabalho coletivo, a participação das crianças, jovens e adultos nas atividades comunitárias, sempre quando alguém planta roça e não tem como cuidar, junta o mutirão para ajudar aquela família a colocar sua roça, o trabalho é dividido de acordo a faixa etária de cada um ,pois o serviço mais leve fica para as crianças e o mais pesado para os adultos, essas atividades acontecem não só na roça mas no engenho na produção de mel, rapadura, garapa, vinagre, também nas plantações de hortaliças, e de toda prática cultural do nosso povo as crianças jovens e adultos estão presentes e assim se forma pessoas multi qualificadas..

Só que a gente sabe que também isso muitas vezes te causa um cansaço aí tem o momento é preciso dar uma trégua. Tem que dar uma recuada, foi quando dois mil e dezenove, eu senti bem cansada pois pegamos uma conferência nacional de educação escolar indígena nós tivemos toda uma discussão aqui no território depois tivemos que organizar esse material todo, uma equipe depois nós tivemos a questão de contratação dos professores, mobilizar pra ir pra Januária, brigar pelos cargos, depois organizar pra ir pro Ministério Público em Belo Horizonte aí em seguida volta vai pra conferência de educação ,você vai dando um cansaço acaba que a gente cansa, e aí é aonde que precisa entrar os jovens para ajudar, embora eu vejo uma participação muito forte deles na política pública e privada do nosso povo.

Quando a gente vai lembrando que quando era criança por exemplo muita coisa a gente não podia participar seu papel era de dar um recado não podia participar ativamente e hoje vejo que é diferente, você vai pro movimento leva seu filho ele está ali ativo no que está falando, hoje o movimento da juventude tem destacado em peso, uma força muito grande aí nos últimos



anos ,e eu acredito que é a partir desse acompanhamento das crianças nesses movimento que vai despertando o interesse eu lutar pelos nossos direito. É nesse movimento que você sente aquela força, de que nossa não é uma luta sozinha e sim todos indígenas.

Antigamente as crianças não podiam participar das lutas e muito menos das conversas de adulto, isso porque a luta era mais rígida e hoje a luta está diferente é o papel e a caneta. E a escola diferenciada vem capacitando guerreiros trabalhando sobre as lutas dos povos indígenas desde crianças. isso veio mudando, onde a escola e a comunidade juntamente com a nossa cultura andam lado. Uma escola indígena diferenciada onde a gente pode passar para nossos alunos uma educação de acordo a nossa realidade, fortalecendo cada vez mais a nossa cultura. Porque esse aprendizado das crianças muitas vezes a gente não ensina em casa por achar que é tão normal essa vivência já está inserida no nosso dia-a-dia. No entanto “os grupos sociais de tradição oral [...] não fazem maiores distinções entre a sua história, concebida como trajetória no tempo, e as suas narrativas tradicionais”, visto que estas se encontram integradas aos seus modos de vida e as transmissões dos conhecimentos ocorrem pela utilização de uma linguagem eminentemente oral” (SOUZA et al, 2013, p.227).

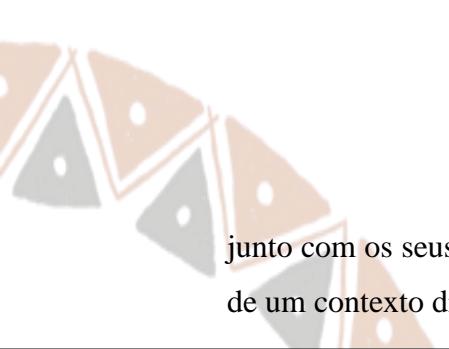
Então isso aí é mais um avanço que a gente teve, de ter a nossas escolas diferenciada, onde que nossos alunos recebe uma educação no qual valoriza a nossa cultura no qual a nossa cultura já vai passando dos pequenos até os grandes e as nossas crianças ela tendo esse aprendizado na escola desde pequeno ela já vai tendo conhecimento de como que é a nossa luta de como que nós conseguimos tudo que temos hoje e aí já envolve a participação dos alunos, das criança em outros lugares.

3.5. Fernanda Xakriabá

De mãe como assessora, na verdade, desde quando eu tive meu filho eu sempre tive que conciliar né? A minha vida como mãe e com o meu trabalho porque eu trabalhava como supervisora pedagógica. A gente sabe que muitas vezes o supervisor é contratado para trabalhar quatro horas na escola. Mas quando é a escola indígena e você se compromete, e tem o compromisso de contribuir com a sua escola, com a sua comunidade, acaba que você tem de participar de outras atividades que também demandam o seu tempo. Então foi muito interessante quando eu tive meu menino porque eu tive que conciliar. Eu também sempre participei, nas questões da comunidade, como na associação e algumas outras questões de projetos então sempre tive que conciliar, e o mais importante que nós temos aqui é a rede de apoio que são o meu sogro a minha sogra que sempre esteve do meu lado pra ficar com meu menino, cuidar dele, enquanto eu fazia essas atividades. Hoje como assessora, meu menino agora tem dez anos. Então, de certa forma ele sente falta, entende um pouco mais sobre o meu trabalho e eu consigo, né? E hoje eu tenho o apoio do meu

marido também, que trabalha na escola e tem um horário pra poder ficar em casa. Então assim não é fácil, você ser mãe, dona de casa, mas mesmo assim você tendo essa rede de apoio que contribui para que você possa fazer esse trabalho, como eu estou no início aos poucos eu vou me adaptando criando uma rotina, e tem muito, essa rotina de viagens, mas eu acredito que a gente vai conseguindo, Construir esse processo junto com ele, e ele entendendo qual é o meu papel, porque que a mãe dele tem que sair ou então que permanece em casa, Então é muito importante principalmente a gente ter essa rede de apoio que nós temos aqui. Tem muitas que tem, e tem outras que não, mas que a gente valoriza, e eu valorizo muito essas pessoas que contribuem para nossa vida, pra que a gente possa exercer nossa profissão, o nosso trabalho, não só junto, né? Como um trabalho remunerado, mas também junto com a comunidade.

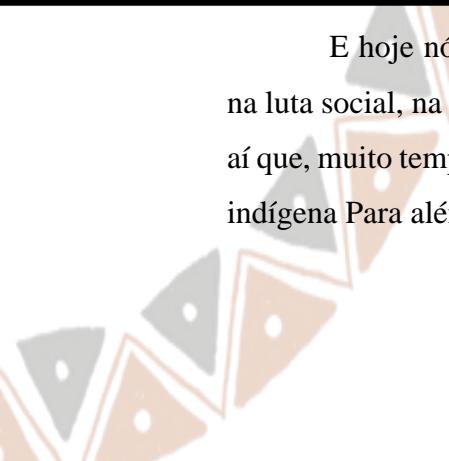
Sobre ser mulher indígena e a luta, ela não é difícil, porque desde antes as mulheres estavam na luta, mas de um contexto diferente, ela sempre esteve em sua casa cuidando dos filhos, cuidando da casa, cuidando da comunidade, cuidando do território. E daquilo que pertence, ao viver dentro do território



junto com os seus maridos. Então ela contribuiu mais de forma de um contexto diferente.

Podemos descrever que a vida da mulher indígena é uma luta diária, a mulher sempre participou dos movimentos indígenas tanto direto ou indiretamente.

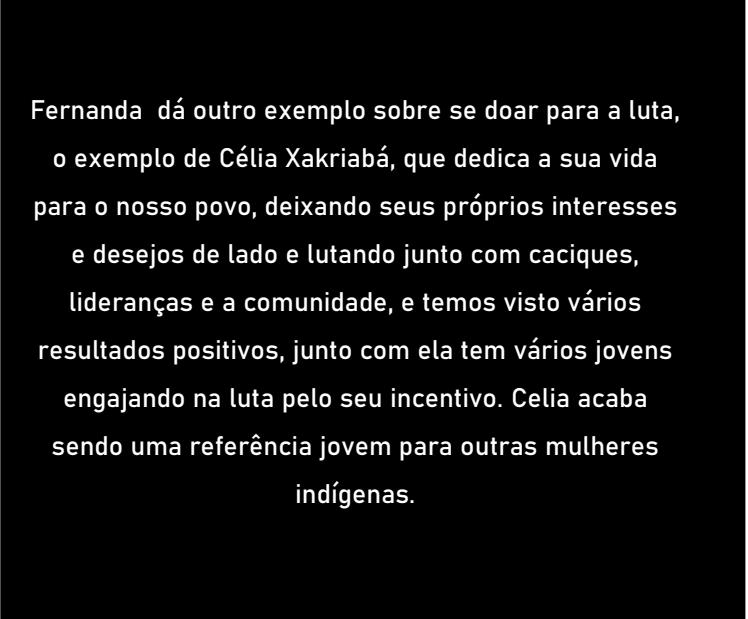
Para muitos lutar é só participar de algo externo, mas nós mulheres fazemos lutas em casa, assim como fala Fernanda, fazemos luta em casa desde ao cuidar da casa enquanto nossos maridos estão em movimentos indígena, lutamos quando cortamos lenha, quando cuidamos das crianças, dos afazeres escolares e ainda das reuniões nas comunidades.



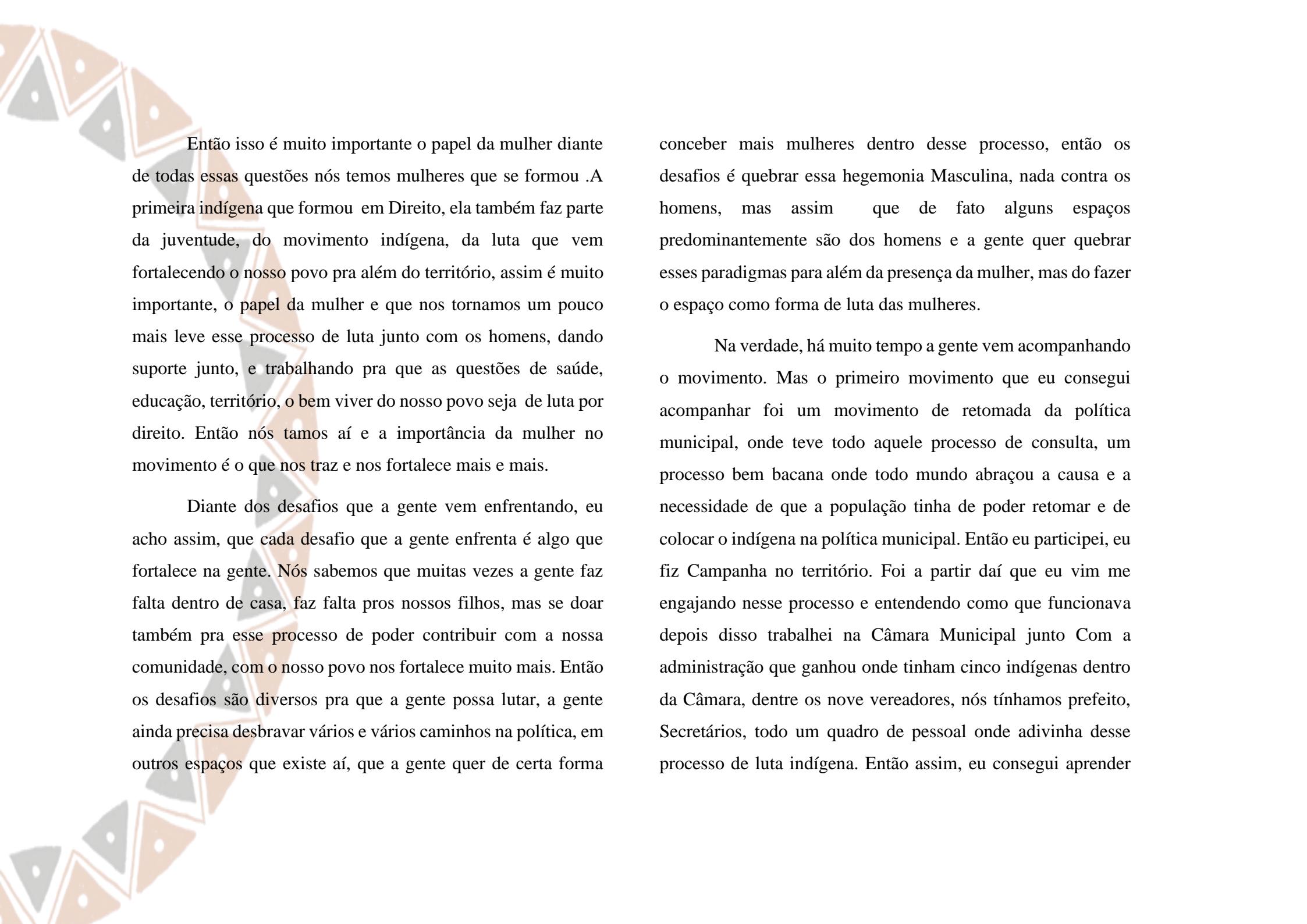
E hoje nós estamos na luta tanto na luta política como na luta social, na luta pelo movimento, nós temos vários jovens aí que, muito tempo esteve Junto com os homens no movimento indígena Para além do território. Então hoje a gente vê que nós

também temos a força dessa luta pela política, dessa luta social e dessa luta comum do bem viver do nosso território.

Então nosso papel é fundamental, um exemplo disso é Célia que ela como mulher indígena empresta o seu corpo pra luta independente do que ela tem vontade de conceber, ela tem a vontade de se casar, mas por motivos e contextos diferentes ela também está em outra forma de vivência. Onde ela fala: eu não sou mãe, mas sou mãe da luta Junto com outras pessoas não concebi os filhos, mas concebo a luta.



Fernanda dá outro exemplo sobre se doar para a luta, o exemplo de Célia Xakriabá, que dedica a sua vida para o nosso povo, deixando seus próprios interesses e desejos de lado e lutando junto com caciques, lideranças e a comunidade, e temos visto vários resultados positivos, junto com ela tem vários jovens engajando na luta pelo seu incentivo. Celia acaba sendo uma referência jovem para outras mulheres indígenas.

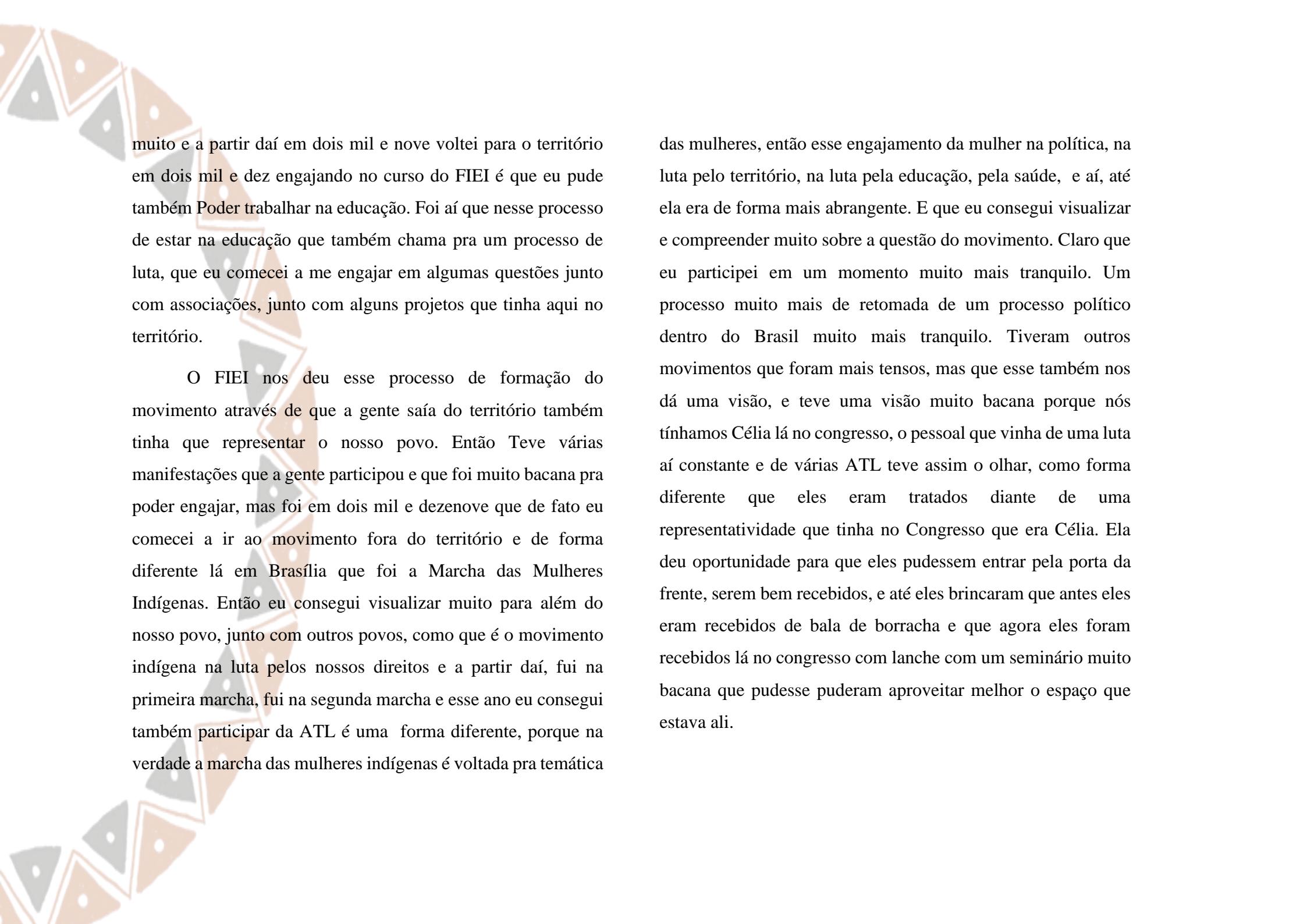


Então isso é muito importante o papel da mulher diante de todas essas questões nós temos mulheres que se formou .A primeira indígena que formou em Direito, ela também faz parte da juventude, do movimento indígena, da luta que vem fortalecendo o nosso povo pra além do território, assim é muito importante, o papel da mulher e que nos tornamos um pouco mais leve esse processo de luta junto com os homens, dando suporte junto, e trabalhando pra que as questões de saúde, educação, território, o bem viver do nosso povo seja de luta por direito. Então nós tamos aí e a importância da mulher no movimento é o que nos traz e nos fortalece mais e mais.

Diante dos desafios que a gente vem enfrentando, eu acho assim, que cada desafio que a gente enfrenta é algo que fortalece na gente. Nós sabemos que muitas vezes a gente faz falta dentro de casa, faz falta pros nossos filhos, mas se doar também pra esse processo de poder contribuir com a nossa comunidade, com o nosso povo nos fortalece muito mais. Então os desafios são diversos pra que a gente possa lutar, a gente ainda precisa desbravar vários e vários caminhos na política, em outros espaços que existe aí, que a gente quer de certa forma

conceber mais mulheres dentro desse processo, então os desafios é quebrar essa hegemonia Masculina, nada contra os homens, mas assim que de fato alguns espaços predominantemente são dos homens e a gente quer quebrar esses paradigmas para além da presença da mulher, mas do fazer o espaço como forma de luta das mulheres.

Na verdade, há muito tempo a gente vem acompanhando o movimento. Mas o primeiro movimento que eu consegui acompanhar foi um movimento de retomada da política municipal, onde teve todo aquele processo de consulta, um processo bem bacana onde todo mundo abraçou a causa e a necessidade de que a população tinha de poder retomar e de colocar o indígena na política municipal. Então eu participei, eu fiz Campanha no território. Foi a partir daí que eu vim me engajando nesse processo e entendendo como que funcionava depois disso trabalhei na Câmara Municipal junto Com a administração que ganhou onde tinham cinco indígenas dentro da Câmara, dentre os nove vereadores, nós tínhamos prefeito, Secretários, todo um quadro de pessoal onde adivinha desse processo de luta indígena. Então assim, eu consegui aprender



muito e a partir daí em dois mil e nove voltei para o território em dois mil e dez engajando no curso do FIEI é que eu pude também Poder trabalhar na educação. Foi aí que nesse processo de estar na educação que também chama pra um processo de luta, que eu comecei a me engajar em algumas questões junto com associações, junto com alguns projetos que tinha aqui no território.

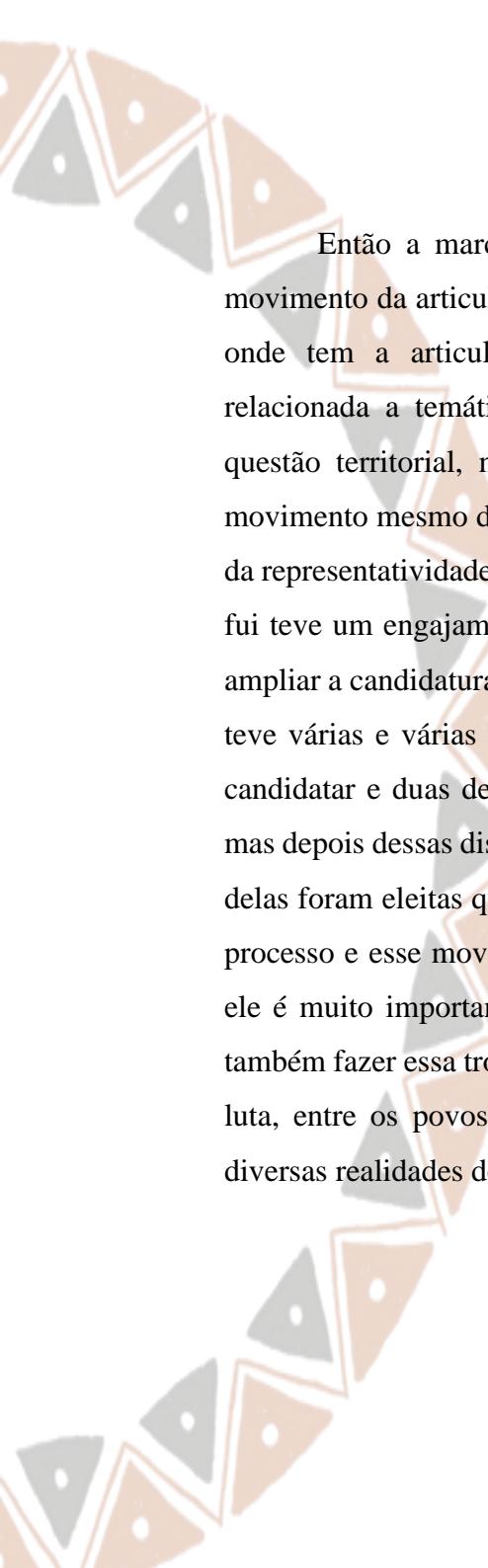
O FIEI nos deu esse processo de formação do movimento através de que a gente saía do território também tinha que representar o nosso povo. Então Teve várias manifestações que a gente participou e que foi muito bacana pra poder engajar, mas foi em dois mil e dezenove que de fato eu comecei a ir ao movimento fora do território e de forma diferente lá em Brasília que foi a Marcha das Mulheres Indígenas. Então eu consegui visualizar muito para além do nosso povo, junto com outros povos, como que é o movimento indígena na luta pelos nossos direitos e a partir daí, fui na primeira marcha, fui na segunda marcha e esse ano eu consegui também participar da ATL é uma forma diferente, porque na verdade a marcha das mulheres indígenas é voltada pra temática

das mulheres, então esse engajamento da mulher na política, na luta pelo território, na luta pela educação, pela saúde, e aí, até ela era de forma mais abrangente. E que eu consegui visualizar e compreender muito sobre a questão do movimento. Claro que eu participei em um momento muito mais tranquilo. Um processo muito mais de retomada de um processo político dentro do Brasil muito mais tranquilo. Tiveram outros movimentos que foram mais tensos, mas que esse também nos dá uma visão, e teve uma visão muito bacana porque nós tínhamos Célia lá no congresso, o pessoal que vinha de uma luta aí constante e de várias ATL teve assim o olhar, como forma diferente que eles eram tratados diante de uma representatividade que tinha no Congresso que era Célia. Ela deu oportunidade para que eles pudessem entrar pela porta da frente, serem bem recebidos, e até eles brincaram que antes eles eram recebidos de bala de borracha e que agora eles foram recebidos lá no congresso com lanche com um seminário muito bacana que pudesse puderam aproveitar melhor o espaço que estava ali.

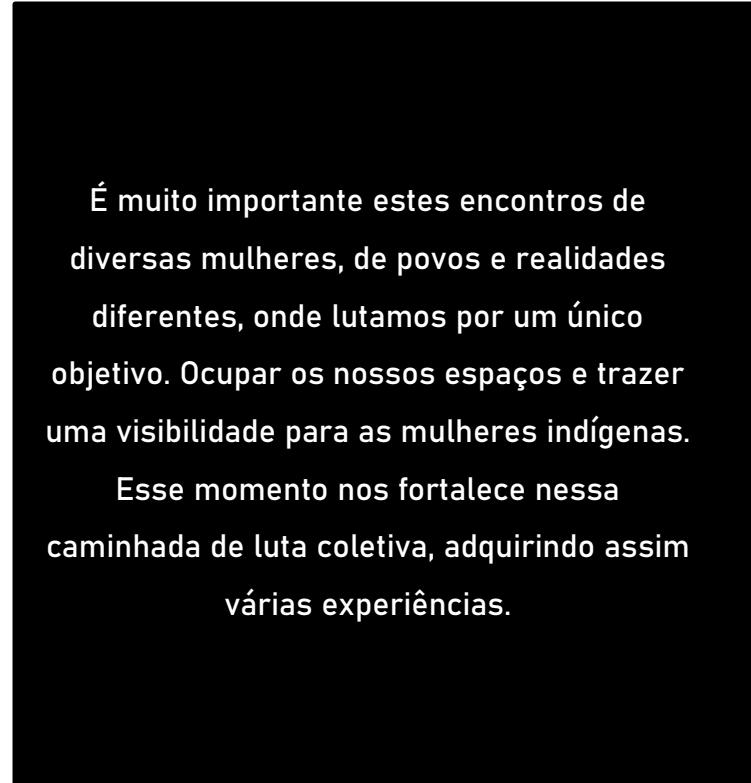
A partir do momento que tivemos uma representatividade indígena que é a Célia Xakriabá, passamos a ser reconhecidos como povos originários e que devemos também ocupar esses espaços, e podemos ir muito além, pois muitos não davam créditos a Célia por ser uma candidata e ainda mais por ser mulher indígena, sabemos que a luta para nós é mais árdua, porém conseguimos essa vitória, e esperamos que conseguiremos ocupar vários outros espaços



Figura 17. Crédito: Flavia Xakriabá. Participação das mulheres na ATL 2023.



Então a marcha das mulheres indígenas é de fato do movimento da articulação ANMIGA que promove esse evento onde tem a articulação das mulheres e várias discussões relacionadas à temática, não só da mulher, mas também na questão territorial, na questão da saúde, da educação, e do movimento mesmo de forma que pra luta, diante do seu povo e da representatividade que a mulher tem. No último ATL que eu fui teve um engajamento de poder de certa forma melhorar e ampliar a candidatura das mulheres indígenas, na política, onde teve várias e várias que puderam ter essa oportunidade de se candidatar e duas delas que foram eleitas; Antes tinha Jôenia mas depois dessas discussões, depois desse fortalecimento duas delas foram eleitas que foi Célia e Sônia Guajajara. Então esse processo e esse movimento da marcha das mulheres indígenas, ele é muito importante que dá muita visibilidade e que pode também fazer essa troca, de não só de experiência, mas troca de luta, entre os povos, entre as mulheres de diversos povos e diversas realidades dentro do nosso país.

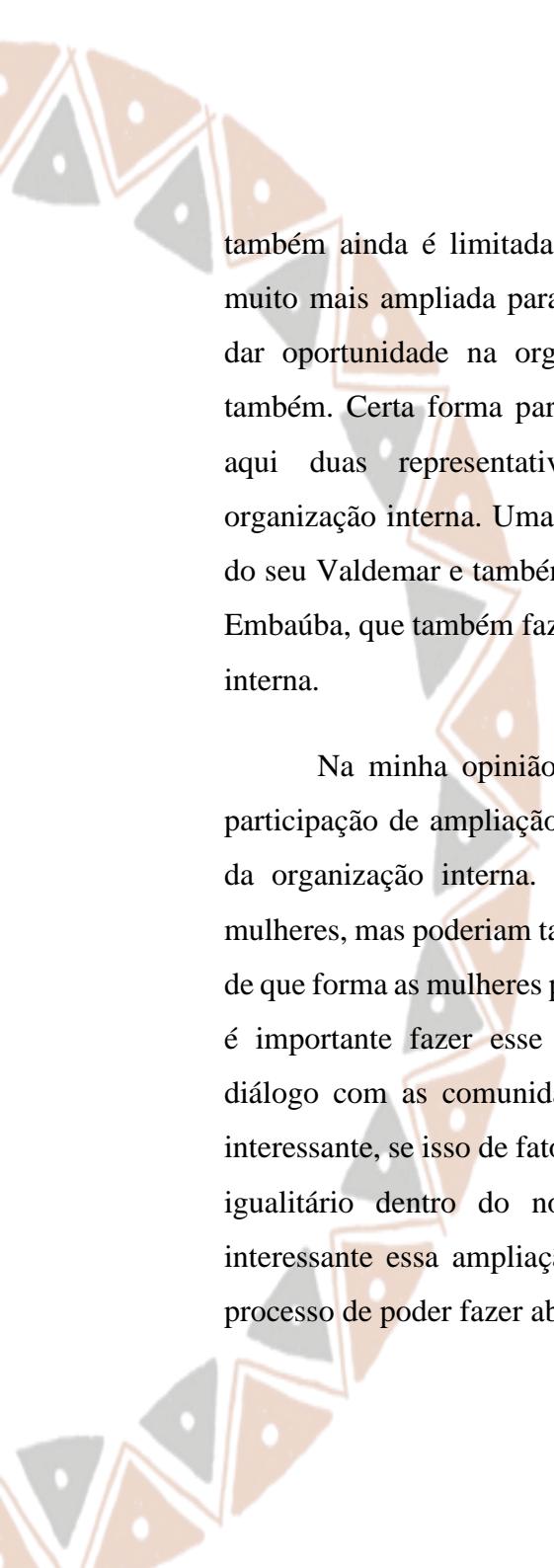


É muito importante estes encontros de diversas mulheres, de povos e realidades diferentes, onde lutamos por um único objetivo. Ocupar os nossos espaços e trazer uma visibilidade para as mulheres indígenas.

Esse momento nos fortalece nessa caminhada de luta coletiva, adquirindo assim várias experiências.



É essa questão da participação das mulheres na política partidária e na política interna. Ela deve ser vista como forma de somar. A gente sabe que nosso país vive em um processo de política ou de um processo paternalista ou quer dizer, tinha muita mais participação de homens do que de mulheres em vários espaços e que isso foi se quebrando ao longo do tempo e nós precisamos também fazer esse movimento de retomada de espaços não só dentro de uma política partidária, que ela



também ainda é limitada por porcentagem de mulheres, e é muito mais ampliada para homens ou mulheres, mas também dar oportunidade na organização interna para as mulheres também. Certa forma participar, a gente sabe que nós temos aqui duas representatividades de mulheres dentro da organização interna. Uma delas, a Diana, que é vice-liderança do seu Valdemar e também Nety que é filha da liderança lá da Embaúba, que também faz parte desse processo da organização interna.

Na minha opinião seria interessante essa abertura de participação de ampliação de participação de mulheres dentro da organização interna. A gente sabe que tem essas duas mulheres, mas poderiam também ampliar mais espaços ou fazer de que forma as mulheres pudessem ter mais participação, e isso é importante fazer esse processo de consulta, processo de diálogo com as comunidades para poder verificar, se isso é interessante, se isso de fato constrói um processo democrático e igualitário dentro do nosso território. Então assim, acho interessante essa ampliação, é muito sugestiva, para o nosso processo de poder fazer abertura de vários e vários diálogos, de



várias e várias outras temáticas que muitas vezes a mulher pode ser escutada e ela possa se representar, diante de vários de vários contextos.

3.6. Flávia Xakriabá

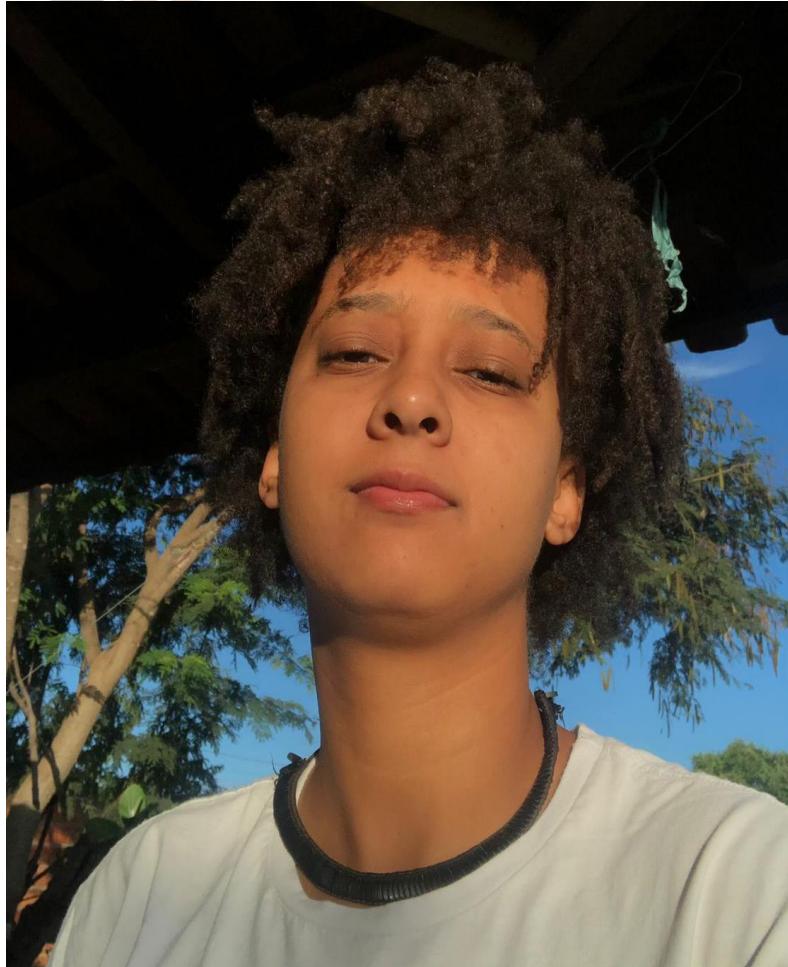
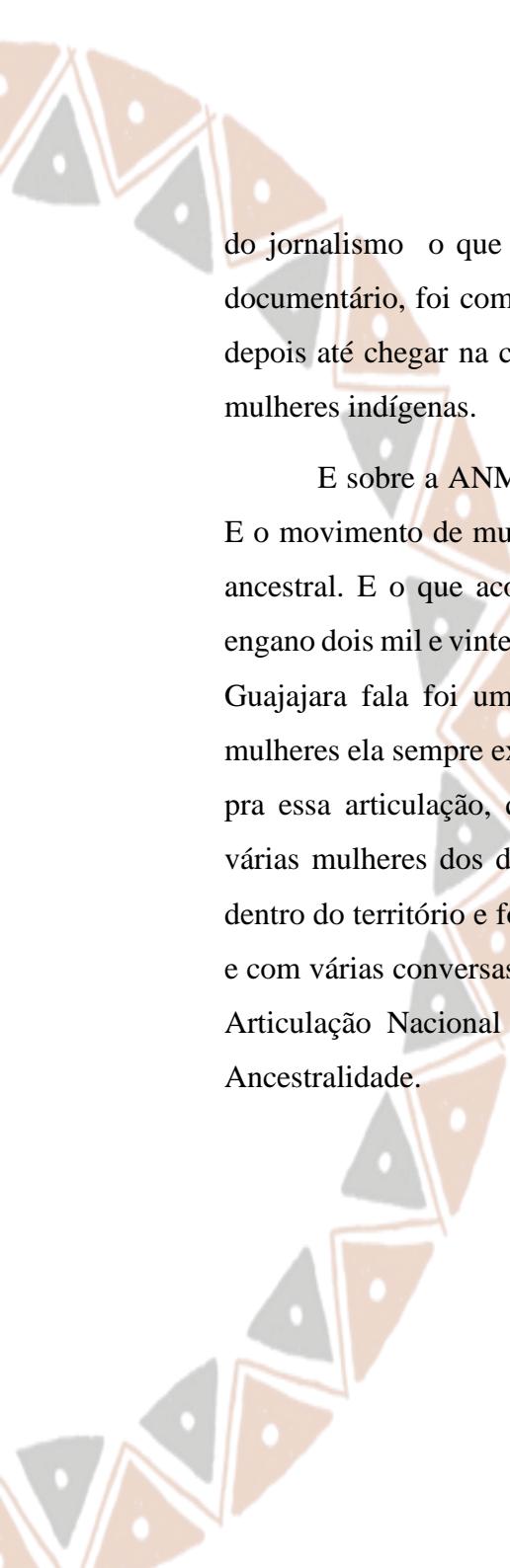


Figura 18. Flavia Xakriabá.

Bom eu entendo que cada pessoa, cada Xakriaba nasce com um objetivo, nasce com um dom e as coisas vão acontecendo automaticamente. Desde sempre que lembro eu atuo na comunicação. E todos os lugares principalmente na escola sempre atuei na área de comunicação, de fotografia, do audiovisual tanto que eu era a única menina acho que eu tinha uns onze ou doze anos eu era a única menina compor a equipe de comunicadores Xakriabá é que as oficinas aconteciam no Sumaré na no Ponto de Cultura Luz e o Guilherme Cury que dava essas oficinas ele é fotógrafo, é cineasta e ele dava essas oficinas e Marcelo meu irmão, sempre me incentivou bastante Inclusive ele que me levava e me incentivava a estar participando das oficinas e eu sempre tive muita facilidade tipo diferente das outras pessoas, dos outros meninos que participavam das oficinas, eu tinha muita facilidade com a câmera, com edição com eu tinha um olhar diferente pro audiovisual então eu acho que isso acontece naturalmente, e a gente não se desvia quando nasce pra uma tanto que depois disso eu acabei fazendo outros cursos na área do audiovisual e ingressei por jornalismo também ,que é da mesma área, e dentro



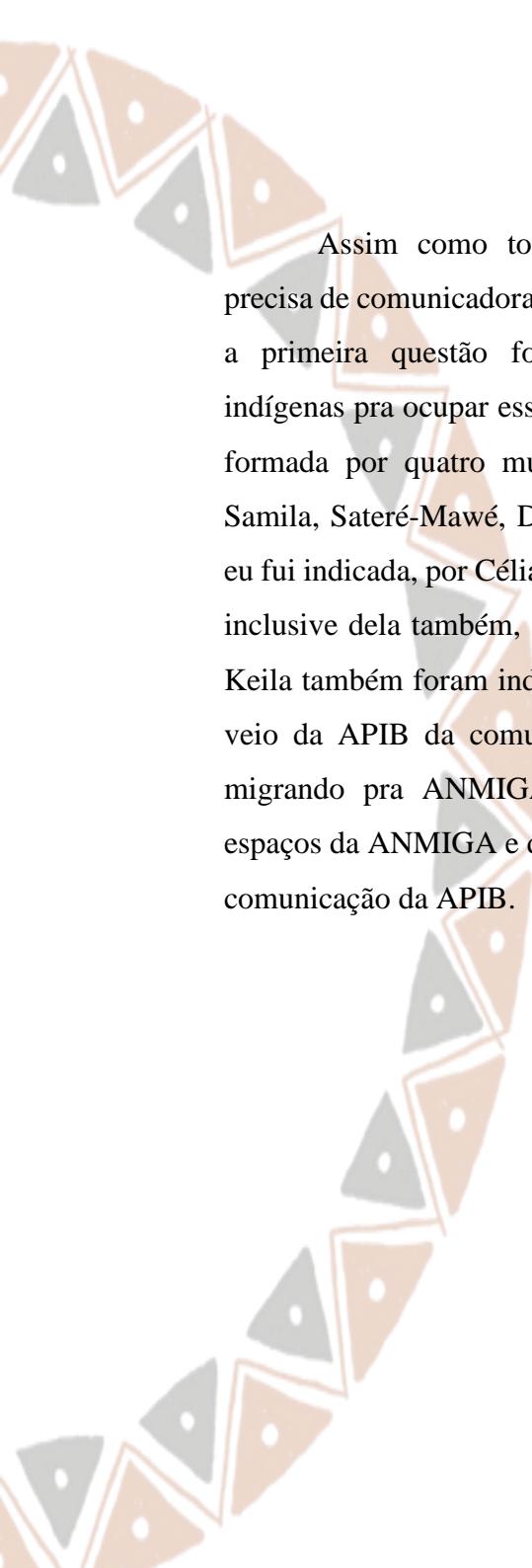
do jornalismo o que eu mais me identifiquei foi com o tele documentário, foi com foto de jornalismo e assim por diante e depois até chegar na comunicação da articulação nacional das mulheres indígenas.

E sobre a ANMIGA ela é um movimento de mulheres. E o movimento de mulheres sempre existiu. É um movimento ancestral. E o que aconteceu em dois mil e vinte se não me engano dois mil e vinte e um não lembro direito , foi como Sônia Guajajara fala foi um ritual de passagem , a articulação de mulheres ela sempre existiu e o que aconteceu foi dar um nome pra essa articulação, que aí depois de várias conversas com várias mulheres dos diferentes biomas e mulheres que estão dentro do território e fora também que estão nas universidades, e com várias conversas, que aí surgiu a sigla ANMIGA que é a Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade.

Sempre existiu a participação das mulheres nos movimentos indígenas muito antes do surgimento da ANMIGA. Percebemos que antes não tínhamos a oportunidade de registrar esses momentos e hoje temos ferramentas de lutas como registro das histórias orais dos livros vivos.

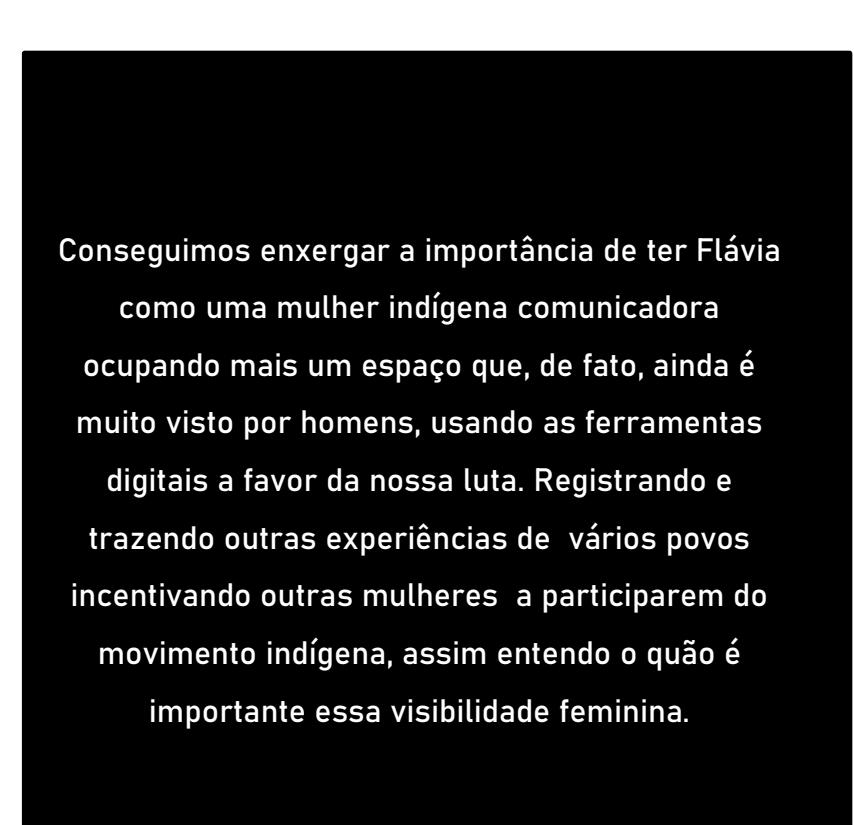
Porque antes as mulheres participavam dos trabalhos junto com seus maridos e filhos, um exemplo disso é a derrubada das roças, na plantação de mamona fazendo azeite, no engenho fazendo rapadura, moendo café, torrando farinha.

Ao guardamos aqui estas memórias por médio da história oral nos permite compreender as transformações ou mudanças que ocorrem na comunidade, na mata ou mesmo no modo de vida das pessoas.

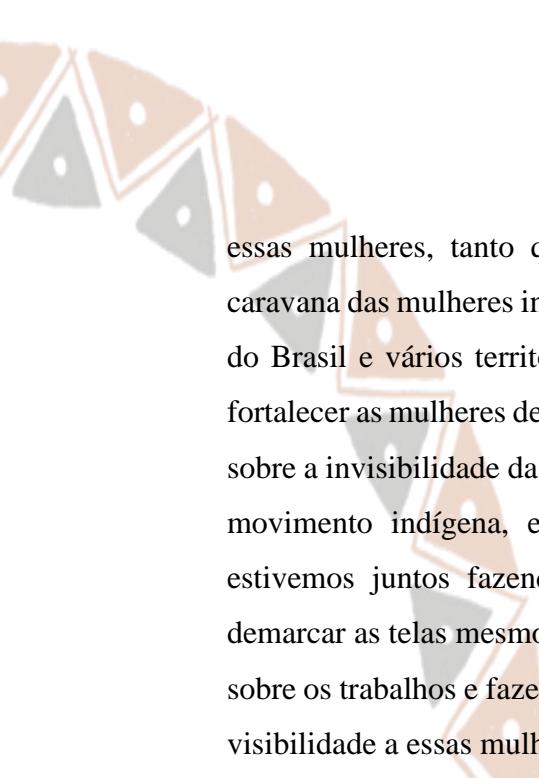


Assim como toda articulação, todo movimento ele precisa de comunicadoras e como é um movimento de mulheres a primeira questão foi estamos precisando de mulheres indígenas pra ocupar esses espaços e a comunicação hoje ela é formada por quatro mulheres que sou eu Flavia Xakriabá, Samila, Sateré-Mawé, Daniela Guajajara e Keila Guajajara. E eu fui indicada, por Célia até por sempre atuar na comunicação, inclusive dela também, e as meninas também Dani, Daniela e Keila também foram indicadas por Sônia e Sâmela ela sempre veio da APIB da comunicação da APIB, e que me acabou migrando pra ANMIGA só que ela ficou nesses diversos espaços da ANMIGA e da APIB e que hoje está coordenando a comunicação da APIB.

Conseguimos enxergar a importância de ter Flávia como uma mulher indígena comunicadora ocupando mais um espaço que, de fato, ainda é muito visto por homens, usando as ferramentas digitais a favor da nossa luta. Registrando e trazendo outras experiências de vários povos incentivando outras mulheres a participarem do movimento indígena, assim entendo o quanto é importante essa visibilidade feminina.



Foi nesse momento de pandemia do ritual de passagem da articulação das mulheres indígenas que eu ingressei também na Articulação Nacional das Mulheres Indígenas, e o diferencial da ANMIGA é que ela trabalha de mulheres para mulheres e diferente do que as pessoas dizem, principalmente homens, não é uma articulação que vem de fora pra dentro muito pelo contrário a ANMIGA ela é formada por mulheres da base mulheres que muitas das vezes não tem espaço nos seus territórios, nas suas aldeias e ANMIGA ela vem para fortalecer



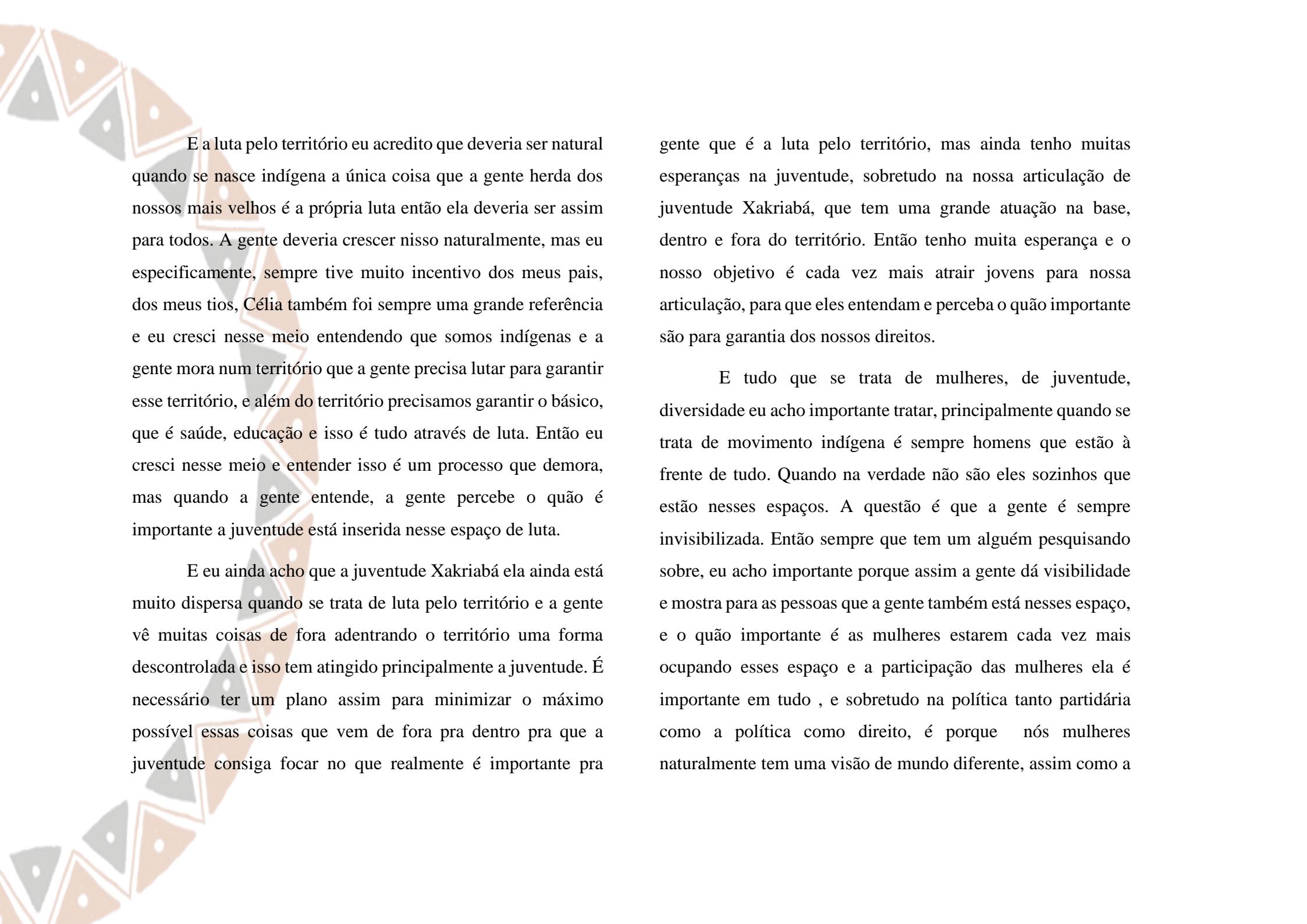
essas mulheres, tanto que a amiga dela proporcionou a caravana das mulheres indígenas que percorreu todos os biomas do Brasil e vários territórios e o objetivo dessa caravana foi fortalecer as mulheres de base, foi falar sobre violência, foi falar sobre a invisibilidade das mulheres indígenas dentro do próprio movimento indígena, e nós enquanto comunicação sempre estivemos juntos fazendo esse papel de comunicadores, de demarcar as telas mesmo de estar nas redes sociais divulgando sobre os trabalhos e fazendo um papel de comunicadores dando visibilidade a essas mulheres.



Figura 19. Crédito: Flavia Xakriabá. Participação das mulheres na ATL 2023.

No movimento indígena as mulheres se unem a favor de melhoria para seu povo, em busca de ocupar seus espaços, buscando novas ferramentas de lutas, e transmitindo seus conhecimentos a outras mulheres, para renovarem suas estratégias de defesa da luta, e, através desse encontro muitas mulheres veem para seu território com mais força de lutar buscando forças e inspirações na sua ancestralidade.

Assim vemos como a “presença do passado no presente imediato das pessoas é a razão de ser da história oral. Nessa medida, a história oral não só oferece uma mudança no conceito de história, mas, mais do que isso, garante sentido social à vida de depoentes e leitores, que passam a entender a sequência histórica e se sentir parte do contexto em que vivem” (MEIHY, 2005, p.19)

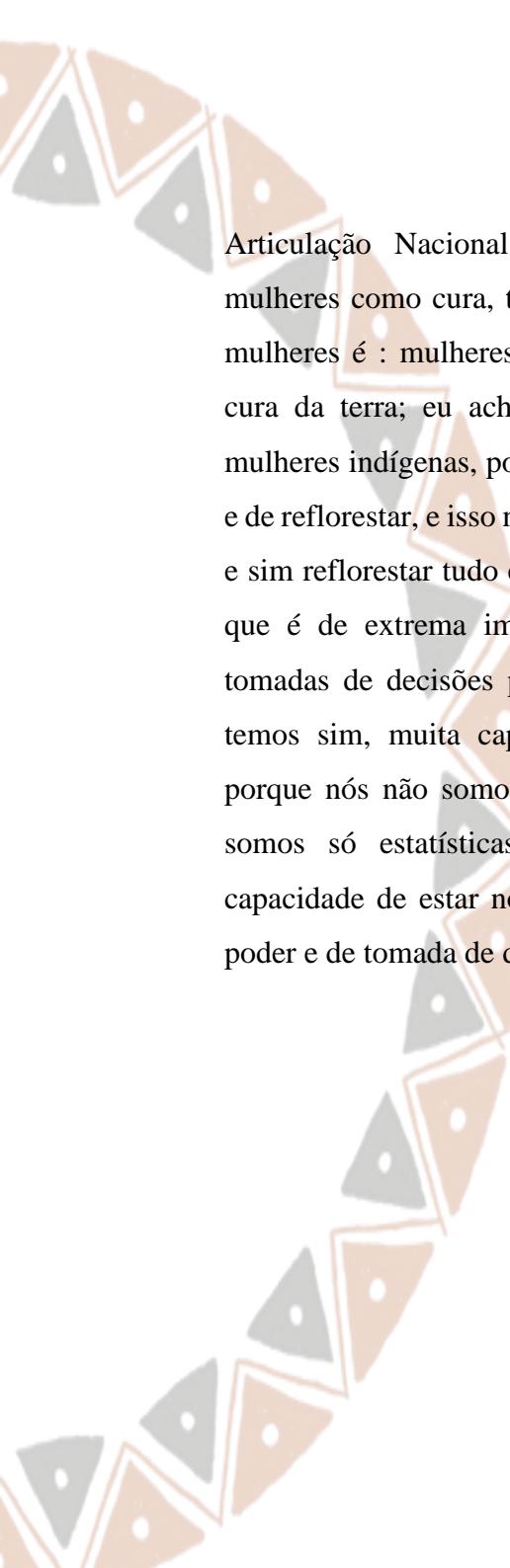


E a luta pelo território eu acredito que deveria ser natural quando se nasce indígena a única coisa que a gente herda dos nossos mais velhos é a própria luta então ela deveria ser assim para todos. A gente deveria crescer nisso naturalmente, mas eu especificamente, sempre tive muito incentivo dos meus pais, dos meus tios, Célia também foi sempre uma grande referência e eu cresci nesse meio entendendo que somos indígenas e a gente mora num território que a gente precisa lutar para garantir esse território, e além do território precisamos garantir o básico, que é saúde, educação e isso é tudo através de luta. Então eu cresci nesse meio e entender isso é um processo que demora, mas quando a gente entende, a gente percebe o quão é importante a juventude está inserida nesse espaço de luta.

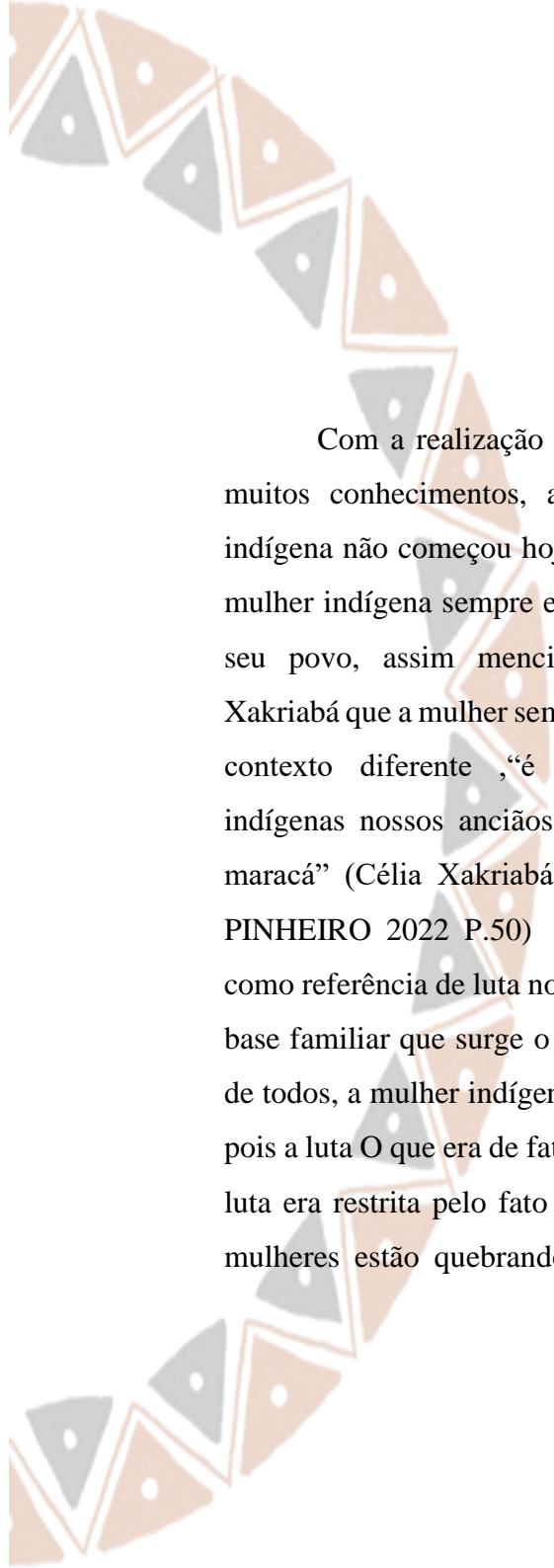
E eu ainda acho que a juventude Xakriabá ela ainda está muito dispersa quando se trata de luta pelo território e a gente vê muitas coisas de fora adentrando o território uma forma descontrolada e isso tem atingido principalmente a juventude. É necessário ter um plano assim para minimizar o máximo possível essas coisas que vem de fora pra dentro pra que a juventude consiga focar no que realmente é importante pra

gente que é a luta pelo território, mas ainda tenho muitas esperanças na juventude, sobretudo na nossa articulação de juventude Xakriabá, que tem uma grande atuação na base, dentro e fora do território. Então tenho muita esperança e o nosso objetivo é cada vez mais atrair jovens para nossa articulação, para que eles entendam e perceba o quão importante são para garantia dos nossos direitos.

E tudo que se trata de mulheres, de juventude, diversidade eu acho importante tratar, principalmente quando se trata de movimento indígena é sempre homens que estão à frente de tudo. Quando na verdade não são eles sozinhos que estão nesses espaços. A questão é que a gente é sempre invisibilizada. Então sempre que tem um alguém pesquisando sobre, eu acho importante porque assim a gente dá visibilidade e mostra para as pessoas que a gente também está nesses espaço, e o quão importante é as mulheres estarem cada vez mais ocupando esses espaço e a participação das mulheres ela é importante em tudo , e sobretudo na política tanto partidária como a política como direito, é porque nós mulheres naturalmente tem uma visão de mundo diferente, assim como a



Articulação Nacional das Mulheres Indígenas ela trata mulheres como cura, tanto que um dos temas da margem das mulheres é : mulheres indígenas e florestando mentes para a cura da terra; eu acho que isso tem muito a ver com nós mulheres indígenas, porque nós temos uma capacidade de cura e de reflorestar, e isso não só de reflorestar as matas, as florestas e sim reflorestar tudo e florestar tudo em nossa volta. Eu acho que é de extrema importância estarmos nesses espaços de tomadas de decisões para que as pessoas entendam que nós temos sim, muita capacidade de ocupar todos os espaços, porque nós não somos só voto, não somos só números, não somos só estatísticas, nós somos pessoas e com muita capacidade de estar nos espaços de decisões, nos espaços de poder e de tomada de decisão.



CAPÍTULO 5

FECHAMENTO

Com a realização deste trabalho conseguimos adquirir muitos conhecimentos, aprendemos que a luta da mulher indígena não começou hoje, e sim desde algum tempo atrás, a mulher indígena sempre esteve presente nas lutas e labutas do seu povo, assim mencionado na entrevista de Fernanda Xakriabá que a mulher sempre participou das lutas porém de um contexto diferente ,“é importante também as mulheres indígenas nossos anciãos que continua segurando a mão no maracá” (Célia Xakriabá, live 08_04072020, 25:35 - 25:40 PINHEIRO 2022 P.50) Saber que temos nossas guerreiras como referência de luta nos fortalece ainda mais, é com a nossa base familiar que surge o anseio de lutar por uma causa que é de todos, a mulher indígena tem o poder de reorientar o futuro, pois a luta O que era de fato uma luta restrita , antigamente essa luta era restrita pelo fato da existência do machismo, hoje as mulheres estão quebrando esses tabus, e graças a elas hoje

temos uma visibilidade maior na participação das mulheres na luta dentro e fora do território.

Analisamos nas falas das entrevistadas várias histórias de luta, cada uma com histórico de luta diferente, mas com o mesmo objetivo de buscar melhorias e visibilidade para o seu povo, sem esquecer daquelas que já se foram deixando também um legado para os que estavam ficando, por estes motivos tratamos aqui fotografias de algumas mulheres guerreiras do nosso território.

Aprendemos que a luta para os povos originários ela nunca acaba, os desafios sempre irão existir, a sempre quem desconhece e que não apoia a causa indígena, porque não é de hoje que os povos indígenas lutam por seus direitos, a luta é constante, mas as ferramentas de luta elas mudam ao decorrer do tempo, então cabe a nós povos indígenas se unirem em busca de um mesmo propósito tendo como base a mulher indígena

aquela que frutifica conhecimentos e saberes. Considerando tudo isto apresentamos a seguir algumas fotografias de outras mulheres com seus nomes, pois acreditamos que suas histórias

merecem ser contadas e registradas ainda que nós para efeitos desta pesquisa não conseguimos registrar todas elas

**Getúlia Muniz de Oliveira
(in memoriam)**



**Rosa De Souza Ribeiro
(in memoriam)**



Ana Araujo Ribeiro



Inês Corrêa Franco



Pedrelina Ferreira Fiusa



Maria Nunes Corrêa



Rosa Nunes Ribeiro





Não poderíamos ocupar esse espaço se não tivéssemos a plena nação . Que mesmo quando calçamos os saltos altos , não deixaremos de pisar nesse chão. Que mesmo usando o celular do mais barato ao mais caro, não deixaremos nossa luta na mão. Que mesmo usando o batom vermelho nos lábios , não deixaremos de nos pintar de
 uorfum.

Que mesmo usando a melhor a roupa, a pintura sempre será nossa melhor vestimenta. Porque nela está a essência , os segredos da espiritualidade que nos sustenta.

Onde quer que eu esteja , no território eu estou, pois o território não sai de mim,
 ainda comigo , por onde vou.

Em nossa essência , gruindo nossas mentes pelo cocar.
 Entoa o canto por todo canto , nas batidas do maracá.

Tudo isso é parte de nós, que traz a nossa inteireza, mulheres, mães, labutas das roças, educadoras, políticas , do lar, Mulheres parteiras e tantas outras que temos
 por cá.

Conhecendo o concreto de buscas , nas alegrias ou tristezas. Somos sementes de buscas, até os pequenos conhecem as labutas de quem não se cansa de lutar.
 Somos fortes, somos guerreiras, somos mulheres Xakriabá.

Versos de Sandra Nunes Corrêa, indígena Xakriabá.
 Compostos para a avaliação desta pesquisa. (31/09/2023)

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Edilene dos Santos. **Análise de uma atividade a partir do calendário sociocultural numa escola da aldeia indígena da Prata, povo Xakriabá.** 2018. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Habilitação em Matemática
- BIZERRA, Luana Leite Pinheiro. **Entre as telas e a terra: o papel da mulher indígena Xakriabá.** 2022. 87 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Formação Intercultural Para Educadores Indígenas, Habilitação em Matemática.) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. Orientadora: Carolina Tamayo Osorio.
- COLETTI, Danielly. Protagonismo de mulheres indígenas no espaço de poder: resistência e superação. Em **MovimentAção, Dourados**, v. 4, nº. 6, p. 20-44, 2017 <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/movimentacao/article/download/9475/4996/29595>
- Revista Xakriabá Dakr̄ewaihkuze: memoria e saberes Xakriabá, v.1. no. 1.s.d.
- SOUZA, C. M. de; SILVA, M. G. dos S. P. e; SPOTTI, C. V. N. A FORÇA DE CONTAR HISTÓRIAS: TRADIÇÃO ORAL INDÍGENA E HISTÓRIA ORAL EM RORAIMA. **Tempos Históricos**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 213–232, 2000. DOI: 10.36449/rth.v17i2.9886. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/9886>. Acesso em: 18 jul. 2023.
- SOUZA, A. S; DOS SANTOS, N.; FIALHO, L.M. A participação de candidatos indígenas na política local: uma análise socioespacial das candidaturas no território brasileiro. Anais do X Congreso Latinoamericano de Ciencia Política (ALACIP). Asociación Mexicana de Ciencia Política y el Tecnológico de Monterrey. 2019.